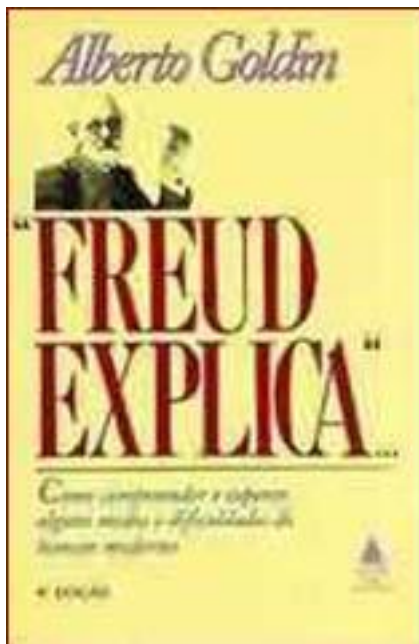


FREUD EXPLICA

Alberto Goldin



Editora Nova Fronteira

ISBN: 8520901840

Digitalizado por Henrique



INTRODUÇÃO

AS ORIGENS

O trânsito sem surpresas permitiu meia xícara de café e alguns minutos de reflexão antes de ouvir a campainha do consultório. – Por que tenho esse horrível mau humor de manhã?, disse o primeiro paciente, inaugurando meu dia de trabalho com esta enigmática frase. Esse porquê marcou aquele dia de maneira especial, talvez pelo modo como foi dito; o certo é que a pergunta permaneceu algum tempo dentro de mim. Recordei que na semana anterior faltou água em casa, fui trabalhar sem tomar banho e estive com um humor espantoso. Teria ocorrido algo similar com ele? Como só consegui pensar em hipóteses tão banais, preferi esperar em silêncio. Seu relato tomou outro rumo que, agora, não saberia precisar. A sessão acabou. Lá pela terceira hora, já na metade da manhã, uma jovem senhora perguntou, também um pouco irritada, como se fosse eu o responsável, por que se sentira novamente dominada por ciúmes do marido, a quem atormentara durante a noite até altas horas.

Na última sessão do dia – já me sentindo um pouco cansado – um executivo relatou que cancelaria uma viagem de trabalho devido ao pânico de subir num avião. Ergueu-se do divã para perguntar-me por que era vítima de tão estúpido medo. Foi, então, que nasceu a idéia de escrever este livro.

Em casa tive a nítida sensação de que poderia formular perguntas sobre as angústias humanas mais freqüentes e tentar respondê-las.

PROBLEMAS DE HUMOR

A primeira dificuldade é que esse gênero de literatura raramente consegue ser divertido e bem sei que não há didática que resista à chatice. Para neutralizar este primeiro e poderoso obstáculo decidi que só realizaria o projeto se

continuasse tão entusiasmado como no começo. Caso contrário, consciente da gravidade de pôr no mundo um livro chato, renunciaria preventivamente a ele, já que o aborto é legal na literatura. Continuei, não me chatee, e o projeto me conquistou, o que já é um ponto de partida.

Um segundo obstáculo é tão grave como o precedente: quando se explica alguma coisa em psicanálise, o leitor é forçado a aceitar dois tipos de argumento; uns apelam para a razão; outros, para a fé. Assim, por exemplo, quando um jovem ama uma mulher mais velha, dizemos que é porque sofre de complexo de Édipo. O argumento da razão baseia-se na estatística: não é habitual que jovens se enamorem de "velhinhas"; o argumento da fé é o de que o interlocutor deve aceitar que os seres humanos, na sua infância, foram apaixonados por suas mães.

Para ilustrar este problema, conto a seguinte história: numa pequena cidade do interior, um inquieto grupo de humoristas decidiu criar o Clube do Humor. Seus associados, para evitar o trabalho de contar reiteradamente as mesmas anedotas, resolveram numerá-las. Bastava mencionar o número - por exemplo "anedota 43"- e, como todos a conheciam, caíam na gargalhada. A única dificuldade era que os sócios novos do Clube não achavam graça nenhuma no número 43, nem sequer no número 17, que era, possivelmente, uma das melhores anedotas da instituição.

Influenciado por esse problema, considerei essencial evitar, na medida do possível, os argumentos baseados na fé. Não existe nenhuma razão para que os novos sócios do Clube da Psicanálise aceitem como autênticos os fundamentos da teoria já que, em verdade, esta só vale para os iniciados. Por esse motivo, quando foi necessário remeter-me à teoria, me dispus a contá-la novamente, o que daria um pouco mais de trabalho (além de que, para alguns, poderia ser uma anedota repetida).

O INCONSCIENTE E A PESCA

A idéia foi tomando forma e consegui imaginar-me entrando satisfeito em uma livraria, tomando nas mãos um livro de minha autoria que relatasse problemas tais como "por que tenho medo de avião?", "por que tenho ciúmes?", "por que temo ser homossexual?" e assim sucessivamente. Por acaso seria uma obra original? Há algo de óbvio em tudo que é novo, e algo de novo em tudo que é óbvio. Ao pensar nessa oscilação, me senti reconfortado. Comecei a perceber com que enorme freqüência nós, os seres humanos, fazemos perguntas sobre nosso comportamento. Seguindo minha intuição, e para pô-la à prova, defrontei-me com a inevitável pergunta: por que eu, justamente eu, devia escrever um livro?

Não é muito simples ser psicanalista e paciente ao mesmo tempo. Por isso minha pergunta não obteve resposta satisfatória. De qualquer maneira o que consegui esclarecer é que me dá prazer resgatar os produtos do inconsciente. É como pescar num lago: partimos da certeza de que o escorregadio animal está na água; peixe e sintoma têm algo em comum - são basicamente imprevisíveis, surpreendentes, e capturá-los não depende só da boa ou má vontade do pescador. E mais simples explicar o prazer da pesca que o prazer da psicanálise, mas ambos os produtos - sintoma e peixe - exercem sobre os praticantes uma curiosa sedução. Colocamos uma isca para o peixe morder, mas este é uma outra isca que o pescador morde. Peixe e pescador morrem pela boca. Ambos, seduzidos, se paralisam; então, ou o peixe sai da água ou o pescador se afoga. Ambos estão arriscados a não voltar mais ao seu lugar de origem. De qualquer modo, às vezes o sintoma é capturado e, contorcendo-se, humilhado pelo nosso olhar, justifica o trabalho algo patético de haver passado horas esperando-o. Um raro balé, um Moby Dick freudiano no qual nem sempre se sabe quem pesca quem -

talvez esse detalhe não tenha importância. Mas assim como o pescador tem necessidade de exibir sua presa, também o pescar no inconsciente produz satisfação maior quando se faz em presença de outros. É por isso que se realizam concursos de pesca e, ocasionalmente, se escrevem livros. Em ambos os casos, autor e obra, pescador e pescado têm o hábito de serem retratados juntos. Os íntimos sabem que, entre eles, acontece uma comovedora e estranha relação, na qual não falta possessividade, amor, ódio, ciúme, etc.

A COLONIZAÇÃO DO INCONSCIENTE

Quando alguém indaga por que sente uma emoção, ou por que tem uma conduta de aparência absurda, está afirmando que, dentro dele, desencadeou-se algo que desafia sua lógica; as possíveis razões parecem insuficientes, os efeitos independem de suas causas. Quem manifesta que tem mau humor ou ciúme – e não sabe por que – revela que há um fator que o motiva e o surpreende. Com ou sem seu consentimento, humildemente, está admitindo a existência do inconsciente, assim como o ateu que, comovido, ao expressar "meu Deus", perde, por esse instante, seu ateísmo. Ao surpreender-se e ao deprimir-se sem motivo, está sendo espectador de sua emoção, como se a observasse através de uma janela. Esta janela é a fronteira que reúne e separa o que é próprio do que é alheio.

A pergunta POR QUE ISTO ME ACONTECE? está situada na fronteira da sua consciência que, ao fracassar, apela perplexa para o inconsciente. A razão, que explica tudo, se empenha em colonizar o inconsciente por intermédio desta pergunta. É claro que jamais conseguirá terminar esta missão, mas cada metro conquistado tem mais utilidade no lado da consciência do que no inconsciente.

UM ESTRANHO NA ORQUESTRA

Angústia, tristeza, medos são sintomas que emitem estranhos sons executados por um músico invisível que se infiltrou na orquestra e desfigura a melodia sem que possa ser localizado. Pode-se escutá-lo, mas não se pode vê-lo. Perturba o concerto, altera a partitura, mas basta um pouco de paciência e cuidado ao ouvi-lo para percebermos que ele também executa uma melodia, por momentos afinada e coerente, que pode nos dar prazer ou nos alarmar, mas que não é possível ser ignorada.

OS PERSONAGENS: O NEURÓTICO E O PSICANALISTA

Voltando ao livro, há uma extensa lista de temas a serem analisados e, entre estes, selecionei alguns. Um personagem sem nome nem idade exercita um monólogo. Não propriamente uma consulta a um profissional já que ele é um sujeito resistente à psicanálise; não acredita muito nela – reconhece apenas que lhe sucedem coisas que não compreende. Esse personagem sou eu: às vezes, um sujeito deprimido; em outras, uma mulher louca de ciúmes; um jovem com medo da homossexualidade; ocasionalmente alguém que sofre de temores absurdos ou que simplesmente não consegue dormir. Descobri que eu era todos eles porque todos somos tudo. O que ocorre é que, como resultado de cortes e artifícios diversos, chegamos a pensar que as pessoas são muito diferentes umas das outras. Não é verdade; somos espantosamente iguais. O que muda é a habilidade que temos para negar o que não queremos ser, e astúcia e convicção para afirmar o que aparentemente somos.

Este personagem, o "neurótico", contracena com um psicanalista que, por acaso, também sou eu. Entre os dois existe um diálogo informal, sem que necessariamente um dirija a palavra ao outro. Não é exatamente um diálogo nem uma consulta; não se aconselham, apenas falam, se explicam sobre aquilo que sentem ou aquilo que sabem. As vezes são

excessivamente simples, em outros momentos mostram alguma criatividade, mas posso assegurar já que os conheço bem: jamais estão totalmente convencidos do que dizem. Aprenderam que qualquer certeza é louca. Ou talvez só tenham uma única e louca certeza: a de que, apesar de tudo, falar e conhecer-se vale a pena.

POR QUE TENHO MEDO DE VIAJAR DE AVIÃO?

O que no começo foi uma simples hipótese, à qual não dei maior importância, confirmou-se com a naturalidade com que ocorrem as tragédias: fui escolhido, promovido, premiado – iria a São Paulo semanalmente. Minha passagem no vôo doméstico para a próxima segunda-feira já está comigo. Guardei o bilhete na carteira quando já começava a se dissolver com o suor das minhas mãos. Pensei em largar o emprego. Talvez viajasse de trem... Melhor ainda: como gosto de dirigir, diria que, saindo às 3.30h da madrugada, poderia estar às 8.40h na reunião de diretoria. Enquanto refletia, vi minha secretária me olhando com ar estranho e algo na minha expressão assustou um colega de escritório, que simplesmente se afastou sem saber o que se passava.

O primeiro encontro em São Paulo coincidiu com uma greve dos aeroviários, que suspendeu minha viagem por pura intervenção divina. O segundo encontro foi cancelado por uma febre de 39°,- simples gripe, disse minha mulher. O terceiro vai fracassar exclusivamente por meu pânico. Considerei a hipótese de chegar ao aeroporto, tomar tranqüilizantes, duas doses de uísque e, então, drogado, entrar na máquina e, talvez assim, eventualmente chegar a São Paulo. Bem, como explicaria minhas olheiras profundas, meu hálito alcoólico? O que restaria do agressivo gerente de empresa? Imaginei todo tipo de catástrofe: explosão em vôo, desprendimento da asa direita, enfim, um pouco de tudo. Resumindo: seria minha primeira viagem da minha última reunião de diretoria que, por esses banais motivos, não se

realizou. Encerrou-se assim uma bem-sucedida carreira de gerente de compras, profissão que dignamente exerci durante os últimos 17 anos de minha vida. Administro, hoje, com salário e vantagens bem menores, uma casa de ferragens e fechaduras no centro da cidade (também fazemos chaves em um minuto) para onde tomo o metrô diariamente, desta vez sem problemas, graças a Deus.

RAZÕES

Por mais que se pretenda tornar o fato natural, nada justifica que, sem sermos pássaros, viajemos entre as nuvens, mas assim mesmo se viaja. Nada justifica que voe mas, contrariando as leis mais elementares da natureza, como a da gravidade, voa. Legiões de viajantes atestam isto enfrentando a proeza enquanto lêem jornal; enquanto outros, de espírito mais arriscado, iniciando amizades, projetando negócios, etc.

Uma vez mais o mundo se mostra diverso: alguns se divertem com os mesmos motivos que outros sofrem. Serão alguns irresponsáveis na sua calma? Enquanto outros previdentes no seu pânico? Não foi Newton, por acaso, quem decretou que as coisas caem por seu próprio peso em direção ao centro da terra e não em Miami ou N.Y.? Como entender o medo de avião?

MEDO DO POSSÍVEL

Sabemos que o que está no alto pode cair e o que é inflamável pode se incendiar. Você entra em pânico porque desconhece o que pode ocorrer com o avião durante a viagem. Vale dizer, o medo se instala numa rachadura do possível. Temer um acidente mortal andando de bicicleta parece estranho, mas que um avião se precipite ao solo é factível, ou seja, nos aproveitamos de uma circunstância

possível para instalar uma outra, imaginária. Este mecanismo é conhecido na teoria psicanalítica como RACIONALIZAÇÃO. Racionalizar um fato significa encontrar-lhe uma razão, uma justificativa, explicar um fenômeno que, de outra forma, seria inexplicável, irracional. No caso da fobia ao avião a racionalização está muito próxima da razão e, por isso, ambas se confundem. A razão se fundamentaria nos ocasionais acidentes de avião. Racionalização seria, por este motivo, me privar de andar nele. Se esse argumento fosse válido, não poderíamos viajar de automóvel porque há freqüentes acidentes nas estradas. Porque houve uma vez um incêndio num teatro, não poder ir a outro.

Esse mecanismo impregna toda a organização mental porque é a maneira como a consciência JUSTIFICA seu equívoco. É importante saber que a mente humana tem compromissos com a lógica formal e, como o fundamento da neurose é ilógico, assistimos aos esforços racionaliza dores do sujeito para dissimular os absurdos a que se vê submetido. Dessa forma sobem ao avião dois medos e ambos ocupam o mesmo assento. Um medo oficial, racional, que declara em voz bem alta que teme que o avião sofra um imprevisto; medo normal, centrado na estatística, visível em qualquer passageiro, neurótico ou não, e que cresce ante qualquer indício de anormalidade. E um medo ignorado que se infiltra como passageiro clandestino, invisível aos olhos e cujo fundamento é irracional: só ataca aos especificamente fóbicos de avião. Produz um efeito no corpo: acelera os batimentos cardíacos e a respiração, faz suar; infantiliza e converte o protagonista num ser dependente e ridículo. Analisaremos este último medo, porque o primeiro se inscreve na razão e oculta o segundo.

ANGÚSTIA POR DESCONTROLE – UM NOVO COMANDANTE

Que medo irracional é esse?

- É O MEDO DE ABANDONAR-SE nas mãos de um outro, de um piloto, de uma máquina. Por quê? O argumento que está em jogo é relativamente simples: como desconheço a perícia do piloto ou a segurança da máquina, SOU EU MESMO QUE, COM MINHA IMAGINAÇÃO, ESTOU TOMANDO O CONTROLE DA NAVE. O verdadeiro piloto agora sou eu, que, ilusoriamente, controlo cada pequeno ruído, cada gesto da aeromoça, cada inflexão de voz do comandante. Com o novo aprendiz de piloto irremediavelmente a nave se precipitará ao chão, ou se chocará com a montanha, ou aterrissará no pátio de uma escola. Duvidando que o piloto me leve a bom destino, eu – somente eu – serei capaz de resolver a situação. Mas, se duvido dele, a contrapartida é a certeza de que, de minha parte, ignoro tudo sobre o avião. Premissa falsa e conclusão correta, o único resultado possível é a angústia. "Apertem os cintos que o piloto sumiu" marca a verdade latente do pânico. O piloto desapareceu e, em seu lugar, sou eu, modesto passageiro que, da minha poltrona, tenho a responsabilidade de dirigir a nave com minhas mãos crispadas, com cólicas, os dentes apertados e muito suor. É certo que nesse momento estamos objetivamente entregues ao destino e é pouco o que poderíamos fazer para resolver qualquer imprevisto que pudesse surgir durante o voo. Somos objetivamente IMPOTENTES porque não podemos, nem sequer precisamos, fazer absolutamente nada a não ser cochilar ou ler uma revista; é claro que não conseguiremos evitar uma tempestade ou resolver um defeito mecânico na nave. Em certa medida o destino está, momentaneamente, fora do nosso controle, o que – diga-se de passagem – não tem nada de excepcional: ao tomar um modesto táxi na cidade, ou assistir a um jogo de futebol, também ignoramos todas as circunstâncias que poderão se apresentar e que, excepcionalmente, poderiam acabar em tragédia. O intolerável para quem sofre a fobia é precisamente essa incapacidade para controlar o destino. É essa IMPOTÊNCIA que o induz a tomar uma posição

exatamente inversa, de ONIPOTÊNCIA, ou melhor, de CONTROLE ONIPOTENTE. Nem sempre é possível manipular a realidade à nossa conveniência, e é essa limitação que gera o mecanismo que supostamente a controla. A onipotência é a razão do débil, já que o indivíduo realmente potente sabe que toda força é relativa e que, fora das novelas, os acontecimentos seguem sua própria determinação. Assim só alguém que se crê onipotente poderá imaginar ser mais eficiente que um piloto treinado, ou então, que sua intervenção conseguiria resolver um problema melhor que o próprio sistema de manutenção da companhia aérea.

A onipotência é um sistema que converte o indivíduo num imaginário diretor de cena e este mecanismo tem várias manifestações. Uma delas é a ONIPOTÊNCIA DO PENSAMENTO que supõe que os pensamentos surgidos, tanto no avião como no caminho para o aeroporto, são fundamentais para decidir se o vôo chegará ou não ao seu destino. Um exemplo desta situação é alarmar-se por lembrar de uma pessoa que sofreu um acidente, analisar o número da poltrona e interpretá-lo como um recado do destino que nos avisa da proximidade da tragédia. Qualquer demora ocasional, nessas condições psicológicas, é interpretada como um prenúncio de fatalidade. O que ocorre é que NEM SABEMOS E NEM PODERÍAMOS SABER com certeza o que acontecerá. O mecanismo onipotente está ali para não aceitar a impossibilidade humana de conhecer seu futuro imediato. Essa ignorância não é específica da viagem de avião; é um sentimento que nos acompanha durante toda a vida, mas nesta ocasião torna-se insuportável.

O PREDESTINADO

Ainda que a fobia reduza momentaneamente a capacidade intelectual, quem a sofre sabe que os acidentes aéreos são muito pouco freqüentes; mas tem o exato sentimento de que, por serem pouco prováveis, o dia

escolhido para ocorrer é precisamente aquele em que ele é um dos passageiros. E ainda que racionalmente compreenda que sua presença no vôo nada tem de particular, no íntimo tem a certeza de que este será um dia diferente. O mais correto seria dizer que ele é um indivíduo especial e, se lhe permitirmos, nos contará todas as coisas casuais ou inesperadas que lhe ocorreram na vida. Basta para isso que durante um dia se acumulem dificuldades, que tudo lhe saia errado, para sentir-se pessoalmente tocado por esse destino. O contrário também vale quando as coisas da vida se organizam de forma surpreendentemente favorável. Logo considerará isto uma nova prova de sua excepcionalidade. Sofre de uma espécie de ilusão de ótica muito difundida entre os que padecem de fobia. A ilusão consiste em que, como SEMPRE ESPERA O PIOR, quando algo acontece, também se confirma que possui um talento especial para antecipar os fatos. A contrapartida é que numa infinidade de situações O PIOR NAO SE CONFIRMOU, mas, curiosamente, esse fato carece de importância para sua estatística subjetiva. O óbvio, então, é que tem a certeza de ser objeto de um destino singular; ser um escolhido de Deus, enorme honra mas, também, pesada carga. Porque se Deus se ocupa pessoalmente do seu futuro, quer dizer que tem com ele um pacto de reciprocidade e, se valoriza e precisa muito desse pacto, conservará a fobia para não perdê-lo. Ou seja, é justamente a fobia o que marcará a condição de predileto de Deus. A própria fobia é sinal da eleição divina. Se considerássemos por um instante a possibilidade dele ser um simples ser humano, sujeito a banais possibilidades estatísticas, denunciaríamos a fobia como um puro ato de arrogância.

É difícil pensar que uma neurose tão incômoda seja um privilégio; mas quando existe uma grande necessidade de um reconhecimento, de não ser alguém anônimo, a fobia se converte num artifício adequado. Nesses casos é bom recordar que nossa presença no avião não tem a capacidade

de modificar estatísticas de acidentes aéreos, nem provocá-los, nem evitá-los. Vemos então que todos esses esforços da consciência humana visam controlar o imprevisível e, assim, atenuar seus efeitos. Investiguemos um pouco mais este medo, ainda que, para isso, seja preciso fazer um pouco de história.

A PRÉ-HISTÓRIA DA CORAGEM E DO MEDO

Todas as atividades humanas essenciais como alimentação, higiene corporal, transporte conseguem, na infância, unir a necessidade ao prazer. Assim, por exemplo, comer, que é imprescindível e nos deixa saudáveis e fortes, também nos vicia na chupeta, no dedo, no travesseiro, que colocamos na boca como se fossem guloseimas, por puro prazer. Alguns adultos que não puderam abandonar esse prazer da infância vão além da necessidade, e os reconhecemos por serem obesos, fumantes ou alcoólatras. Outros que, ao contrário, reprimiram o prazer, bloquearam então essa função; por isto sofrem de falta de apetite, rejeitam alimentos ou apresentam manias relacionadas com algumas comidas. Fatos semelhantes ocorrem com a locomoção. Originariamente fomos carregados apenas por ainda não conseguirmos andar e este fato também se converte em fonte de deliciosos prazeres. Por sermos levantados, sustentados nos braços, embalados, nos sentimos atraídos pelo tobogã, carrossel, carrinho de bebê, e pedimos para ir de cavalinho, andar de velocípede, de patins, de skate, de bicicleta. O transporte deixa de ser um meio de se chegar a um lugar para transformar-se num fim, o prazer em si mesmo. Há adultos que continuam sentindo este prazer como se pode ver nos parques de diversões, na montanha-russa, por exemplo. Chegam quase ao orgasmo com este prazer infantil. Outros transformam o prazer em profissão e se tornam alpinistas, pára-quedistas ou pilotos de Fórmula-1. Quem, por algum motivo, reprimiu esse prazer

não tolera ser submetido a nenhum movimento que não controle pessoalmente. É o caso de indivíduos que sofrem 'de pânico ao subir num simples elevador, ou que, ao passear por lugares elevados, sentem vertigem.

O medo de avião entra nesta categoria. É ameaçadora a possibilidade de que o avião realize algum movimento inesperado durante uma turbulência. Uma queda brusca - por acaso, um movimento idêntico ao que na montanha-russa dá prazer - no avião produz pânico. É verdade que, no parque de diversões, o indivíduo busca voluntariamente essa sensação, enquanto que no avião ela torna-se compulsória.

HISTÓRIA DA CORAGEM

Como o bebê é pequeno e pesa pouco, o adulto costuma sacudi-lo, brinca de jogá-lo para o alto, tratando-o, enfim, como se fosse um boneco. Normalmente o bebê ri e o adulto tem prazer com isto; se enternece e um código de comunicação não-verbal se estabelece. Da perspectiva da criança, este prazer vai sendo assumido por ela mesma à medida que completa sua maturação motora e começa a se deslocar por conta própria. Dessa primeira fase em que ela era transportada persistem, mais tarde, as lembranças em forma de sonhos. Nestes, o protagonista tem o dom de voar por cima dos edifícios como se fosse um pássaro. Também se conserva esta lembrança em figuras míticas do mundo infantil, como o Super-Homem ou outros personagens voadores em que esta capacidade é profundamente admirada. A clássica fascinação dos pequenos pelos aviões, pelos pára-quedas ou até por subir em árvores expressa este prazer. E uma maneira de perpetuar a satisfação infantil de ser carregado nos braços. De certo modo um adulto, ao transportar a criança, transforma-a por instantes num pássaro ou num super-homem. Quando isto acontece, evita-se o esforço muscular e, desse modo, contraria-se a Lei da Gravidade.

As leis, aliás, podem ser respeitadas ou não e o destino de cada indivíduo se cumprirá em função de tais desafios.

OS QUE GOZAM DESAFIANDO A LEI

Uma das características típicas do ser humano é não abandonar as atividades que satisfazem. Mas quando uma satisfação transgredir uma lei, há um preço que é necessário se pagar, gerando, por exemplo, fraturas, dores, e outros acidentes; ou então exige desenvolver um talento especial para neutralizar seus efeitos. Um surfista, um esquiador, um aviador, um corredor, etc., cada um à sua maneira, se especializa em contrariar a lei da gravidade. Profissionalizam um prazer, se divertem e o habitual é que ganhem dinheiro com isto. Simplesmente continuaram por conta própria o que foi um prazer na infância. São super-homens porque os homens sem superioridade estão obrigados a arrastar sua existência ao nível do solo e a carregar, com esforço, todo seu peso. Os super-homens não têm medo de voar. Na realidade, estão dentro do que se conhece como uma SUBLIMAÇÃO. Isto significa que transformaram uma corrente de erotismo infantil em outra de caráter social, seja no contexto desportivo, artístico ou científico.

Um modelo de sublimação foi Leonardo da Vinci, que, por acaso, também idealizou uma máquina de voar e praticou o vôo imaginativo, que é outro valioso estilo de sublimação. O interessante de sublimar é que se goza sem sexo e que, ao contrário deste, que deve praticar-se na intimidade de um quarto, a sublimação pode e deve ser publicada, como podemos verificar nos astros de esportes perigosos. Basta perguntar-lhes por que fazem esses esforços ou se submetem a riscos; responderão de imediato que o fazem por puro prazer.

HISTÓRIA DO MEDO

Mas os heróis são poucos. A grande maioria é constituída por pessoas comuns, talvez um pouco covardes. E se podemos encontrar a razão da coragem, também é possível encontrar a razão do medo. Este talvez seja o sentimento mais essencialmente humano e que, de alguma forma, permitiu a sobrevivência da espécie. Se observarmos nossa carteira de identidade, encontra-remos a data de um acontecimento memorável: a do nosso nascimento que é, obviamente, anterior às nossas lembranças conscientes. A memória começa por volta do quarto ano de vida. Há uma descontinuidade entre uma e outra data e normalmente a atribuímos ao conhecido argumento de que a maturação neurológica ainda não estava completa.

Ao mesmo tempo nossa experiência adulta nos mostra que as crianças de 3 ou 4 anos, em certos momentos, atuam como pessoas perfeitamente integradas e capazes de surpreendentes rendimentos intelectuais. Mas essas crianças, quando adultas, também terão esquecido a maior parte de sua história infantil com exceção de um ou outro episódio mais significativo, de maior peso dramático, talvez nascimento ou morte de pessoas próximas. Ainda assim, esses episódios se conservarão isolados como imagens soltas sem grandes condições de se articularem cronologicamente. O certo é que a maior parte da história infantil se apaga. E não desaparece por ser pouco significativa, mas devido a um processo ativo e inexorável de REPRESSÃO, que chega na vida da criança como a serpente no paraíso, introduzindo o medo e a vergonha. Da mesma forma com que Adão e Eva são expulsos e temem a DEUS, cada um de nós cumpre este caminho e dele sai cheio de temores. É o processo também conhecido como Final do Complexo de Édipo, o qual, além da antiquada história do amor pela mamãe e o clássico mau humor do papai, tem a contundência de enquadrar o sujeito na lei: enche-o de mandamentos aos quais é imperioso obedecer e é neste momento, próximo aos cinco anos, que a criança inicia sua escolaridade. Será ela obediente, temente a

Deus, ou então rebelde mas, sem dúvida, será alguma coisa porque, mordida pela serpente do saber, entende que pode ser castigada: introjetou o código do comportamento humano. A partir daí, constituídos ambos – indivíduo e lei –, o universo do sujeito se divide em duas partes: numa delas as coisas são permitidas e na outra estritamente proibidas. Está proibido desejar sexualmente a mãe e irmãs, não se pode matar pessoas, etc. Sintetizando: o proibido se transforma em inconsciente e o consciente se transforma em História, porque é nesse instante que se configura o quilômetro zero da nossa memória; começamos a ter consciência própria e, agora, sim, recordaremos das coisas que nos acontecem. E como às vezes isto pesa, será imprescindível carregar o peso da consciência.

O prazer de ser transportado poderá ficar do lado iluminado da consciência e continuar se desenvolvendo como uma atividade sublimada, produzindo, por exemplo, um futuro avião; ou então ficar do lado obscuro, invisível, do inconsciente e, neste caso, produzir angústia a cada vez que seja ativado.

Nesta última condição este prazer será tratado como uma atividade pecaminosa, que é preferível evitar. O indivíduo terá, então, medo de avião porque tal prazer ficou entre aqueles proibidos pela lei. Sofre, portanto, enquanto seu vizinho de assento se delicia com um uísque na mão. Um sente-se confortado com os movimentos do avião, o outro vive esses movimentos como um castigo divino. Um mesmo fato – aqui prazer, ali castigo. Uma terceira possibilidade, menos extrema, será que a sublimação não seja tão eficaz para produzir um campeão, nem que a repressão gere necessariamente um neurótico. Referimo-nos a um resultado, talvez o mais freqüente, produto intermediário ao qual vulgarmente chamamos de indivíduo normal, passageiro comum, esses que enchem os aeroportos e que poderão viajar

de avião sem grandes preocupações, mas sem talento para gozar dirigindo um boeing.

VOLTANDO À NAVE

Vemos então que na fobia o avião dispara uma emoção que dormia placidamente no inconsciente. O pensamento, contaminado pelo medo, faz o sujeito atribuí-lo à insegurança da máquina, o que o torna frágil em meio às nuvens. Impotente e incompetente para o prazer, duvida do destino, sobre as mesmas bases em que outros cegamente nele confiam. O corpo, prisioneiro dessa armadilha, perde a espontaneidade e o automatismo de seus movimentos (embora jamais tenha precisado que alguém lhe explicasse como funcionar, como respirar, como mover-se). Ao entrar em pânico, perde seu piloto automático e a consciência exerce sobre ele uma intervenção nefasta. Ao pretender pilotá-lo, verifica que as funções vitais se desorganizam pela intervenção voluntária, precisamente ao exigir-lhe um bom funcionamento. Quer deixar de suar, pretende autoritariamente que a respiração volte ao ritmo normal e será este desejo que impedirá seu bom funcionamento. O próprio corpo é, agora, um avião dirigido por um piloto inexperiente. Identificado de algum modo com a catástrofe, antecipa-a dramaticamente. A respiração se altera, o coração dispara, suores, garganta seca, como uma máquina sem combustível. Daí se depreende que - assim como os aviões funcionam com um sistema de segurança que torna pouco provável um acidente-o corpo também funciona com um automatismo que dispensa a intervenção da vontade. A angústia produz, então, uma verdadeira anarquia corporal, uma sensação íntima desagradável e de morte iminente que, embora seja objetivamente incapaz de matar, sem dúvida, o sugere. Observamos que mesmo estando em terra, a simples idéia de que o avião possa acidentar-se é suficiente para desmoronar a harmonia corporal. Podemos nos perguntar o

que é mais importante: o físico ou o psíquico. O mais essencial, na verdade, é o equilíbrio entre ambos.

Se um pensamento tem poder suficiente para disparar a angústia, conseguimos entender por que alguém que crê nas práticas vodus pode morrer por seus efeitos. São efeitos simbólicos que atuam sobre o corpo. A angústia da viagem desorganiza a unidade simbólica do corpo e seu efeito é tão poderoso que nem sequer é preciso estar dentro do avião para sofrer seus efeitos; basta, às vezes, imaginá-lo.

OS MEDOS PERSISTEM

- Bravo! Me encantou! Achei a explicação muito interessante, mas continuo com medo. É claro que continuo a pensar na enorme quantidade de parafusos, correias, polias, baterias, que podem facilmente se romper, como ocorreu semana passada com meu carro. Fiquei enguiçado no meio da avenida, um problema no carburador... imagine se me acontece no ar... explodimos! Desaparecemos! E verdade, sou arrogante, tomei o controle da nave e, seguramente, reprimi meu prazer.

Mas ainda assim tenho medo.

- Permita-me esclarecer-lhe que não saberá se a fobia persiste ou se desapareceu, sem confrontá-la com uma experiência real. Só saberá depois de haver uma viagem calma de avião.

- Bem, mas, por ora, continua difícil. Racionalmente reconheço que não tem sentido, mas não consigo vencer o medo.

- Falemos um pouco mais; talvez surja algo de novo...

- Não sei realmente o que lhe dizer. Apenas morro de medo e isto é uma séria limitação em minha vida; com a

única exceção de viajar de avião sou um pessoa que faz tudo o que deseja.

NÃO DEVO REALIZAR O QUE DESEJO

– Você se sente limitado pelo medo de avião... Coloquemos a questão de outra forma: como seriam as coisas se conseguisse realizar tudo a que se propõe?

– Nesse caso seria uma pessoa feliz.

– Isto é verdade, mas talvez exista uma outra hipótese: é evidente que esse é um desejo que você não consegue realizar. Assim, liberando esta proibição, verificaria que é capaz de REALIZAR TODOS OS SEUS DESEJOS. Vamos imaginar por um instante que, além dos desejos conscientes, existem outros desconhecidos. Imaginemos que odeia intensamente uma pessoa próxima; alguém com quem, por algum motivo, você tem que conviver e respeitar – uma sogra que mora na sua casa, para sermos originais. Suponhamos que a odeia tão intensamente a ponto de desejar a sua morte. Este desejo homicida vive em seu inconsciente.

– Bem, não precisamente minha sogra, mas há uma pessoa que me provoca sentimentos parecidos.

– Se o ódio fosse suficientemente intenso, você poderia ter medo de, num momento de irracionalidade, materializar seu ódio, agredindo ou matando essa pessoa. Qual seria então a melhor maneira de evitar um homicídio?

– Talvez convencer-me de que não sou capaz de...

– ...realizar o que desejo... e a melhor maneira de NÃO REALIZAR AQUILO QUE SE DESEJA É CRIAR UMA IMPOSSIBILIDADE. O avião, pelos riscos imaginários de morte que provoca, é um bom veículo para sustentar seus sentimentos homicidas. Poderíamos entender, assim, sua frase: "Não realizo justamente aquilo que desejo com mais

intensidade." É verdade que se referia ao avião, mas se a aplicássemos ao desejo homicida, diríamos que é melhor que seja assim. Desta maneira, o viajar de avião se transforma numa garantia, um símbolo de que, sob hipótese nenhuma, REALIZARÁ SEUS DESEJOS. De nada serve, então, demonstrar a irracionalidade do medo. Oficialmente, o que está bloqueado é a viagem de avião; inconscientemente, porém, o voar é a chave que trava desejos de outra ordem.

- Bem, agora que falou dessas coisas que os psicanalistas adoram, coisas algo ridículas, deixe-me ver se entendi correta-mente: quer dizer então que o que verdadeiramente necessito é NÃO PODER REALIZAR ALGO QUE DESEJO (viajar de avião) PARA TER A CERTEZA DE QUE TAMBEM NÃO REALIZAREI OUTROS DESEJOS (homicidas) QUE NADA TÊM A VER COM O AVIÃO.

-- Seu medo, no avião, é o de MORRER, EXPLODIR, DESAPARECER, o que seguramente é muito parecido com o que está desejando para a pessoa que odeia inconscientemente.

Agora entendemos que o medo de morrer numa viagem de avião tem relação com o fato de que nele viaja um perigoso assassino; só que este, por pura casualidade, sempre compartilha com você o mesmo voo. Isto agora é compreensível: esse indivíduo violento, capaz de produzir uma catástrofe aérea, não é outro senão VOCE MESMO. Por esse motivo, deixe seus explosivos em casa, chame seu agente, reserve sua passagem, não se esqueça de que estamos em alta temporada, pode eventualmente ter uma surpresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, SIGMUND — Obras Completas, Rio de Janeiro, Editora Imago

1. Atos obsessivos e práticas religiosas. (1907)
2. Inibições, sintomas e angústia. (1926)
3. As pulsões e suas vicissitudes. (1915)
4. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância.
5. Recalcamento. (1915)

POR QUE TENHO INSÔNIA?

Vai ser uma daquelas noites. Sei com antecedência o que vai me acontecer. Vou me sentir uma idiota, uma espectadora do silêncio. Os ponteiros do relógio circularão, monótonos, sem prestar atenção em mim. Horas inúteis, minutos vazios em que saio de cena e me vejo de fora. Minha situação atual, meu trabalho, minha vida darão voltas na minha cabeça. Repassarei cada palavra da tensa discussão que tive com minha sócia. Será uma nova e interminável noite da qual levantarei mais esgotada do que quando fui dormir. A escuridão é insondável; a noite, misteriosa e minha vida revela-se patética quando, por falta de algo melhor para fazer, utilizo esse tempo para repassar, uma e outra vez, o filme da minha existência.

Uma solução é contar carneirinhos, mas vislumbro um infinito rebanho para contabilizar sem que isso modifique minimamente minha situação.

Fazia tempo que não acontecia; vinha dormindo bem quando hoje, justamente hoje, pensei nisto: invocar sem motivos os demônios da noite, talvez esse seja meu erro. Isso os irrita e agora não tenho como apaziguá-los. Talvez haja outras razões que ignoro. Sei que de manhã, na hora exata de levantar, a insônia acaba e aí moiro de sono. O certo é que

por agora estou aqui, esperando que alguma coisa aconteça; como, por exemplo, dormir.

DORMIR-DESPERTAR

O ideal seria dormir só quando temos sono. Mas como não vivemos de férias e a vida funciona com tempos marcados, ao submeter o sono a horários é que surge a insônia. A obrigação de dormir em determinadas horas irrita o insone, que paga um preço alto por isso: nervosismo à noite, cansaço durante o dia. Sabemos que tudo se resolve depois de uma noite bem dormida. Quais são as razões dessa dificuldade de descansar durante a escuridão da noite?

Vivemos em duas dimensões, uma acordados e outra dormindo. Isto tem a vantagem de que, quando não toleramos uma delas, sempre existe uma alternativa de entrar na outra. Assim, por exemplo, se alguém recebe uma notícia trágica e inesperada, pode desmaiar; dorme-se para ignorar o fato por um curto tempo. Ao contrário, num pesadelo o ser humano acorda no meio da noite para escapar deste mau momento. Ao desmaiar, se posterga a realidade insuportável gerada pela notícia ruim. Ao despertar, durante a noite, se nega o pesadelo, ou seja, um sujeito acordado, ao perder a consciência, dorme para defender-se; e um adormecido desperta pela mesma razão. Quando há complicação num lado, se dá um salto e se vai para o outro. Uma estratégia similar aplica-se nas experiências prazerosas. Dizemos que "era uma realidade tão, mas tão maravilhosa que parecia um sonho", ou então "foi um sonho tão perfeito, tão delicioso que parecia real". Portanto, dormir e despertar, sonho e realidade, além de serem duas alternativas da existência humana, também funcionam como fusíveis que se quebram ante uma grande tensão. São duas formas de admitir a realidade, quando se faz incrível por ser excessivamente bela ou intensamente ameaçadora. São técnicas de escapar do sofrimento ou de aceitar o prazer. É

grave quando não se encontra o prazer nem do lado dos sonhos nem no dia claro, quando a angústia invade a ambos os campos. Então permanecemos no meio, irritados, insones, sem conseguir dormir.

O DORMIR E O SONHAR

A teoria psicanalítica mostra que buscamos o prazer nos sonhos e enquanto dormimos. No ato de dormir nos refugiamos num mundo encantado que, se possível, não deve ser perturbado. Mas, como se perturba, dispomos de alguns recursos, sendo o mais importante sonhar para não despertar, para continuar dormindo. Se temos muita sede enquanto dormimos profundamente, podemos sonhar que bebemos água fresca; isso nos permite continuar dormindo um pouco mais. O inverso: quando bebemos em excesso à noite e nosso desejo, em iguais condições de cansaço, é ir ao toalete, podemos sonhar que o fazemos e alucinadamente urinamos. Tudo é muito real, inclusive a vergonha no dia seguinte.

Quando toca o despertador e devemos levantar para trabalhar, podemos sonhar que estamos levantando e nos dirigimos – no sonho – ao trabalho. Tempos depois, ainda na cama, descobrimos o engano.

Os primeiros são chamados sonhos de necessidade, já que as necessidades fisiológicas de beber e urinar se materializam durante o sonho. Os segundos são chamados sonhos de comodidade, já que é este o motivo pelo qual se produz o sonho. A necessidade de beber água ou ir ao toalete, a comodidade de ir ao trabalho sem sair da cama se satisfazem na alucinação do sonho. Em todos esses casos o objetivo é continuar dormindo, porque nos dá prazer. Se isto é verdade, por que motivo o insone não consegue dormir? É óbvio que, por alguma razão, os sonhos cuja função normal é facilitar o descanso não oferecem nenhum prazer. A insônia,

apesar de ser uma manifestação patológica, um sintoma que traz sérios inconvenientes, é o melhor recurso, que o indivíduo dispõe naquele momento.

A insônia é um sintoma, que como qualquer outro possui um conteúdo secreto, é um SABER EM CÓDIGO QUE OCULTA E MOSTRA ALGUMA COISA IMPORTANTE. O que sabemos, neste momento, é que não podemos dormir, mas este saber é parcial, porque estamos ignorando algo mais importante e essencial sobre nossa vida. Nesse momento, o indivíduo é objeto de uma transação que consiste em aceitar um sofrimento, o da insônia, mas, simultaneamente, evitar outro, talvez mais perigoso e ameaçador, proveniente do inconsciente e que poderia manifestar-se durante o repouso.

AS INSÔNIAS – QUANDO A REALIDADE É INDIGESTA

"Não durmo porque seguramente comi alguma coisa pesada que me caiu mal"... Digerimos alimentos com o aparelho digestivo e a realidade com o aparato psíquico. As circunstâncias conflitivas da vida necessitam ser digeridas porque, quando não o fazemos, travam o aparelho psíquico e não se pode dormir. Comer demais – motivo de dormir mal – também se aplica ao fato de que precisamos constantemente mastigar e metabolizar o mundo que nos rodeia. Quando o problema é conhecido, consciente, a perda do sono torna-se justificável. "Não conseguirei pagar minhas dívidas, estou preocupado, não posso dormir." Nesta hora pretendemos pagar a dívida com preocupação. Reconhecemos que é um mecanismo inútil, mas sabê-lo não serve para nada. Preocupados, não conseguimos dormir. Verificamos não possuir recursos para enfrentar a situação: do mesmo modo que há necessidade de se pagar as dívidas, se deve possuir recursos para enfrentar e resolver as situações. Quando dizemos que alguém é são, é porque enfrenta bem suas

dificuldades e consegue atravessá-las sem grandes tensões internas. Neste caso, o não dormir por falta de dinheiro não traz nenhuma solução para o problema econômico; pelo contrário, o agrava, já que no dia seguinte estará bem mais cansado para resolvê-lo. A solução seria admitir o problema e dispor de uma estratégia para superá-lo. É neste sentido que digerir as dificuldades da vida nos permite dormir; não digeri-las, torna a realidade intragável.

Denomina-se ELABORAÇÃO PSÍQUICA o mecanismo que possibilita dormir. É uma tarefa, um tipo de trabalho que consiste em aceitar, em dar entrada às circunstâncias felizes ou dolorosas de nossa vida. Todas as alterações que enfrentamos devem ser elaboradas, sejam boas ou más. Ser premiado na loteria ou perder um ser querido demanda uma elaboração de nosso aparelho psíquico. Elaborar é ordenar dados, reconsiderar em que medida essa circunstância produzirá alterações para as quais deveremos estar preparados. A elaboração psíquica, verdadeira digestão da realidade, é em parte consciente – e nos ocupa horas do dia; e em parte inconsciente, desconhecida – e opera fundamentalmente durante o repouso.

É freqüente ir se deitar com uma preocupação e acordar de manhã mais tranqüilo; não necessariamente com o problema resolvido, mas pelo menos em melhores condições de resolvê-lo. Durante o repouso se realizou a elaboração inconsciente. A insônia, pelo contrário, é uma evidência de que tal função elaborativa está prejudicada ou impedida; de que o aparelho psíquico não dispõe nesse momento de elementos para realizar tal trabalho. Alguma coisa está faltando, talvez um dado, algum esclarecimento ou uma emoção. Às vezes, devemos elaborar situações inteiramente desconhecidas. É o caso, por exemplo, de uma mulher que, ansiosa e irritada, não consegue dormir e depois descobre que exatamente nesta data, há anos atrás, perdeu uma pessoa de grande significação na sua vida e que hoje lhe

seria de grande ajuda. Neste caso, o inconsciente registrou um dado que a consciência esqueceu; aqui a insônia é uma tentativa inconsciente de informá-la, que aquele é um dia especial e importante e a insônia é uma forma de fazer aparecer o ausente, render-lhe homenagens e de um modo estranho passar a noite com ele.

Elaborar é justamente o trabalho que o aparelho psíquico deve efetuar para registrar um conhecimento, colocá-lo em seu lugar certo na consciência e na memória. Para exemplificar, diremos que é algo similar ao que ocorre em uma biblioteca pública quando recebe um novo livro: se não é colocado na sua ordem alfabética, se não se registra nos fichários correspondentes, é o mesmo que não recebê-lo. Não se trata só de possuí-lo, mas de ter condições de localizá-lo e, desta forma, estar disponível para consulta. No aparelho psíquico, os livros, ordenados e fichados, são similares aos pensamentos conscientes; os conhecimentos que estão ali são rapidamente localizáveis e disponíveis. Podemos imaginar o inconsciente, por sua vez, como os conhecimentos ou livros que estão fora de ordem e que, embora existam, para todos os efeitos são inúteis para os leitores da biblioteca.

A FUNÇÃO DA REPRESSÃO

Confeccionar um catálogo supõe separar o que está ordenado do que está em desordem na biblioteca. No aparelho psíquico quem exerce esta função é o mecanismo da repressão, porque não permite que os pensamentos inconscientes ingressem na consciência e a perturbem, já que por suas características especiais desordenam a totalidade do sistema. O ato de começar a dormir equivale a atravessar a barreira da repressão, já que se sai da organização racional para entrar no universo inconsciente. A repressão atua constantemente no ser humano. Seu bom funcionamento é necessário para a saúde mental, já que

quando é excessiva ou deficiente produz efeitos patológicos no indivíduo.

Consciente e inconsciente devem permanecer separados, ainda que ligados entre si, para podermos estar bem despertos durante o dia e dormirmos bem durante a noite.

REPRESSÃO: PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Se a diretoria desta biblioteca recebe um novo livro cujo texto considera inconveniente, pode optar por NÃO REGISTRÁ-LO NO CATÁLOGO e deixá-lo separado em seu depósito. Neste caso, diremos que esse livro foi reprimido: PRIMARIAMENTE REPRIMIDO, JÁ QUE NUNCA FOI REGISTRADO, APESAR DE TER INGRESSADO E, PORTANTO, EXISTIR NA BIBLIOTECA.

No ser humano, as experiências que foram reprimidas primariamente são todas aquelas que acontecem a crianças muito pequenas, que ainda não dispõem de memória ou registro para inscrever o dado. Circunstâncias traumáticas na infância, tais como violências, acidentes, perda de seres queridos, apesar de terem sido reais, são desconhecidas por seu protagonista, porque ficaram fora do arquivo da consciência. Por exemplo, se uma criança nasceu num parto muito difícil, com muito sofrimento, é óbvio que não poderá recordá-lo, mas é possível que toda vez que entre num túnel ou em lugar fechado seja invadida por angústia como reminiscência daquela experiência. O nascimento seria para ela uma experiência reprimida primariamente, similar ao livro que existe e não tem registro. Essas recordações podem retornar às vezes por meio de hipnose, em sonhos, ou simplesmente um dia aparecem no decorrer do tratamento psicanalítico. A insônia também pode ser efeito de uma experiência reprimida primariamente, como, por exemplo, uma situação de violência sofrida na infância durante a noite.

Por outro lado, chamamos de REPRESSÃO SECUNDÁRIA aquela que se produz quando se EXPULSA um conhecimento que JÁ EXISTIA na consciência. É o caso de um leitor, que por discordar de certo livro retira-o de seu lugar e coloca-o em outra estante, a fim de escondê-lo. Está registrado no catálogo, mas se ignora seu paradeiro. Poderia estar em qualquer lugar. Em todos os sintomas neuróticos encontramos a repressão secundária, que é produto do DESAPARECIMENTO DE UMA IDEIA E SUA EVENTUAL SUBSTITUIÇÃO POR OUTRA. Este sistema opera na insônia, onde o protagonista não dorme sentindo-se ameaçado por uma idéia reprimida, ignorada, que poderia emergir no momento de conciliar o sono. Toda neurose é efeito de uma repressão inadequada, seja primária ou secundária, produzindo uma infinidade de mal-entendidos e medos equivocados. É óbvio que um procedimento mais saudável que sofrer de insônia seria incorporar o elemento novo, inscrevê-lo e, na medida do possível, suportar suas conseqüências.

Viver dá trabalho, produzindo, às vezes, uma fadiga enorme, mas não há como escapar desta tarefa. Melhor dizendo, pode-se escapar da condição de saber que o que hoje foi postergado, com certeza, vai retornar outro dia, apesar de nossa oposição. É inexorável que o que é reprimido retorne do inconsciente. Esse retorno sempre ocorre de forma mascarada, incômoda, irritante como é a insônia, que, reiteramos, é uma defesa do sistema e UMA EXIGÊNCIA DE TRABALHO PSÍQUICO, uma obrigação de ordenar, catalogar, inscrever as circunstâncias contraditórias ou penosas de nossa vida. Vemos que é preciso trabalhar para descansar. Trabalhar psiquicamente, para repousar durante a noite.

CAPACIDADE DE DEIXAR OS PROBLEMAS DE
LADO

Existe um mecanismo cujo funcionamento correto é essencial para se dormir bem. Consiste em esquecer as preocupações, fazendo-as desaparecer transitoriamente, postergando-as, pelo menos, até o dia seguinte. Quando este dispositivo funciona bem, pode-se descansar, ainda que os problemas continuem sem solução. Quando este mecanismo falha, qualquer insignificância nos perturba o sono e esta sensibilidade excessiva é uma manifestação neurótica. Chamamos de DISSOCIAÇÃO o mecanismo que nos permite o esquecimento momentâneo. É uma função que varia de uma pessoa para outra e quem tem bem desenvolvida esta capacidade, tem o privilégio de conseguir dormir em qualquer lugar e momento, inclusive no meio de uma batalha, além de obter um aproveitamento melhor de seu tempo. Conta-se que Napoleão tinha esta facilidade. É exatamente o contrário do que ocorre na insônia, onde a capacidade de dissociação é mínima e o descanso se perturba com facilidade.

Dissociar significa dividir. "Dividir para reinar." Qualquer situação difícil ou contraditória fica mais fácil de superar resolvendo-a por partes. Quem não pode dissociar se transforma num indivíduo ansioso, preocupado, e seu bem-estar depende de que o mundo funcione harmonicamente, o que, como sabemos, raramente acontece. Uma boa dissociação não só é necessária para o descanso, como também para o estado de vigília.

Quando não ocorre a dissociação, acaba por afetar a vida na sua totalidade; perdendo a couraça protetora frente à realidade e, portanto, a capacidade de relativizar os problemas da vida.

OS INDIFERENTES QUE PODEM DORMIR

Ao contrário, dissociar em excesso produz outro efeito, bastante singular, já que gera indivíduos que não se preocupam com nada. Dissociam tanto que surpreende a

indiferença com que encaram os problemas, sejam simples ou graves. Superficialmente poderia parecer que dispõem de uma excelente fórmula para serem felizes, algo que todos desejaríamos: poder liberar-nos de nossas preocupações, deixando-as de lado. Porém nem sempre é uma estratégia adequada; esta dissociação excessiva pode converter o indivíduo num ser alienado, indiferente, pouco sensível às pessoas e situações de seu meio social. Em grau extremo é alguém que, se bem que durma com facilidade, o que na verdade não consegue é estar acordado.

MOTIVOS DE INSÔNIA

Ao dormir, estamos indefesos, e nossa primeira reação é acordar. Dormir em paz é como voltar à ingênua segurança da infância. Para consegui-lo, precisamos confiar na solidez do mundo que nos rodeia. Se o medo é justificado e algum perigo real nos ameaça, só poderemos descansar quando este perigo cessar. Porém, o mais comum é que sejamos ameaçados por perigos imaginários.

A insônia que nos acomete no início da noite tem como causa mais habitual a ansiedade. Quando acordamos de madrugada e não conseguimos recuperar novamente o sono, a razão mais freqüente é a depressão. A ansiedade tem relação com o medo e a depressão com a culpa.

INSÔNIA POR ANSIEDADE: MEDO DE FRACASSAR

Seria difícil enumerar os medos, que são praticamente infinitos na sua variedade e subjetividade. Não obstante, um deles, possivelmente o maior gerador de ansiedade, é o medo do fracasso; não importa em que. O certo é que isto nos intranqüiliza o bastante para nos tirar o sono. O fracasso coloca em perigo uma imagem que construímos de nós mesmos e que não corresponde ao que somos na realidade,

pois é uma imagem idealizada. Por isso a chamamos EU IDEAL, imaginamos tê-la dentro de um santuário, como um ídolo. Essa figura idolatrada, na verdade, é idêntica a nós mesmos, caso fôssemos da 'altura perfeita, bonitos, inteligentes, ricos, falássemos muitas línguas, atléticos, valentes, etc. Como em geral não somos assim, há uma diferença entre o MODESTO EU que somos e o ARROGANTE EU IDEAL que queremos ser. Vivemos comparando-nos com nosso ideal e qualquer confronto nos ameaça com a VERIFICAÇÃO DE QUE SOMOS MUITO DIFERENTES DE NOSSO IDEAL.

Inversamente, quando temos êxito, nos sentimos eufóricos, porque neste preciso momento o MODESTO EU e o GENIAL EU IDEAL são exatamente iguais. A felicidade consiste em ser igual ao ideal, enquanto que a tristeza é a verificação da diferença que existe entre ambos. Uma boa impressão de nós mesmos, o amor-próprio, é essencial para podermos dormir, algo semelhante a um saldo mínimo de uma conta bancária, ou seja, deve haver algum dinheiro em caixa para poder funcionar. Quando este acaba, se encerra a conta. O amor-próprio é semelhante a este saldo, e como é resultado da comparação entre o Eu Real com o Eu Ideal, aumenta como êxito e diminui como fracasso. A insônia nos alerta de que estamos sem fundos e nos lembra que somos apenas modestos seres: nem ídolos, nem ideais.

INSÔNIA POR AMAR E ODIAR SIMULTANEAMENTE

É inevitável trazer os problemas do trabalho para casa, desta forma, justificando a insônia, já que o motivo é conhecido. Mas complicados são os problemas que já estão em casa: estes freqüentemente são familiares e também desconhecidos. É muito simples compreender que odiemos a um inimigo, porém quando odiamos a mesma pessoa a quem amamos, tudo se confunde. O amor, por definição, vai encobrendo decepções inevitáveis na convivência. Podemos

observar esse comportamento na ruptura de casais depois de muitos anos de casamento. É freqüente que o amor se transforme num ódio intenso que surpreende a todo mundo, inclusive os próprios protagonistas. Antes da separação, este ódio estava reprimido, podendo manifestar-se em insônias, dores de cabeça, problemas de pele, ou ainda tomando a forma de uma exagerada e compulsiva preocupação pelo bem-estar e pela saúde do cônjuge. Qualquer demora pense-se em um acidente fatal, todo problema de saúde, incurável. A hostilidade se manifesta no TEMOR NEURÓTICO de que ocorra algo irreparável à pessoa amada.

A certeza de uma tragédia se inspira na hostilidade inconsciente e não no amor, já que este produz preocupações e temores mais generosos e adequados à realidade. O temor neurótico é produto de um mecanismo chamado AMBIVALÊNCIA, que está constituído por dois sentimentos contraditórios: amor e ódio. Esta conjunção confunde e paralisa, sendo a insônia uma de suas manifestações. O indivíduo pode, não obstante, recuperar o repouso se conseguir separar novamente os dois sentimentos, utilizando para isso o conhecido recurso de dividi-los: amar a mulher e odiar a sogra, por exemplo. É óbvio que o real destinatário desse sentimento é sua mulher, mas, ante a dificuldade de manter unidas as duas emoções contraditórias, uma delas encontra um novo depositário. Outra solução possível da ambivalência é sentir amor e ódio pela mesma pessoa, porém em momentos diferentes. É o exemplo de alguém amado e admirado num primeiro tempo e mais tarde, ao distanciar-se, a admiração se converte em ódio. É isso o que acontece com o ex-marido, ex-sócio, antigo correligionário, etc. São técnicas de resolver a ambivalência, já que, quando é muito intensa, fica difícil conciliar o sono. Os sentimentos, estando confundidos, se bloqueiam mutuamente; o amor não deixa

odiar e o ódio não permite amar. Esse é justamente o momento da insônia.

Parece difícil admitir que o amor não se arruíne pelo ódio, ou melhor ainda, que o ódio faz parte do amor, como demonstram os crimes passionais. "Matamos o que amamos", dizia Oscar Wilde, referindo-se ao fato indiscutível de que sempre se mata por amor. Sem chegar ao extremo de matar alguém, na verdade, se mata apenas o descanso. Ao se ter sentimentos ambivalentes, se produz um plantão racional, uma guarda permanente para evitar que, dormindo, num ataque de sonambulismo, possamos fazer ou dizer alguma coisa violenta contra o ser querido. Voltaria à cena justamente a violência que tanto esforço custou reprimir.

INSÔNIA POR DEPRESSÃO E CULPA

Quando dizemos que alguém dormiu o sono dos justos, significa que injustos ou culpados não podem dormir, porque a consciência lhes pesa. Por consciência pesada e estômago pesado têm-se pesadelos. Não se dorme em paz e nos pesadelos se pagam as culpas, já que elas nos perseguem, nos ameaçam ou nos matam. O motivo pelo qual o deprimido não pode dormir é basicamente porque se considera culpado por tudo, tanto pelos crimes que cometeu como pelos que desejou cometer. Paradoxalmente, sofrer lhe faz bem e estar bem lhe faz mal. Alivia-se ao sofrer, porque esta é uma forma de expiar seus delitos. Ao descansar, seu sofrimento se atenua. Rejeita o prazer do descanso, como qualquer outro, com exceção do prazer masoquista que se expressa em repreensões a si mesmo e em todos os tormentos que sua criatividade permita. Quando recupera o sono, é indício de que está melhorando de sua depressão.

UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO...

A tendência a contar bichinhos ou qualquer outra prática similar se deve a uma tentativa de ordenar a relação com o inconsciente através de uma ritualização do dormir. Todo ritual, seja religioso ou neurótico, tem como objetivo ordenar a anarquia de desejos inconscientes e transformá-los em outras idéias digeríveis, neutralizando as ameaças provenientes do inconsciente. O rezar antes de dormir, além de seu caráter estritamente religioso, pacifica a relação com o inconsciente. Quando as idéias reprimidas não são muito intensas, estes métodos conseguem alcançar seu objetivo. O hábito de ler ou assistir à televisão antes de dormir buscam favorecer a dissociação com o objetivo de esquecer momentaneamente a ameaça.

Assim como na ansiedade o importante é relaxar, na depressão, são mais indicadas atividades que demandam grande desgaste de energia, como esportes mais violentos que exigem grande esforço do corpo, aliviando desta maneira a mente e favorecendo o descanso. A verdade é que, ameaçados ou ameaçadores, nosso repouso se perturba; a paz é imprescindível para dormir. Se consegue dormir, possivelmente vai sonhar.

POR QUE SONHO?

Se observarmos um bebê enquanto dorme, veremos que, por instantes, sorri. Às vezes, imperceptivelmente; outras, de forma clara, ostensiva. Está sonhando – pensamos – e nos contagia com seu sorriso de plenitude. Efetivamente os bebês sonham e é fácil imaginar que o conteúdo do seu sonho reproduz o prazer de seu último almoço e a antecipação do próximo. O bebê alucina esse episódio; por isso sorri, e por isso seus lábios acompanham os movimentos de sucção de modo similar aos que realizou quando se alimentava. Inclusive no plácido sonho parece que as coisas transcorrem ainda melhor do que foram durante o próprio almoço.

Na infância, os sonhos são simplesmente uma réplica e uma antecipação de experiências de prazer; a criança, ao dormir, reproduz, como num filme tridimensional, as experiências prazerosas de sua vida. Deseja comer, deseja que a mãe a alimente e o melhor recurso de que dispõe é ALUCINAR, ou seja, viver durante o sonho a ilusão de que está sendo alimentado, o que, na verdade, só ocorre em imagens enquanto dorme. Por essa razão dizemos que o desejo se satisfaz nos sonhos e esse princípio se cumpre na infância de forma estrita. As crianças, quando acordam de manhã, dizem haver feito a viagem que desejavam; que receberam de presente a bicicleta que estavam esperando, etc.

Se continuássemos sendo bebês para sempre, nossos sonhos teriam essa simplicidade e evitaríamos o trabalho de entender seu significado, que seria linear, simplesmente materializando os desejos. O aparelho psíquico humano nesta primeira fase só busca o prazer: ou ele é trazido do exterior ou, caso contrário, este aparelho psíquico o fabrica com a alucinação. Por isso, dizemos que a infância é absolutamente feliz. O que me negam, alucino, o que para todos os efeitos é o mesmo (apesar de que se me alimentasse exclusivamente na alucinação, com o tempo passaria fome). Algumas pessoas, que catalogamos como sonhadoras, ficam para sempre nesta fase. Para elas tanto faz trabalhar ou sonhar que trabalham, ter êxito e dinheiro ou crer que os têm. Esses indivíduos, sem serem loucos, se refugiam neste mundo infantil que lhes garante uma pequena felicidade e um profundo desajuste. Outros, quando jovens ou adultos, consomem drogas alucinógenas e também buscam produzir essa conjunção maravilhosa entre desejos e satisfações, já que é esse o efeito que as drogas produzem; radicando-se, nisto, o segredo do seu consumo. Sem ir tão longe, quando atravessamos uma experiência deliciosa de qualquer tipo, dizemos que estamos sonhando; estamos nos referindo a esses sonhos infantis em que os desejos se concretizam

alucinatoriamente de maneira perfeita. Por esse motivo, os sonhos satisfazem os desejos e essa qualidade é o elemento central para compreender o por que sonhamos.

OS PROBLEMAS DE SABER E ESQUECER

Ao crescer ficamos um pouco mais responsáveis. Em vez de ter uma mamãe que ADIVINHA que temos fome, sede ou frio, aprendemos a falar e, a partir de então, cada vez que necessitamos de alguma coisa, podemos pedi-la. Por isso, a mãe pergunta ao filho pequeno: "Por que não pede? Você quer que eu adivinhe o que você está pensando?" Efetivamente a criança quer que a mãe adivinhe e, como isso não ocorre, há problemas de comunicação entre mães e filhos, e em geral entre todas as pessoas, já que um está sempre querendo que o outro adivinhe o que deseja.

Simultaneamente, com o aprender a falar aprendemos a pensar, já que o pensamento só funciona com palavras. Se fizermos a prova de pensar sem palavras, veremos que é impossível; e por saber falar é que adquirimos a noção de que existimos, começamos a ter consciência de nós mesmos. Ao redor dos dois anos de idade nossa participação social é basicamente cômica. As coisas que as crianças dizem nessa idade são recordadas como anedotas porque, embora tenham a capacidade de falar, ainda não entraram na repressão cultural que vão sofrer depois dos cinco anos. Nesse momento a criança fala sem censura, desinibida; a repressão, inevitavelmente, vai atacá-la pouco depois. Quando tiver mudado de discurso e falar com inibição, mudará simultaneamente seus sonhos, porque a repressão infantil intercepta os desejos: por exemplo, o desejo erótico pela mãe; o desejo hostil para com o pai, etc. Então, essa simplicidade dos sonhos infantis que surgia do interior como uma simples máquina de prazer agora terá um dique, uma represa que não permitirá que ALGUNS PRAZERES SE REPRODUZAM. Esta é a repressão que vai interferir com o

prazer humano; agora, os sonhos que pretendam dar um prazer à criança vão produzir um efeito oposto. Serão sonhos de angústia, os pesadelos que, como sabemos, atacam o sono das crianças a partir dos cinco ou seis anos, e continuam pelo resto da vida. Nesse momento os pais assistem ao filho valente pedir novamente para dormir na cama junto com eles porque tem medo. Medo da morte, do escuro, dos fantasmas e outros infinitos temas, contribuição do cinema e da televisão. É o resultado de atravessar o inexorável corredor da repressão. Esta época é o momento de grande prestígio dos contos infantis como Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, porque neles encontram o reflexo do próprio medo, todos com o denominador comum: são sinistros. Neles as crianças se perdem, são devoradas por lobos, as mães os abandonam, as bruxas os ameaçam. Neste novo momento da vida acabou-se o prazer e começa a angústia que é a MARCA REGISTRADA DA REPRESSÃO. Seus sonhos agora serão diferentes. Antigamente surgiam como uma fonte de água pura que vinha do inconsciente e só produzia prazer. Agora, quando surge um desejo que passou a ser reprimido, essa água vai se represar no interior e produzirá medos, fobias,

vergonhas, inibições. Os sonhos de puro prazer serão agora sonhos de pura angústia; o inconsciente será o lago que a represa formou no interior da criança e, quando seu volume aumenta excessivamente, transbordará angústia na vida do sujeito.

Por esse motivo os sonhos SEMPRE SERÃO SONHOS DE DESEJOS; APENAS, COMO OS DESEJOS FORAM INTERCEPTADOS PELA REPRESSÃO, SUA QUALIDADE PERDE O CARÁTER PRAZEROSO PARA SER ANGUSTIANTE.

O conteúdo dos sonhos pode ser indiferente, vale dizer, nem prazeroso nem angustiante, e tudo vai depender da participação maior ou menor dos desejos reprimidos, aqueles mesmos que tanto prazer davam antigamente.

RELATO DO SONHO

Um jovem de nome Daniel sonhou que entrava numa quitanda onde as frutas estavam expostas. Havia maçãs que o quitandeiro arrumara cuidadosamente de forma similar à arrumação de alhos ou cebolas, ou seja, como uma réstia. Todas as maçãs estavam unidas a um eixo central. Daniel, a quem os íntimos chamam de Dany, imprudentemente mexeu numa maçã, como freqüentemente fazemos nas quitandas, mas esta se desprende. O homem se irritou e o recriminou. Dany ficou muito preocupado e contou o sonho ao seu psicanalista. É preciso saber que Dany havia perdido, alguns anos atrás, a sua mãe, de nome Eva, em condições trágicas e inesperadas.

Esse sonho aparentemente só relata o pequeno incidente numa quitanda, fato que não recordava ter ocorrido na vida real. Ele viveu a cena no sonho com as imagens e sensações correspondentes. O sonho lhe está dizendo alguma coisa que não parecia tão importante; convenhamos que o episódio do quitandeiro é, em si mesmo, bastante insignificante. Uma qualidade dos sonhos é dar importância a situações banais da vida. Às vezes, seu conteúdo lembra vagamente experiências cotidianas que não tiveram maior relevância quando eram vividas. O episódio da maçã recordou ao jovem a clássica história de Adão e Eva no paraíso, no qual comer a maçã provocou tantos problemas. Essa recordação surgiu porque é recurso utilizado na interpretação dos sonhos pedir ao sujeito que associe livremente idéias em relação ao sonho. Neste caso, as associações o levaram por simples semelhança temática do quitandeiro ao paraíso. Se unirmos as palavras que pronunciou Adão e Eva* mudando o lugar de divisão das palavras, resultará A Dany Eva

Não é um erro de impressão, mas sim um acerto do inconsciente: o que ele queria dizer, e estava impedido, era que tinha muito desejo de estar com sua mãe de nome Eva e que a havia perdido. Para um jovem adolescente o amor à

mãe poderia estar sexualizado; daí a necessidade desse desejo amoroso aparecer em código, por não ser um simples desejo consciente que poderia ser formulado verbalmente, mas sim um DESEJO INCONSCIENTE REPRIMIDO, que é o que constitui a essência dos sonhos. O inconsciente é cuidadoso com a gramática; racionalmente é diferente dizer Adão e Eva e "A Dany: Eva"; assim o astuto inconsciente se diverte fazendo contrabando na frente de nossos narizes, dizendo coisas que jamais poderíamos dizer em voz alta e com boa dicção. Por esse motivo se Dany fosse um bebê, sonharia que está abraçando amorosamente a sua mãe. Mas como é um jovem que, quando se aproxima de uma mulher bonita, a deseja eroticamente, seu sonho teve que

* Nota do tradutor em espanhol "Adan y Eva" resulta em "A Dany Eva" se modificar e a forma que encontrou, nessa linguagem cifrada, foi usar o artifício do quitandeiro e da maçã.

Nossos sonhos são semelhantes aos de Dany, só que com ele existiu a possibilidade de descobrir seus segredos, o que normalmente está guardado a sete chaves.

POR QUE SONHAMOS?

Os sonhos materializam, na alucinação, os desejos inconscientes que, quando éramos pequenos, apareciam diretamente, ou seja, Dany, quando era neném, sonhava freqüentemente que se alimentava com o peito de sua mãe. Com o tempo, ao operar-se a repressão, o sonho também vai satisfazer os desejos, só que de maneira muito diferente.

Não era demasiado lógico que nesse dia, um dia igual aos outros, dissesse que queria muito abraçar e tocar sua mãe. A única coisa que poderia, talvez, expressar é que nesse dia estava triste, ou lhe faltava alguma coisa sem saber precisar qual era exatamente. O sonho esclarece e organiza porque sabe o que deseja, o que não significa que possa

resolvê-lo facilmente, mas ao menos sabe do que se trata. E o mesmo problema que o das pessoas que calçam um número de sapatos diferente do convencional. Seu drama é que seu pé não se adapta aos números que se vendem nas sapatarias, ou seja, precisam fazer sapatos sob medida. Os sonhos são sapatos na medida do cliente, e a linguagem cotidiana equivale a sapatos comprados no comércio. Os problemas humanos respondem a uma expectativa social e é difícil romper essa rotina e aparecer com desejos tão diferentes e ridículos. Somente cada um sabe onde lhe aperta o sapato porque, em certa medida, somos únicos e diferentes do resto do mundo, ao menos no que se refere a nossos desejos. Só Dany sabia que queria Eva, que seu desejo de estar com ela lhe era muito precioso neste momento; mas, como também estava muito excitado sexualmente, era-lhe impossível chegar perto da mãe, bela mulher com a qual, por seu desaparecimento prematuro, nunca esteve quando já adolescente e somente enquanto criança. Era-lhe lógico acreditar que não poderia estar junto da mãe sem misturá-la com sua sexualidade atual; por esse motivo teve que reprimir seu desejo e, com esse desejo reprimido, construiu um sonho. Se tivesse esquecido o sonho ou não o relatasse ao psicanalista, este não teria ficado famoso mas, pelo menos, lhe teria servido, nesse momento, para expressar que desejava estar perto da mãe que amava. Nisto está a vantagem de sonhar, pois, quando mexe na maçã e esta se desprende, para SI MESMO ele está tocando algo mais que a maçã: toca sua mãe, Eva. O quitandeiro se chateia, talvez representando seu pai. Verificamos uma vez mais que, do mesmo modo que se deu com Adão e Eva, nenhum prazer é gratuito. Ser curioso e bisbilhoteiro custa, pelo menos, perder o paraíso.

A maneira com que os sonhos dão sua mensagem engana a consciência e, com frequência, os próprios psicanalistas. Isto não é muito difícil porque o inconsciente é muito mais inteligente do que eles.

AS CHAVES PARA CAÇAR OS FANTASMAS

Mas as coisas não são tão misteriosas; temos, ao menos, algumas pistas para descobrir os fantasmas e passá-los para a consciência pelo menos em situações mais favoráveis. Um dos mecanismos de que se utiliza o sonho se chama CONDENSAÇÃO; isto quer dizer que partindo-se de uma maçã, imagem relativamente simples, invoca-se o velho testamento, constrói-se uma tragédia e cai-se no complexo de Édipo. É surpreendente que tudo isso entre dentro de uma maçã; pois devemos esclarecer que nossa análise poderia ir muito mais longe ainda, mas não devemos abusar da maçã que já deu suficiente material e ficaria muito pesada. Mas, ao condensar muitas coisas num só lugar, fica difícil localizá-las, ou então, quando alguém descobre alguma coisa, já fica satisfeito e deixa de procurar. Assim os fantasmas inconscientes continuam soltos e não sabemos mais nada deles.

Outro mecanismo usado é o DESLOCAMENTO, que consiste em utilizar um novo elemento – neste caso a quitanda ou a Bíblia – para contar a própria história, deslocando desse modo o centro do relato para outro, lugar, aparentemente externo e longe de seu protagonista. É a velha estratégia de guerra: distrair o inimigo com urra objetivo aparente enquanto o verdadeiro passa despercebido. Por isso, quando sonhamos coisas que não têm nenhuma relação conosco, é porque estes mecanismos funcionaram muito bem e deixamos passar como imbecis o significado que esses sonhos têm; se pudéssemos contar com essa informação, seguramente saberíamos muito mais sobre nossa vida.

OS SONHOS DAS CAVERNAS

Os efeitos do isolamento no ser humano foram objeto de experiências a propósito das viagens espaciais. Alguns

voluntários permaneceram durante vários dias em cavernas escuras sem estímulos visuais ou auditivos. Ao fim de algum tempo, essas pessoas começaram a alucinar.

A vida real mantém preso o inconsciente, não lhe dando oportunidade de aparecer. Quando vamos dormir, esses estímulos cessam, está escuro e não há ruído; por esse motivo é semelhante às condições das cavernas, permitindo aos fantasmas aproveitar a oportunidade e aparecerem. A vida cotidiana mantém o inconsciente afastado: quanto mais atividades desenvolvamos, mais distante manteremos o limite com o inconsciente. Mas quando este está muito carregado de desejos, ocorre como nas grandes chuvas: rompem-se os diques e ele aparece de qualquer jeito. Em geral, quanto mais postergado, pior reage e traz maiores inconvenientes, seja produzindo sintomas ou então dificultando as próprias atividades utilizadas para mantê-lo afastado. Não se pode fugir do inconsciente porque, como se vê, somos nós mesmos, nossa história, nossos desejos que estão em jogo. O melhor com eles é aceitá-los porque, assim, de modo recíproco, também nos aceitam e podemos conviver constituindo uma só pessoa pelo resto da vida. Um pouco apertados, é verdade, mas contanto que apareça um de cada vez, não haverá problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, SIGMUND – Obras completas – Rio de Janeiro, Editora Imago

- 1 - A interpretação dos sonhos. (1901)
- 2 - Um suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos.
- 3 - Conferências introdutórias à psicanálise. (1916)
- 4 - Esboço de psicanálise. (1940)
- 5 - Recalcamento. (1915)

6 - Recordar, repetir e elaborar. (1914)

7 - O inconsciente. (1915)

8 - Comentários sobre a teoria e prática da interpretação dos sonhos. (1923)

9 - O ego e o id. (1923)

POR QUE TENHO CIÚME?

Dois são os motivos por que estou contigo: porque te amo e porque não tolero perder-te. Meu amor acabou e por isso só resta o outro motivo. Não suporto imaginar-te em outros braços, teu rosto relaxado depois de fazer amor, que rias, que gozes do mesmo modo que o fazes comigo. Só de pensar, estremeço. Missionário de uma causa medíocre – cuidar para que ninguém se aproxime –, me pergunto se além disso quero alguma coisa de ti. Por que motivo não tolero perder-te? Será tão alto o teu valor? Ou tenho alguma razão para converter-me no guardião oficial do teu corpo? A resposta é simples – outro a teu lado me reduz a nada. Então só te necessito para que teu ser garanta o meu e perder-te é, de alguma forma, perder-me. Estranho pacto; por que o firmei? Sinceramente não sei, como também ignoro quando vai acabar. Finjo pelas aparências, pela pura elegância das aparências, que posso prescindir de ti. E suficiente que perceba algum brilho em teus olhos, olhando alguém com aparente desinteresse, que imediatamente me surpreendo. O pior é que sabes disso. Debochas de minha prisão. Gozas a minha liberdade condicional. Sei que um dia serei livre; só estou esperando que prometas e cumpras: nunca amarás outro. Prometes?

SOU AMADO: SEM AMOR NÃO SOU

Saber que a pessoa amada nos deixa por outra é uma das sensações mais dolorosas que um ser humano pode sentir. Todos já passamos por isso e é mais fácil recordar do que descrever. Não se trata de simples separação ou morte; o ciúme é mais grave que o simples abandono. Diz-se que os amantes têm uma relação narcisista, ou seja, se olham embevecidos, assim como Narciso que, fascinado com sua própria imagem, se afogou no lago. Também eu me observo no espelho dos olhos do outro e vejo, simultaneamente, a mim e a ela. Se minha amada não me vê - porque está olhando para outro -, o espelho não me reflete, ficando vazio meu lugar. Perco as referências que me sustentam. Deixo de ser eu para ser nada.

QUEM SOU EU? - DIGA-ME COM QUEM ANDAS E TE DIREI

Há alguns anos um avião caiu na selva e dois bebês sobreviventes foram alimentados e criados por lobos. Encontrados tempos depois, constatou-se que não falavam e andavam de quatro, emitindo também sons típicos da espécie animal, reconhecendo-se a si mesmos como lobos. Assim, se quem nos amou foi um lobo, SOU UM LOBO, porque o SER é resultado do amor e da dedicação que, neste caso, estes animais tiveram com as crianças. O cuidado concretizou-se na identificação, em um SER. A essa altura da vida, se a generosa loba se ocupasse de outra cria, o pobre bebê não estaria, hoje em dia, como está, saudável, desenvolvendo-se normalmente; ou seja: o amor, em um momento da vida, é essencial. Perdê-lo é mortal e sempre se perde por causa do outro. Neste sentido, o ciúme é urna referência a este instante fundamental da vida, onde dependemos do amor da "mamãe loba" para sobreviver. Quanto melhor elaboramos essa dependência infantil do outro, mais autônomos conseguimos ser e sentiremos, então, menos ciúmes. Quanto menos simbolizamos esta dependência, mais ciumentos

seremos. Construimos uma identidade calcados no cuidado e no afeto. Como resultado desta construção, resta uma interdependência intensa entre AMOR e SER. Em situações extremas, quem não conseguiu autonomia suficiente somente pode SER quando for AMADO. Ter consciência de que nos amam dá segurança, estabiliza o mundo e temos mais confiança em nossas forças; mas quando, para nós, esse amor se converte em algo essencial, nos tornamos dependentes, uma verdadeira sobrecarga. Esta relação também opera ao inverso, ou seja, o ciúme, na medida em que funciona como sinal da perda do ser amado, produz o desmoronamento do ser.

NINGUÉM É DE FERRO

A estrutura do ser humano é parecida com a dos metais, principalmente o ferro, que tem uma forma estável e para modificá-lo é preciso levá-lo a altas temperaturas. Nosso ser, depois de fabricado na infância, também é estável na vida adulta; para modificar-se, deve estar bem quente. As paixões ardentes funcionam como um alto-forno capaz de modificá-lo. Há quem se DERRETA DE AMOR e, uma vez derretido, adquire a forma da pessoa que ama. Deixou sua identidade para assumir a outra. Mas esta mesma dissolução é perigosa quando o amado nos abandona, porque ficamos perdidos, sem referência e sem forma. Tornamo-nos estranhos a nós mesmos e é nesse sentido que o ciumento não só está preocupado em recuperar seu amado, mas também em reencontrar-se, perdeu o espelho onde se reconhecia. Sem plataforma, mergulha no vazio como Narciso no lago. Quanto mais intensa a paixão, maior é a ameaça de perder-se, como é o caso do nosso ciumento do relato inicial: "Outro a teu lado me reduz a nada" - ele só é em relação à mulher. Se ela se vai com outro, ele se perde. Neste homem se conserva muito próxima a relação entre SER E SER AMADO. Talvez

não tenha podido elaborar adequadamente a dependência e uma insegurança infantil retorna, fazendo-lhe

acreditar que vai desaparecer. Se somente podemos SER enquanto AMADOS, é evidente que não há outra possibilidade que não a de ser guardião do corpo de outro, o que funciona realmente como garantia para a própria existência. É diferente passar por uma fase de ciúme como consequência de uma grande paixão, ou viver eternamente ciumento. O ciúme eterno não depende da fidelidade da pessoa amada, mas é a expressão da insegurança na primitiva construção do ser. Por essa razão, não haverá provas suficientes de fidelidade que tranqüilizem; sua causa não está no amado atual e, sim, nos primeiros amores, que, como sabemos, são muito mais difíceis de lidar, pois já passaram.

NÃO DESEJARÁS A MULHER DO VIZINHO

Vivemos numa sociedade monogâmica e a sexualidade é poligâmica, daí a existência do ciúme. Por isso o mandamento, que conhece profundamente os seres humanos, nos adverte: "Não desejarás a mulher do vizinho", pois é desejável por ser mulher e por ser do vizinho, como qualquer outro objeto interessante que ele possua. Assinala também que este desejo está colocado entre os dez primeiros de todos os desejos humanos; se por hipótese não estivesse, passaria a estar a partir desta proibição. O mandamento é uma restrição que visa promover a beleza da mulher do vizinho.

Do mesmo modo que a roupa desperta o desejo pelo nu, a proibição da poligamia a incentiva. Uma característica humana é desejar precisamente aquilo que não deveria, o que acaba transformando o proibido em imprescindível. Há unia antiga guerra entre desejos e proibições e, como é óbvio, os desejos continuam ganhando, pois é ao proibir que se

convencem alguns indecisos sobre o que desejar. Não se pode domesticar o desejo; ao contrário, o que verdadeiramente o extermina é a sua satisfação. O alcoolismo foi pior na Lei Seca, a pornografia só declinou quando foi permitida. Quando um filme é proibido, bate recordes de bilheteria.

Voltando à questão da fidelidade, esta só funciona bem quando surge de uma OPÇÃO QUE O INDIVÍDUO ASSUMIU CONSCIENTEMENTE, PRODUTO DE UMA ELABORAÇÃO ADEQUADA e não como efeito de uma ameaça ou proibição, seja religiosa ou moral. Seria mais fácil considerar que a fidelidade é saudável e a infidelidade neurótica, mas nem sempre é assim. Algumas vezes, vemos sujeitos monogâmicos com sintomas neuróticos porque reprimiram estes desejos. Uma qualidade dos padrões morais é pretenderem ser universais, desconhecendo as diferenças individuais. Por este motivo são adequados em alguns casos e pacificam o sujeito; em outros não, gerando a neurose. Uma peça de Bertold Brecht — O preceptor — mostra-nos brilhantemente esta questão: um jovem preceptor apaixona-se por sua bela e jovem aluna. Sente-se atormentado por seus desejos eróticos, rejeitando-os totalmente, uma vez que a educação da moça lhe fora confiada.

Desesperado, quer castrar-se. Depois de realizada esta medida absurda, as mesmas pessoas que o criticaram por seus desejos recriminaram-no com igual severidade por haver sido tão radical, já que seus desejos eram naturais. Se deseja, é castigado, se se castra, é ridicularizado. Isto também vale em relação à mulher do vizinho. É natural desejá-la, mas é inadequado realizar tal desejo. Esta parábola expressa essa questão, e, como se vê, não existe um modo padronizado de resolvê-la, já que para uns a medida foi adequada e para outros é uma fonte de dificuldades. Aquele que se castra e reprime seus desejos sofrerá efeitos desta repressão: angústias, irritação, depressão. Quem opta por ser infiel sofrerá outras conseqüências tão graves como quem

reprimiu: culpas e críticas do meio social. Por isso a sexualidade da espécie humana não se sustenta bem como Brecht, genialmente, denunciou. Castrar-se é um absurdo e realizá-lo é crítico. É por este motivo que os psicanalistas propõem soluções individuais, no lugar de normas universais como as da moral e da religião. Trata-se de seguir seu próprio caminho e administrar a sexualidade, considerando que a tolerância, a frustração ou a culpa diante do pecado variam de pessoa para pessoa e é essencial achar sua própria medida,

lembrando sempre que tudo tem seu preço. Novamente aqui, o problema baseia-se mais na repressão do desejo que nele próprio.

CASAMENTO COM COMUNHÃO DE BENS

A conseqüência habitual de uma paixão é a união. Passa-se a possuir um título de propriedade de outro corpo além do próprio. Dizemos MINHA MULHER ou MEU MARIDO, nos referindo ao resultado desta transação. A mulher agora TEM um corpo masculino e vice-versa.

Em nome de quem está este apartamento? E este automóvel? Em nome de quem está essa mulher? Esse homem é casado? Ou seja, já tem proprietária? Essa mútua possessão cumpre diversos objetivos, sendo alguns conscientes e outros inconscientes. Um deles é o fato inegável de que, como apenas dispúnhamos de UM CORPO E UM SEXO, nos casando (ou outra relação equivalente) adquirimos OUTRO CORPO E OUTRO SEXO. Mais precisamente O OUTRO SEXO passa a fazer parte de nossas propriedades. E para todos os efeitos será de extrema importância o que o parceiro faça com seu corpo, que agora passou a ser um bem comum. Agora cada um dispõe de dois corpos que podem desejar e dois corpos que podem trair. Se ela cometeu uma traição e se relacionou com outro homem,

utilizou seu corpo feminino -um bem comum-para gozo próprio. Como o marido também é parcialmente dono desse corpo feminino, também participou desta relação sexual, involuntariamente. A reação que o homem vai ter em função desta situação é que FOI ELE QUEM SE ENTREGOU SEXUALMENTE A UM HOMEM, o que parcialmente é verdade, já que é "acionista" de 50% do corpo de sua mulher. Isto permite entender sua reação: será violento, dirá que sua virilidade foi ferida, ficará envergonhado, humilhado e exposto socialmente. A imagem dos chifres, com os quais se ridiculariza esta situação, mostra o sujeito penetrado na sua cabeça, sendo que seria mais difícil representá-lo em sua versão mais autêntica, vítima de uma violência homossexual.

Se analisarmos friamente a situação, ele apenas foi objeto de um engano e não culpado de um delito, justificando-se sua raiva, mas não sua vergonha. Está envergonhado porque inconscientemente realizou um ato feminino: por intermédio de sua mulher se entregou a um homem. Esta propriedade do corpo do outro permite entender o aspecto homossexual do ciúme que sempre está presente tanto em homens como em mulheres.

CIÚMES POR HOMOSSEXUALIDADE LATENTE

"- Quer fazer o favor de não ficar olhando pra essa mulher?

- Qual?

- Aquela, a do vestido branco.

- Aquela perto da porta?

- Não, a outra, que está com aquele gordo..."

A ciumenta aponta qual é a mulher que o marido deve olhar, manifestando-se como a verdadeira interessada na outra mulher. É como se dissesse:

"- No seu lugar, se fosse homem, me interessaria por aquela mulher de branco, que me parece muito bonita."

O verdadeiro interesse, neste caso, é de uma mulher por outra, sendo que o homem, objeto aparente do ciúme, é apenas um intermediário do circuito. No caso inverso o homem escolhe dentre seus conhecidos aquele que lhe resultaria mais atraente, caso "ele fosse mulher". Da perspectiva racional, o sujeito está convencido de que o problema baseia-se na honestidade de sua parceira, ignorando outras determinações.

O caráter homossexual reprimido se faz evidente por certos indícios aos quais devemos prestar alguma atenção; por exemplo, a infidelidade foi cometida e o traído quer conhecer todos os detalhes do acontecimento. Por mais que manifeste

que seu maior sofrimento é saber que seu parceiro se deitou com outro, o interessante é que quer dispor de todos os detalhes possíveis, desde saber exatamente o que falaram, aonde foram, quanto pagaram no motel, como ocorreram os mais íntimos e pequenos detalhes da traição. E ainda, quando lhe fornecem essas informações, continuará insistentemente pedindo novos detalhes, não se satisfazendo com os de que já dispõe. Quer participar da cena e, se alguém lhe oferecesse uma filmagem do episódio, aceitaria agradecido. A razão deste "interrogatório" é que a traição o excita sexualmente. Produz-lhe um prazer mórbido, sexualizado, embora conscientemente sofra. Às vezes, se transforma em obsessão, perseguindo-o dia e noite. Se fosse realmente tão angustiante, o lógico seria saber o menos possível do episódio. No meio destas trágicas tormentas que, normalmente, entram pela madrugada, é freqüente que, numa mescla de erotismo e vingança mórbida, traidor e traído se relacionem sexualmente de forma certamente mais intensa que a habitual. Acontece que agora se integrou o elemento homossexual reprimido que, ao incluir-se na

sexualidade, faz o mesmo efeito que um filme pornográfico, com a vantagem de que eles próprios são os personagens. Muitos casamentos recuperam o erotismo com traições, método perigoso, sem dúvida, mas de extrema eficácia. É interessante registrar que o ciúme às vezes começa sem motivo e acaba se justificando. Há uma verdadeira indução à infidelidade, embora seja aparentemente temida e rechaçada. Quem pensa constantemente que seu parceiro o está traindo visualiza na imaginação uma relação sexual na qual é um espectador, um terceiro, e imagina que esse outro, homem ou mulher, que ocupa seu lugar, é melhor, tem mais experiência, habilidade, etc. Parece claro que quem experimenta esse ciúme tem uma enorme curiosidade pelo gozo do sexo oposto e não se satisfaz na simples relação com seu parceiro. Sendo homem quer, além de gozar com uma mulher, quer também, no profundo e reprimido, gozar COMO mulher, e por todos esses argumentos a situação de ciúme assim o permite. Poderíamos dizer que, de algum modo, ele busca este terceiro que lhe proporcione a dimensão erótica de que está precisando.

CIÚMES DO INFIEL

É uma pessoa especial. Sua delicadeza e sensibilidade me comovem. Parece antecipar-se a minhas perguntas. Quando me olha, há como que cumplicidade de um delito que não cometemos e possivelmente jamais se cometerá. Poderá passar despercebido para todo mundo, mas eu o sinto na ponta dos meus dedos, o percebo como um campo de promessas... Tenho a certeza antecipada, absoluta, de que é o homem que sempre esperei. Ele também sabe; seu primeiro olhar denunciou: foram dois ou talvez três segundos de uma sinopse que, na mão de um bom roteirista, renderia vários meses de novela das oito. Sou casada, amo meu marido e apaguei essa sensação. Sou ligeiramente sonhadora e um pouco ingênua, de maneira que tudo permaneceu como

sempre foi. O problema não foi exatamente este; foi ele, meu amado marido, que começou a ter algumas atitudes que eu jamais havia notado. Distante, parecia estar pensando em outra coisa; comprou novas roupas... Continuou gentil mas, mesmo não podendo afirmar exatamente o que lhe acontecia, sei que era alguma coisa nova, diferente, algo em que eu jamais havia pensado... Será que ama outra?

Projetar é atribuir a outro um sentimento próprio, mas reprimido:

"- O ladrão é ele; desta forma, sou um pouco mais honesto; ele violou a lei, mas eu jamais seria capaz de fazê-lo; eles fizeram o contrabando, o que uma pessoa honesta como eu jamais faria."

As páginas policiais estão repletas do que os outros são capazes de fazer, desta maneira, inocentam o público leitor que, com estas informações, participa do delito sem cometê-lo. Nos filmes de violência, os mais brutais assassinos têm milhares de "sócios" que, no íntimo, intervêm com algo mais do que o simples interesse pela maldade humana. Participam com o desejo, reprimido e inconsciente, de matar. O bombeiro heróico que salva um gato e o assassino que mata uma dúzia de pessoas têm participantes secretos nas suas ações, sejam heróicas ou macabras - nisto consiste a projeção.

O jornalismo, o cinema e a narrativa se sustentam sobre o mecanismo da projeção, que é a maneira de todos termos oportunidade de participar imaginariamente de outras vidas (certamente um pouco mais interessantes que a própria). A projeção também opera no ciúme, mas de uma forma especial e em diversas combinações.

Tudo começa como no caso da mulher que tem uma fantasia de viver uma aventura amorosa com um homem que a impressiona intensamente. Frente a essa possibilidade, abrem-se vários caminhos. O mais fundamental é saber se

pode admiti-lo ou não; antes de realizar um ato ou renunciar a ele, deve existir o espaço simbólico e a coragem suficiente para pensar nessa possibilidade. Há seres que não pensam sobre essas coisas, que as reprimem antes mesmo de poder formulá-las conscientemente.

Há alguns anos, numa conferência cujo tema não recordo, uma jovem manifestou não entender como podia um religioso não desejar sexualmente as mulheres. Da platéia surgiu um senhor muito simpático que disse ser religioso e que queria esclarecer um mal-entendido – e esclareceu. Declarou que gostava muito das mulheres, sobretudo as bonitas, as quais desejava como todo mundo. A diferença é que, por sua convicção religiosa, havia renunciado a elas, ou seja, desejar não é um delito; delito é exercer esse desejo contrariando as convicções religiosas, éticas ou morais, como no caso do religioso ou da mulher casada que permanece fiel. A renúncia não faz mal quando está sustentada por uma ideologia, por princípios, não importa quais. Renunciar é apenas sujeitar-se a uma opção possível. O problema reside em que o desejo se torne tão ameaçador que fica inadmissível, o que implica a sua imediata passagem para o inconsciente. É neste momento que o indivíduo perde o poder sobre o seu desejo, que deixa de ser próprio e passa a ser desconhecido para ele. Dizemos que o reprimiu e, neste caso, o desejo, como todo o produto da repressão, começa a bater nas portas da consciência querendo novamente ser consciente para poder satisfazer-se. O desejo de ser infiel é projetado sobre a pessoa amada, a qual, apesar de inocente, passa a ser vítima da situação. Aquele que reprimiu ignora que é "autor espiritual" do crime e se sente racionalmente sem culpa. Sua parceira é injustamente levada ao banco dos réus: verdadeira guerra na qual são todos inocentes, vítimas de um mal-entendido. Por isso, não é o simples desejo de trair o verdadeiro responsável pelos acontecimentos, mas sim a sua repressão. Cada olhar, cada ausência não explicada do ser amado terá automaticamente

o significado de uma traição, por acaso a mesma que foi impedida inicialmente. Já a esta altura dos acontecimentos, quanto mais se declare inocente – objetivamente verdade – mais suspeita será a situação, porque todos sabemos que provar a inocência é mais, muito mais difícil que dissimular culpas. O inconsciente tem, então, a estrutura da comédia na qual os mal-entendidos, quando vistos pela platéia, fazem rir, enquanto os personagens, no palco, sofrem. Em outras ocasiões o inconsciente tem a estrutura da tragédia. Ninguém veria o drama de Otelo como uma divertida comédia porque – lamento dizê-lo – Otelo sofria de paranóia. Às vezes, esta grave enfermidade tem seu tema centrado no ciúme.

CIÚMES PARANÓICOS

Essa tarde senti uma vez mais o mundo caindo, estrepitosamente, a meus pés. Aquela antiga e familiar sensação no estômago. Tratei de pensar, de acalmar-me, enquanto minha respiração voltava ao normal. Fui armando tudo cuidadosamente, como um quebra-cabeças de peças gastas pelo uso, e senti que se aproximava o instante de confirmar minha suspeita. Ela me traía. Confesso que experimentei um certo prazer mórbido, um estremecimento, ao verificar até onde chegava sua hipocrisia. Desta vez, porém, minha investigação chegaria às últimas conseqüências. Enfrentá-la-ia com as evidências e, ela, como que cega por um poderoso refletor, confessaria. Perguntaria cada detalhe, nada ficaria ambíguo, cada mínima dúvida seria esclarecida. Retratos, conversas telefônicas gravadas, colocá-las-ia no aparelho da sala, a todo volume. Imaginava seu rosto,

ao ser descoberta, balbuciante, com expressão de pânico em seus olhos. Eu sei: diria novamente que tudo não passava de um equívoco.

"...Já deveria estarem casa, mais de dez minutos de atraso, qual será sua justificativa? Será que neste exato momento está num motel?"

Talvez seja melhor não alertá-la, reunir provas, ao menos uma mais contundente. Por ora dissimular; fazer como se nada estivesse acontecendo. Continuarei seguindo-a por mais tempo, acabará se entregando e esse complicado jogo que faz comigo será definitivamente desmascarado.

O OVO DA SERPENTE

No hospital psiquiátrico uma mulher que sofria de um delírio paranóico estava convencida de ter uma serpente na barriga. Durante anos insistiu que a retirassem e várias gerações de estudantes de psiquiatria relutaram em fazê-lo. Finalmente um mais atrevido montou um cenário e fez, sob anestesia geral, um corte superficial. Quando despertou, mostraram à mulher uma serpente de tamanho regular conservada num líquido dentro de um frasco de vidro. A mulher viu e, com expressão desanimada, disse: "– Pena que é fêmea... com certeza deixou dentro seus ovos." Esta história, verídica, demonstra a irredutibilidade da doença paranóica que, às vezes, toma o ciúme como questão central. A gravidade do quadro não é o ciúme, mas a própria paranóia.

O paranóico é um indivíduo no qual os indicadores externos, quaisquer que sejam, não são realmente externos; integram-se de alguma maneira a seu tema central. Nada é casual ou independente dele que, como protagonista, está colocado no centro do universo. Não significa, por isso, que o paranóico CREIA ser mais importante que os outros seres; apenas supõe que TUDO o que ocorre, na realidade, se relaciona com ele ou com seu tema central. Antigamente se dizia que não se pode contradizer os loucos. Na realidade se pode; mas acontece que não dá muito resultado, porque na

paranóia o fundamental é ter razão. Não ter razão é perdê-la, o que, obviamente, é muito arriscado e por esse motivo é preciso construir um mundo próprio, feito sob medida. O paranóico enlouquece justamente por essa exigência doentia de ter razão. Por isso, ao ver discutidas e contestadas as razões paranóicas, a contradição se converte automaticamente em sinal de guerra. Se acha que a mulher o engana e alguém o contradiz, de imediato incorpora esta contradição como um elemento a mais na trama da traição. O universo paranóico só tolera aliados ou inimigos; os indicadores da realidade, quaisquer que sejam, se instalam em alguma destas duas categorias. Não há empate: ou ganha ou então houve um grande complô. O empate supõe uma realidade que utiliza juízes, que às vezes outorgam razão e às vezes a negam.

Quando o Super-Homem perde sua amada num terremoto, vira o mundo ao contrário, volta o tempo e, assim, tem a oportunidade de salvá-la. É um mecanismo paranóico porque, frente a uma circunstância irreparável, não pode fazer uma mudança interna; então muda o mundo. Se se frustrasse, deixaria de ser um super-homem, já que somente os homens perdem e se decepcionam. O paranóico é um super-homem no seu interior e um louco para os outros. Então, quando perder é impossível e não se pode anular o jogo, resta, como recurso final, mudar o mundo. Por isso, seu mundo é feito por um consumidor exigente com seu próprio paladar e no caso do ciúme é fundamental que se verifique o engano.

Assim como os homens têm convicções e ideologias, na paranóia é a convicção que possui o homem e a Causa Paranóica – o ciúme – se transforma na verdadeira razão de viver.

O ciúme é apenas uma das variedades de paranóia, que tem outras maneiras de se expressar. Às vezes, supõe que o vizinho os prejudica, seja pelo volume do rádio ou porque

invadiu seu terreno alguns centímetros. Por qualquer causa banal podem entrar na justiça, levando adiante processos que levam anos até ficar claramente evidenciado que o processo é mais importante do que seu resultado. A paranóia começa dando problemas domésticos, logo jurídicos e, finalmente, psiquiátricos. O diagnóstico se impõe por força das circunstâncias, devido à estranheza da insistência, da obsessão e da agressividade com que eles tratam situações geralmente insignificantes. Chamou-se a esta perturbação de loucura inteligente, porque é louco e também argumenta, às vezes, com uma fantástica lucidez. O argumentar brilhante, porém tendencioso, reforça a idéia de que a loucura tem algo de genialidade, o que não é verdade. O que acontece é que a saúde mental é um pouco cerceada, em razão dos inúmeros compromissos que tem com a verdade e com os direitos alheios.

AS CRIANÇAS, QUEM DIRIA? TAMBÉM SÃO UM POUCO PARANÓICAS...

Uma das fases de nossa vida foi narcisista, o que significa que em algum período de nossa existência o mundo estava, para nós, feito sob medida, sem interferências desagradáveis da realidade que sempre aparecem para complicar as coisas.

A técnica paranóica que utilizávamos desde pequenos era simples e eficaz: optávamos por considerar que tudo o que fosse agradável fazia parte do nosso mundo, enquanto que o desagradável era excluído automaticamente. Imagine a possibilidade de eliminar tudo o que o incomoda – em casa, no bairro, no trabalho ou na sua mulher. O mundo seria maravilhoso; disporíamos de uma ilha de felicidade, uma espécie de paraíso. Aceitemos também que esse mundo feliz não se ajustaria à verdade nem faria justiça aos fatos, mas por certo coincidiria exatamente com os desejos. Qualquer versão do Paraíso se insere nesta fase; possivelmente o

próprio paraíso se inspirou no narcisismo, mas – assim como este – acaba mal. Ninguém pode ir vivendo no paraíso sem o risco de se converter num imbecil, vagando nu e sorridente de um lado a outro. Todos os que experimentaram fazê-lo acabaram, obviamente, internados como excêntricos ou loucos. Ao tomar conhecimento da realidade, o paraíso desaparece: Adão e Eva são expulsos e as pessoas saem do narcisismo. Não se trata de dizer que o universo do paranóico seja agradável como o de Adão e Eva; não, o habitual é que seja mais semelhante ao inferno. Pensando com cuidado, o paraíso é o lugar imaginário onde FAZEMOS TODOS OS NOSSOS DESEJOS. O inferno, por sua vez, é o lugar onde OS OUTROS NOS OBRIGAM A FAZER TUDO QUE DESEJAM. Mas sendo o inferno o paraíso do diabo, se sou o diabo, faço tudo o que quero, mas se sou o pecador, fazem de mim tudo o que quiserem, ou seja, tudo depende do lugar que ocupemos. Talvez possamos superar a velha contradição entre paraíso e inferno da seguinte forma: se me vejo preso aos desejos dos outros, estou no inferno; se consigo que as pessoas se submetam às minhas vontades, mesmo sendo o próprio diabo, então estou no paraíso. Ambos seriam então o mesmo lugar, onde a justiça não existe. No mundo dos homens as leis organizam os direitos e deveres e, embora arruinem o paraíso melhoram notavelmente o inferno. Assim, a diferença entre saúde e loucura está em que na loucura não existe lei; o paranóico é um diabo que não se importa com a verdade porque, sendo juiz e parte, chegada a hora da decisão, sempre decide, é óbvio, a seu favor. E nesse sentido que a paranóia é uma expressão do narcisismo, fase que, em geral, as pessoas superam e saem mais humildes; o paranóico fica, como todo narcisista, arrogante e insistente.

CIÚME DO QUE ABANDONA

Um sábio conselho: quem ama deve cuidar de sua amada. Nem sempre é assim.

"Estava absolutamente convencido de que havia deixado de amá-la. Durante dias ensaiei a forma de dizer-lhe que tudo estava terminado. Houve uma discussão banal – nem sequer me lembro o porquê – e tive a sensação de que o momento havia chegado. Para minha surpresa ela aceitou sem muita discussão,

como se estivesse preparada. Bom... era precisamente isso: nosso caso havia chegado ao fim. Durante duas semanas me senti bastante aliviado; diria até que me senti bem. Foi nesse momento que tive indiretamente uma informação: estava com outra. Custou-me crer; senti que minha força era só aparente. Desordenadamente voltaram as imagens do começo de nosso amor. Contra toda a lógica me senti traído, não consegui imaginar como foi capaz de fazer isso comigo. Minha vida perdeu todo seu sentido e só a idéia de voltar a tê-la me deu forças para continuar. O absurdo da minha situação é que, como já me ocorreu, ao estar com ela, me desinteressei em pouco tempo. Quando a perco – e sempre a perco para outro –, me desespero e tento reconquistá-la. Será que sou desportista e necessito perdê-la para reencontrá-la mais tarde? Só que, desta vez, ficará comigo para sempre."

MOTIVOS

Complexa na sua aparência, a situação é simples. Não é o ciúme convencional de quem se sente ameaçado de perder a sua amada; trata-se de uma verdadeira promoção do abandono. Decididamente não deseja estar com ela, tê-la junto a si; o que mais lhe importa é recuperá-la e, pela lógica, não é possível recuperar algo sem previamente perdê-lo. Homens e mulheres passam grande parte de suas vidas nesta contradição, desprezando o ser amado quando está presente e apreciando-o quando perdido. Ele a considera fraca e prescindível quando o ama, dando-lhe valor somente quando o abandona. "Jamais entraria num clube que me

aceitasse como sócio", dizia Groucho Marx; porque o que desprestigia o ser amado é amar-me. Ou somos ricos de objetos ou ricos de desejos. Quando um rico se deprime – e é comum – é porque não deseja nada; já adquirido o objeto, o desejo de tê-lo morre. Este era o drama do rei Midas, ávido por riqueza. Devido a uma graça concedida, tudo o que tocava se transformava em ouro, morrendo, obviamente, de fome. Depois do que aconteceu a ele, as pessoas são mais prudentes com seus desejos. É preferível morrer de fome por pobreza do que todo rodeado de ouro.

O NÓ NO CABELO

Podemos exemplificar esta situação através de um conto de Cortázar, onde é relatada uma curiosa brincadeira. Faz-se um nó com um fio de cabelo colocando-o na pia do banheiro e abrindo-se as torneiras. O jogo consiste, com o uso de ferramentas adequadas, em encontrar o cabelo, que poderá estar próximo ou, dependendo do tempo transcorrido, encontrar-se no depósito de águas da cidade. A moral da história é que a amada, verdadeiro fio de cabelo, emociona somente no reencontro. Algumas pessoas vivem perdendo chaves, talões de cheque, documentos. Ansiosas, saem a procurá-los. A recuperação dos objetos alegra-as e é esta alegria o verdadeiro motivo desse comportamento. Ou bem se possui o objeto amado com pouca emoção ou ele está ausente e a emoção é enorme. Normalmente se prefere a emoção e, por isso, é imprescindível produzir a ruptura.

O certo é que a felicidade se dá no momento glorioso em que transforma desejo em objeto. Ganhou-se uma pessoa e perdeu-se um desejo que, assim, fica aniquilado. E um desejo transformado em mulher – como no caso de Midas. Portanto, satisfeito, começa a ter desejos de ter desejos. Por isso, enquanto a olha, torce para que se vá novamente para que continue a desejá-la.

Como já contamos uma história alegre do desejo, a de Midas, agora vamos contar outra, triste. Esta é de Edgar A. Poe: um casal de velhos pescadores lamentava a perda do filho. Certo dia pescaram uma garrafa fechada que, quando aberta, liberou um gênio. Ele agradeceu, oferecendo-lhes um prêmio. Obviamente os velhos quiseram ter o filho novamente. Pouco depois, realmente, ali estava na sua frente o cadáver do filho—ninguém sabe o que fazer com um cadáver. A história é um pouco sinistra, mas esclarece a questão profundamente humana do desejo.

O desejo é para desejar, não para realizar. Quando o realizamos, fazemos como o rei Midas ou os velhos pescadores que se arrependem. Com o nosso jovem que abandona, acontece o mesmo. Ele quer aquela mulher que está amando a outro, aquela que o faz estremecer ao pensar que está gozando e rindo com outros homens. Por isso pede ao gênio que lhe faça o favor de fazer com que ela lhe perdoe e volte. É preciso cuidado com os gênios, porque fazem tudo o que se pede e isso acaba complicando as coisas. É melhor que não sejam tão gênios, que sejam meio burros e rios deixem com nossos desejos.

No momento em que a mulher reaparece, já o faz transformada no cadáver do desejo. Depois destas explicações, sei que vão continuar pensando, de qualquer jeito, que é melhor ter do que desejar; que desta vez, quando conseguir realizar o desejo, vai ser diferente, etc. etc...

AS PERGUNTAS SÃO ETERNAS

Para não deixar uma impressão tão definitiva sobre este jovem, há uma outra hipótese. Se, quando criança, alguém tem a desgraça de viajar num trem que descarrila, é possível que, como passar dos anos, fique ansioso cada vez que escute o ruído de uma locomotiva. A situação traumática se eternizou e, não importa quanto tempo tenha transcorrido, o

medo será sempre atual; não há temporalidade no inconsciente. O tempo obedece à lógica formal: não podem ocorrer duas coisas no mesmo tempo e lugar, o que é antes não pode ser depois, etc. Porém para o inconsciente, ontem, hoje e amanhã podem ser simultâneos. Por isso os conflitos são sempre recentes, não envelhecem.

Quando fica um medo de locomotivas, todos entendem sua razão e a justificam. Mas às vezes ficam outros conflitos. Suponhamos, por exemplo, que alguém tenha sofrido intensamente um abandono - que mamãe teve outro bebê ou a babá que ele amava intensamente abandonou a casa. Neste caso, a cicatriz deste acidente, como na locomotiva, será a necessidade IMPERIOSA e compulsiva de repetir esta questão:

Por que você me abandona? Quero que me ame incondicionalmente. Mesmo que o maltrate ou o abandone, você tem que ficar sempre comigo.

Essa pergunta é independente do contexto circunstancial em que se formula, tem vida própria e aparece tendo ou não oportunidade, quando não, criando condições de se expressar. Neste caso, nada melhor do que a amada - a quem ele abandona - para fazer-lhe tal pergunta. Seu destinatário original já não importa. Importa que esse novo destinatário lhe seja adequado. É como se um produtor da Broadway desse a um jovem escritor a tarefa de compor uma peça de teatro na qual se pudesse incluir uma determinada frase (por exemplo "Eu só como frangos marca TT"). A frase é prévia ao texto mas, como é óbvio, acaba por organizá-lo. No jovem, a frase é intemporal, antiga, não tem nenhum sentido atual, mas impõe ao roteirista a estrutura essencial do texto. Nosso jovem, para poder formular essa frase, deve abandonar a mulher, porque não há outro modo de pedir-lhe que volte e o ame para sempre. O que também acontece com nosso jovem Midas é que não tem a menor idéia de que é apenas

um roteirista que cumpre ordens do poderoso "Inconsciente" da Broadway, que é justamente quem paga a produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, SIGMUND – Obras completas – Editora Imago

1 - Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, paranóia e homossexualidade. (1922)

2 - Alguns tipos característicos encontrados no trabalho psicanalítico. (1916)

3 - Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. (1911)

4 - Recordar, repetir e elaborar. (1914)

CORTÁZAR, JULIO – Histórias de cronópios y de famas.

POR QUE TENHO MEDO DE ME SEPARAR?

A VISÃO DA MULHER

O problema é que já não admiro meu marido como antes, apenas respeito. Não é mau sujeito; se fosse, já estaria separada. Algo essencial mudou durante esses anos. Ele tinha tudo o que poderia se esperar de um homem; a seu lado me sentia protegida e profundamente amada. Seria demasiado longo contar como acumulamos êxitos e fracassos; quanto trabalho custou para que os filhos chegassem à universidade e como desfrutamos da nossa única viagem à Europa...

Um dia, de repente saí do turbilhão em que vivia, me olhei no espelho e descobri que estava gorda e descuidada. Tinha deixado meus encantos com minha filha, que os exibia alegremente como se fossem seus (o que seguramente era verdade).

Consegui reagir: emagreci, tirei umas rugas, mudei o jeito de vestir...e aqui estou eu, esperando que ele acorde...pra ver televisão! Ele é um homem sem iniciativa; faz tempo que seus olhos não brilham, que não se entusiasma com coisa alguma. Por que será que alguns homens jamais se entusiasmam? Não acho que seja pedir demais que me traga alguma novidade, alguma emoção. Antigamente não me importava; talvez fôssemos diferentes. As únicas expressões que percebo em seu rosto são as de muito ou pouco sono. Ele gosta de dormir.

Comecei a imaginar que, ao conhecer um novo homem, minha vida mudada. Minha revolução se associou a uma constante fantasia de mudança, uma permanente espera de um homem que, como está demorando muito, ganha cada dia novos atributos e, pela lógica, novas impossibilidades. Se você quer mesmo saber, vou revelar: tive, sim, uma aventura; mas quando deixou de ser um caso para se converter em algo mais consistente, fugi. Escapei como uma colegial que corre assustada como se um tarado a estivesse espreitando na saída da escola. Além disso a gente tem filhos e sei como seria horrível para eles ver sua mãe andando por aí com um ou outro. Na verdade, duvido se gozei realmente com um homem e se isso que sentia com ele poderia chamar de orgasmo. A solução seria me separar, mas fico paralisada, me sinto insegura, com medo. Talvez o fundamental seja meu horror de ficar sozinha, sem um homem ao meu lado. Tenho amigas separadas e, em alguns momentos, sinto inveja, por exemplo, quando as vejo programando uma viagem de fim de semana ou quando se animam para um novo encontro. Curioso: o pior dia para mim, para elas, é o melhor. Refiro-me à noite de sexta-feira, cheia de esperanças que, é claro, eu não tenho, por isso, me deprimos e acabo com dor de cabeça.

Tudo tem compensações na vida: depois da sexta à noite vem, inexoravelmente, o domingo. Esta é minha vingança. Às

vezes elas chegam na minha casa pedindo auxílio. Amam o clima de lar com que finalizamos a semana. Essas tardes agradáveis, gostosas, simpáticas em que jogamos cartas e vemos televisão... Se não fossem os domingos, já estaria separada.

Lembro de anos atrás - como fui bonita! Homens me disputavam e eu, irresponsavelmente, recusava. Acreditava que a 'fila de rapazes' se renovaria eternamente. O tempo passou e não consigo me conformar; tanto em ficar com ele como que nada de diferente me aconteça. Confesso que já pensei que o ideal seria ficar viúva, mas seria uma maldade... um homem tão bom...

O DESTINO DA PAIXÃO

As paixões não são eternas. Seu destino habitual, quando a relação persiste no tempo e cresce, é transformar-se em amor, o que é bastante diferente. Dizemos que ocorre uma sublimação. Sublimar significa retirar o prazer sexual de uma ação e transformá-la em uma atividade que também produz prazer, mas de outro tipo e que, além disso, se realiza em público. A paixão, por sua vez, é privada, se perturba ao socializar-se e converter-se em amor. A paixão não dorme, consome, desgasta, ocupa integralmente o espaço e o tempo, que sempre é curto para desenvolver os projetos que os amantes inventam; uma viagem, a pergunta reiterada infinitas vezes – se se amam de verdade, se positivamente são um para o outro. A paixão é quase uma doença, sem dúvida a mais deliciosa de todas mas, por sua enorme exigência, tende a diminuir por esgotamento. Em condições normais, uma porção da paixão se conserva intacta e produz felizes noites de prazer; outra porção se transforma em amor que assegura que os dias sejam felizes. Em circunstâncias lamentáveis a paixão não se sustenta e a sublimação não se realiza, havendo REPRESSÃO dessa energia, provocando efeitos desagradáveis tais como obesidade, sono ou, pior

ainda, letargia. Muitos casamentos estão assim e deles diremos "foram infelizes para sempre". Outros que conseguiram a proeza de fazer sobreviverem paixão e amor em doses adequadas serão aqueles que demonstram que felicidade e matrimônio podem conviver, sendo, por isso, felizes para sempre.

ESTILOS DE AMOR

Ainda que seja um sacrilégio dizê-lo, o amor pode reduzir-se a dois estilos: os que admiram ou os que necessitam da pessoa amada. Não é habitual que se apresentem em estado puro; antes, se combinam de modo variável. Vejamos um exemplo, embora seja raro que se apresentem desta forma na vida real. Uma bela jovem se casa com um industrial velho e rico. Suas motivações são compreensíveis para qualquer observador; ela se casou para conseguir segurança financeira, proteção e cuidados. Ele, por sua vez, encontra na jovem a beleza e juventude de que já não dispõe, mas quer e pode comprar. A jovem casou por necessidade de proteção, prolongando, desta maneira, a relação que teve com pais na infância e que deseja perpetuar. O industrial casou-se por admirar a jovem ou, na linguagem psicanalítica, por narcisismo, já que ao observar sua bela mulher possuirá, através dela, os seus atributos que, de algum modo, serão agora sua propriedade. Chama-se narcisista esse tipo de relação, como a figura da mitologia grega, que se fascinou ao ver-se refletido no lago. O industrial refletido na beleza de sua mulher também se fascinará vendo a si mesmo. Ela passou a ser um atributo próprio ou, pelo menos, um genuíno produto de seu êxito financeiro. Na jovem, este modelo de relação perpetua a proteção paterna e, por isso, podemos chamá-la de NECESSIDADE; porque imita a relação de dependência do filho com os pais. As relações de necessidade geram vínculos de proteção, como o marido que dorme, ou aquele que espera que sua mulher seja uma boa

cozinheira ou dona-de-casa. Por isso, as pessoas se necessitam ou se fascinam, ou mais freqüentemente, ambas as coisas acontecem simultaneamente. Esses dois tipos nos permitem entender as relações amorosas humanas que, em diferentes graus e intensidades, contêm esses dois ingredientes. Como o mundo dos homens é bastante imperfeito, os vínculos não se apresentam com simetria, o que, longe de ser um inconveniente, funciona como a possibilidade de equilíbrio das relações humanas. Isto significa que, na busca do objeto do amor, necessidade e narcisismo se complementam. Deste modo, homens e mulheres superprotetores buscarão, dentro do possível, e sem perceberem, mulheres e homens carentes na mesma proporção. Complementarmente, aqueles que necessitam de proteção e cuidado farão, também inconscientemente, o possível para obtê-los.

A MULHER QUE NÃO PODE SE SEPARAR

Estas reflexões foram necessárias para levantarmos algumas hipóteses que nos expliquem por que razão esta mulher não pode se separar. É evidente que ela foi percebendo alterações na relação com seu marido. O vínculo estabelecido entre eles foi, durante anos, harmônico, complementar. No começo do seu relato nos conta que admirou e amou o marido e que, por sua vez, se sentiu o objeto apreciado e cuidado por ele, com exceção da sexualidade que, parece, foi precária. Trata-se de uma descrição sucinta mas significativa. Ambos ingredientes, tanto de necessidade quanto narcisistas, foram satisfeitos nesse período. Ambos se valorizaram narcisisticamente e ambos se necessitaram, pois durante anos foram felizes. Mas uma parte da paixão original foi se perdendo e, de maneira imperceptível, subterrânea, atingiu as bases do casamento. Talvez tenham se dedicado excessivamente aos filhos ou então os projetos foram mais importantes que eles. Na

verdade, a relação cresceu em dependência e perdeu em beleza. Por essa razão a mulher, que admirava o marido, deixou de fazê-lo, efeito da progressiva "burocratização" do matrimônio.

ERA UMA VEZ UMA PRINCESA...

Valendo-nos das histórias infantis e que, de algum modo, aludem à vida real, diremos que, no princípio, ambos foram príncipes. Ela uma princesa cuidada e admirada por ele e vice-versa. Os contos de fada falam do narcisismo humano. Isto se evidencia através de seus personagens: os reis são justos, ricos, poderosos e bonitos – uma verdadeira concretização dessas virtudes. Observamos que jamais são de classe média ou meio feios ou injustos. Ao serem absolutos, constituem um bom exemplo daquilo que fascina o ser humano. Isto é precisamente o que Narciso viu no lago. Ao serem relatados, os contos deliciam as crianças, que imaginam ser os protagonistas. Os personagens, como todo produto narcisista, são perfeitos na aparência, como se pode verificar nas figuras que ilustram tais estórias. Estas são as imagens que guardamos na memória e que nos fascinam no momento da paixão. Produz-se um fenômeno idêntico ao de Narciso porque o objeto de nossa paixão é sempre um príncipe e quem o ama se transforma em princesa. Geralmente, as pessoas apaixonadas são bonitas e, ao contrário, as que são infelizes na sua paixão se descuidam e tornam-se feias. Nossa heroína viveu apaixonada durante anos e nesse período foi bonita e feliz. Um dia descobriu que seu belo príncipe dormia. Olhou-se no espelho e, onde deveria estar uma princesa, estava um sapo. Frágil como cristal, o narcisismo que se reflete no espelho se quebrou. A beleza de uma mulher sempre depende da maneira como o homem a vê. Quando seus olhos brilham, a mulher neles se vê refletida. Entendemos agora seu drama: os olhos do marido se apagaram ou então estão fechados, dormindo. Ela

não se vê mais neles. E por esta razão que espera a chegada de um príncipe, brilhante, que a transforme novamente em princesa. Pacientemente enquanto espera, está fazendo sua parte, embelezando-se. É verdade que tem medo desta chegada, mas aguarda.

A beleza, o narcisismo, o espelho, quando se quebram, trazem má sorte – acarretando sérias conseqüências. Ela espera restaurar seu casamento, arrumando sua imagem e rompendo sua relação. Por lhe ser difícil, não consegue se separar. Se tivesse coragem, a história seria outra...

OS RISCOS DA PAIXÃO TARDIA

Em que consistem os medos e obstáculos que esta senhora deve atravessar? Seu episódio amoroso, aqui relatado, traz alguns detalhes significativos: sente-se uma colegial ameaçada por um tarado. Seguramente está dizendo que o que a atemoriza é a sexualidade, tanto a própria quanto as exigências sexuais que qualquer homem poderia lhe fazer. Sofre de carências mas não foi apenas seu marido quem deixou dormir a paixão; se o fez, sem dúvida, foi com sua cumplicidade. É verdade que tem filhos e, possivelmente, seria uma vergonha ser vista por aí com homens, mas este argumento não convence. Muitas mulheres têm filhos e nem por isso têm vergonha de apaixonar-se novamente. É mais provável que estes argumentos encubram o medo que o sexo lhes inspira. Poderíamos dizer que padecem de alguma fobia à sexualidade, a qual por muito tempo deixou de exercer – e o sexo deve ser praticado. A vida erótica é a primeira vítima da repressão e os medos que a mulher tem na adolescência em relação ao sexo podem permanecer inalterados durante anos sem modificar-se. É freqüente ver mulheres que descobrem seu primeiro orgasmo depois de separadas e verificam que durante o casamento sua sexualidade foi insatisfatória. Não são necessariamente os filhos que terão vergonha de que sua mãe seja vista com homens; é ela própria que morre de

vergonha de tirar a roupa e ser vista por um homem, com pudor idêntico ao que viveu na sua puberdade.

UMA MULHER COM FAMÍLIA

Uma mulher com família, e separada, deveria tentar superar alguns preconceitos existentes na sociedade. Em certos casos a vida familiar pode significar o fim do erotismo. Ao familiarizar-se a relação de um casal, existe o risco de que se dessexualize e adquira o caráter de outros vínculos familiares; deixam de ser marido e mulher para serem irmã e irmão, pai e filha, etc. será que alguns homens jamais se entusiasmam? Não acho que seja pedir demais que me traga alguma novidade, alguma emoção. Antigamente não me importava; talvez fôssemos diferentes. As únicas expressões que percebo em seu rosto são as de muito ou pouco sono. Ele gosta de dormir.

Comecei a imaginar que, ao conhecer um novo homem, minha vida mudaria. Minha 'evolução se associou a uma constante fantasia de mudança, uma permanente espera de um homem que, como está demorando muito, ganha cada dia novos atributos e, pela lógica, novas impossibilidades. Se você quer mesmo saber, vou revelar: tive, sim, uma aventura; mas quando deixou de ser um caso para se converter em algo mais consistente, fugi. Escapei como uma colegial que corre assustada como se um tarado a estivesse espreitando na saída da escola. Além disso a gente tem filhos e sei como seria horrível para eles ver sua mãe andando por aí com um ou outro. Na verdade, duvido se gozei realmente com um homem e se isso que sentia com ele poderia chamar de orgasmo. A solução seria me separar, mas fico paralisada, me sinto insegura, com medo. Talvez o fundamental seja meu horror de ficar sozinha, sem um homem ao meu lado. Tenho amigas separadas e, em alguns momentos, sinto inveja, por exemplo, quando as vejo programando uma viagem de fim de semana ou quando se arrumam para um novo encontro.

Curioso: o pior dia para mim, para elas, é o melhor. Refiro-me à noite de sexta-feira, cheia de esperanças que, é claro, eu não tenho, por isso, me deprimio e acabo com dor de cabeça.

Tudo tem compensações na vida: depois da sexta à noite vem, inexoravelmente, o domingo. Esta é minha vingança. Às vezes elas chegam na minha casa pedindo auxílio. Amam o clima de lar com que finalizamos a semana. Essas tardes agradáveis, gostosas, simpáticas em que jogamos cartas e vemos televisão... Se não fossem os domingos, já estaria separada.

Lembro de anos atrás - como fui bonita! Homens me disputavam e eu, irresponsavelmente, recusava. Acreditava que a "fila de rapazes" se renovaria eternamente. O tempo passou e não consigo me conformar; tanto em ficar com ele como que nada de diferente me aconteça. Confesso que já pensei que o ideal seria ficar viúva, mas seria uma maldade... um homem tão bom...

O DESTINO DA PAIXÃO

As paixões não são eternas. Seu destino habitual, quando a relação persiste no tempo e cresce, é transformar-se em amor, o que é bastante diferente. Dizemos que ocorre uma sublimação. Sublimar significa retirar o prazer sexual de uma ação e transformá-la em uma atividade que também produz prazer, mas de outro tipo e que, além disso, se realiza em público. A paixão, por sua vez, é privada, se perturba ao socializar-se e converter-se em amor. A paixão não dorme, consome, desgasta, ocupa integralmente o espaço e o tempo, que sempre é curto para desenvolver os projetos que os amantes inventam; uma viagem, a pergunta reiterada infinitas vezes – se se amam de verdade, se positivamente são um para o outro. A paixão é quase uma doença, sem dúvida a mais deliciosa de todas mas, por sua enorme exigência,

tende a diminuir por esgotamento. Em condições normais, uma porção da paixão se conserva intacta e produz felizes noites de prazer; outra porção se transforma em amor que assegura que os dias sejam felizes. Em circunstâncias lamentáveis a paixão não se sustenta e a sublimação não se realiza, havendo REPRESSÃO dessa energia, provocando efeitos desagradáveis tais como obesidade, sono ou, pior ainda, letargia. Muitos casamentos estão assim e deles diremos "foram infelizes para sempre". Outros que conseguiram a proeza de fazer sobreviverem paixão e amor em doses adequadas serão aqueles que demonstram que felicidade e matrimônio podem conviver, sendo, por isso, felizes para sempre.

"Antes éramos uni casal, agora somos uma família", diz, orgulhoso, o pai recente; mas quando esses termos – "casal", "família" – se excluem mutuamente, a família expulsa o casal sem que exista nenhuma razão lógica para isso, já que não há real impedimento de se ter ambas as coisas. A razão desta transformação é simples: os vínculos eróticos da paixão se convertem em vínculos familiares do amor, e o reunir "sexo" e "família" pode, para alguns mais desavisados, significar o inesperado ingresso no drama do incesto. Vale dizer que, por um desvio, a mãe dos filhos amplia suas funções e passa a ser também do marido. O companheirismo num casal pode, também, assumir a significação fraternal, levando, de improviso, dois irmãos para a cama. Como sabemos, o incesto não é precisamente a vocação erótica entre irmãos ou entre pais e filhos, mas sua estrita proibição. Se dizemos que a mulher se converteu em mãe, é justamente porque agora não inspira mais desejos, ou que, ao amar um irmão, isso não significa desejá-lo sexualmente. O pobre Édipo fica impotente quando descobre a verdadeira identidade de sua mulher; o erotismo só funcionou enquanto Édipo IGNOROU que ela era sua mãe. Nosso marido dorminhoco virou filho ou irmão de sua mulher, ou talvez irmão de seus filhos. Possivelmente ela permitiu esta situação sendo

complementarmente mãe ou irmã. Quando ela despertou, descobriu que lhe faltava um marido e que, em vez de compartilhar a cama com sua mulher, ele só esperava dela o beijo de boa-noite, ou talvez quisesse que alguém lhe contasse alguma história de princesas e sapos para assim poder dormir melhor.

SE NÃO FOSSE POR ISSO, JÁ ESTARIA SEPARADA ,

Esta frase tão repetida por ela contém um recado, uma chave a ser decifrada. Se seu marido fosse diferente, um mau sujeito, mau pai, desagradável, ela já se teria separado. Uma vez mais nos diz a verdade. A passividade do marido a deixa, por sua vez, passiva. Caso fosse ele um alcoólatra que a submetesse a maus-tratos, traições ou surpresas desagradáveis, ela teria duas alternativas – e qualquer delas seria melhor que a imobilidade que a afeta atualmente. A primeira é que, ante uma má ação do marido, seria justificável seu afastamento; seria fácil mostrar ao mundo que ela não pode permanecer junto de tal homem. A outra alternativa poderia consistir em que um sujeito cruel lhe resulte, por estranho que pareça, muito mais interessante que um passivo. Um homem assim poderia libertá-la ou fasciná-la. Mas seu marido não EXERCE NENHUMA AÇÃO, a não ser dormir. Por isso ela fica paralisada, sem direito a queixas. Qualquer iniciativa que tomasse, seria unilateral e ela se sentiria dolorosamente responsável, inclusive ante si mesma. As más línguas, essas que nos importam tanto, dirão que ela é uma mulher injusta e egoísta, que deixou um bom marido para sair em busca de príncipes imaginários, pressagiando-lhes que, até achar um príncipe encantado, precisará beijar muitos sapos.

AS PRINCESAS NÃO SE OFERECEM

"Temo ficar sozinha", afirma, partindo do princípio de que está acompanhada, apesar do seu relato denunciar que já está só. Seu marido, em suas longas sextas, desconsidera sua feminilidade. É surpreendente que tenha medo de lhe acontecer futuramente algo que já está acontecendo. Por isso entendemos que sua preocupação sobre a solidão deve estar encobrendo outras inquietações desconhecidas.

Toda mulher tem sonhos e fantasias que vão mudando durante as diferentes fases de sua vida. Atualmente espera que venha a seu encontro um homem de características tão fantásticas, que ela mesma duvida que possa existir. É verdade que o deseja mas, ao mesmo tempo, nos transmite sua resignação, ficando, apesar de suas queixas, com o marido que lhe garante algo imprescindível. Não tem certeza de que apareça outro, príncipe ou não. Reconhecemos nesta atitude uma certa prudência: se sai do casamento, sabe que entrará num "mercado competitivo", feroz – vê isso através das amigas –, um mercado que já conheceu, e ao qual retornaria com alguns anos e algumas histórias além das que tinha quando casou. Mas seu marido lhe dá garantias de que, mesmo dormindo, precariamente está a seu lado. Observa como suas amigas separadas se enchem de expectativas nas sextas e as enterram no domingo. Duvida se isso é o que quer. Imagina-se no meio de uma festa, já divorciada, sozinha com uma bebida na mão. Tem a sensação de que sua presença ali, em oferta, é um cartaz luminoso que denuncia sua carência, sua necessidade de companhia. Nesse momento ela sente-se perdedora, uma princesa em liquidação. A simples presença do seu desvitalizado marido evitaria essa situação. Como tem marido e fantasias, da sua perspectiva lhe sobram coisas. Reconhece que suas amigas, com coragem de exhibir suas respectivas faltas, podem, em compensação, achar um homem sob medida. Ela não; não está disposta a correr riscos. Parodiando o ditado popular "melhor mal acompanhada do que só".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, SIGMUND – Obras Completas –Editora Imago

1- Sobre o narcisismo: unia introdução. (1914)

2 -A ocorrência em sonhos de material proveniente de contos de fadas. (1913)

3 - Conferências introdutórias à psicanálise. Teoria geral das neuroses: A teoria da libido e o narcisismo. (1916)

4 -Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna. (1908)

POR QUE TENHO MEDO DE ME SEPARAR?

A VISÃO DO HOMEM

O casamento terminou de um jeito tão silencioso, tão discreto que, quando chegar o momento de comemorar o aniversário, não vou saber nem o dia nem o mês exato do acontecimento. Externamente nada mudou; continuamos juntos, submetidos a um pacto implícito de não-agressão, não paixão e, basicamente, não-separação. A distância entre nós deve ser sempre igual; quando por engano um dos dois se afasta além do combinado, logo em seguida tudo volta a normalizar-se. Pura covardia. Verdade mesmo: simples medo. A idéia de separação me dá uma angústia tão imensa que só fico aliviado quando sinto que o perigo passou. Meu lema é: "Deixa para amanhã." Talvez no fim do ano; possivelmente depois da viagem ou quando acabar de pagara casa... Agora não, sempre amanhã. Decisões, qualquer outro dia. Quando tivemos problemas econômicos ou quando as crianças eram pequenas, foi mais fácil argumentar. As razões foram se esgotando, se consumindo como todo o resto, pela inexorável

ação do tempo, um tempo sem cores, feito de esperas, de ações repetidas: a monotonia circular de uma vida

demasiado cotidiana. Nossa vida tomou-se pesada, chata, radicalmente sem esperanças. Espero ansiosamente que chegue o fim de semana. Logo em seguida, desejo que retome a segunda-feira. Qualquer notícia, boa ou má, é bem-vinda: dessa maneira, tenho a ilusão de que, acontecendo qualquer coisa, algo se modificará.

O claro e evidente para qualquer observador, inclusive eu, é que tenho um medo, irracional, inexplicável. Talvez ainda a ame, o que seria a hipótese mais otimista; mas isto não é verdade porque estou amando outra mulher. Minha crônica falta de decisão e de coragem está me fazendo perder este novo amor. Será que mais uma vez renunciarei à felicidade? Ela não vai me esperar por mais tempo e é compreensível. Meus argumentos estão confusos e vazios como os que uso com minha mulher para lhe explicar que, apesar de não amá-la, continuo casado. Dou voltas como um pássaro enjaulado, perdendo tudo o que tem valor na vida. Débil e incapaz, com o passar dos dias vejo que meus projetos desmoronam. Não agüento mais ficar dividido. Quero ser um homem normal, igual aos outros, que vive tranqüilamente com sua mulher.

Fiz duas tentativas de separação. A primeira não contarei porque não durou nem uma noite. A outra durou duas semanas; dezessete dias, para ser mais exato. Durante este período, vivi na casa de uma mulher a quem amava. Fizemos uma pequena reunião de amigos quando comecei a viver com ela. A reunião grande foi quando, dias depois, lhe comuniquei que, arrependido, retomaria a minha casa.

Fiquei deprimido, assustado, e voltei para minha mulher pensando que dessa vez as coisas seriam diferentes. E foram: minha situação piorou, agravada por eu ter sido tão pouco hábil, consumindo minhas reservas de liberdade em apenas dezessete dias. Com certeza não sou o único que vive este

drama, mas seguramente sou o que mais se envergonha desta situação. Tive a sorte de ouvir uma frase que me deu um enorme consolo e a repito nos momentos de extrema fraqueza: "Só os valentes admitem sua covardia." Foi, sem dúvida, a frase mais reconfortante que escutei nos últimos anos. Não lhe parece?

UM DIA SEREI FELIZ

Sua mulher lhe proporciona uma certeza de felicidade futura. Ele é infeliz no momento mas, na verdade, está acumulando experiências para o glorioso dia da sua libertação. Podemos nos perguntar se esse dia existirá realmente, mas há uma grande possibilidade de que a tristeza de hoje se converta na alegria de amanhã, enquanto que a alegria de hoje só poderá ser tristeza no futuro. Sua vida matrimonial gera uma frustração. Tudo mudaria se tivesse coragem suficiente para tomar uma decisão e separar-se. Na verdade, ele é a única pessoa que poderia mudar seu destino. Curiosamente não toma tal decisão e, quanto mais fica impossibilitado, mais espera que tal mudança venha de fora. Sua iniciativa está bloqueada por algum motivo, algo catastrófico poderia acontecer em tal momento: poderia se arrepender, ficar sozinho, querer voltar... Infeliz casado, pior separado. Prisioneiro desta problemática, o que quer que faça dá errado: se persiste no casamento, é um homem débil, frustrado; se sai, se arrepende, não pode controlar sua angústia. Julga-se no direito de ter uma enorme felicidade, fantástica e exigente. Quando transpõe a barreira que o separa desse OUTRO lugar, desse outro casamento, tão idealizado em sua fantasia, verifica que, apesar de ter mudado de mulher, ELE CONTINUA O MESMO, com as mesmas características, limitações e incapacidade de gozo. Uma voz interior lhe ordena que DEVE SERFELIZ; se não é, é porque está com uma mulher inadequada. O único problema é que o verdadeiro motivo de sua infelicidade não é sua

mulher, é ele mesmo. Quando muda de mulher, percebe que tudo continua igual, portanto, a sua próxima atitude o conduzirá de volta a sua casa. Quando observa sua parceira, qualquer que seja, dirá decepcionado como a raposa da fábula de Esopo: "As uvas estão verdes." O melhor seria dizer que é ele quem está verde, algo imaturo para comer as uvas da felicidade, e que, em caso de amadurecer, poderá ser feliz com uma ou com a outra mulher.

NÃO A DEIXO PORQUE A ODEIO

Acreditamos que, aparentemente, as pessoas se unem por amor e se separam por ódio. O que pode acontecer é que, surpreendentemente, o ódio pode unir as pessoas, quando se amam ou odeiam, devem fazê-lo juntos; impossível na ausência do outro. Neste caso, devem estar bem perto para odiar, sobretudo quando o ódio é muito forte. Se é muito intenso, passa despercebido, assim como freqüentemente não percebemos a atmosfera nem a montanha quando estamos nelas. Só ao estar fora da atmosfera a reconhecemos, ou quando nos afastamos da montanha registramos seu perfil. O ódio nos aproxima e paralisa. Sabemos bem com quanta dificuldade nos separamos de nossos inimigos, ficando ligados a eles, para sempre. Com que prazer recebemos suas dificuldades! Como suas tragédias nos afetam!

Quando o ódio é o sustentáculo de uma união, é essencial permanecer o mais próximo possível porque, de outra forma, há um sério risco do outro ser feliz em nossa ausência. Ao contrário, nossa presença firme e absoluta é uma garantia de que nossas vidas serão um inferno, desta forma, nos ocuparemos disso pessoalmente, sem deixar essa responsabilidade nas mãos de outros.

O ódio também se cultiva e é necessário trabalhar muito para obter um ódio de boa qualidade. Parece que neste casamento não há falta de amor mas, sim, excesso de ódio e

por ser tão importante, ninguém se decide a perder. É um impasse que deixa como única saída a espera. Pode explodir um dia, ou então a hostilidade pode diminuir a ponto de se poder percebê-la e assim tomar providências. O ódio reprimido, desconhecido, idealiza um outro mundo com outra mulher, com quem teria uma convivência tranqüila. Na verdade, ele deseja separar-se de sua hostilidade, não só de sua mulher. Nada se resolve trocando de mulher, pois o mesmo ódio reprimido retorna, mostrando-lhe que sua atitude foi inadequada. Queria separar-se de um sentimento próprio e insuportável e apenas se separou de uma mulher.

NÃO POSSO TER UMA MULHER; PRECISO DE DUAS

Um princípio reina nas relações humanas: sempre fazemos o que desejamos. Isto não parece confirmar-se na vida do nosso valente marido covarde. Parece que quer se separar de sua mulher a qualquer custo; é essa sua vontade mais profunda e autêntica e não há razão para duvidar de sua honestidade. Apenas cabe-nos questionar se o que quer conscientemente é o mesmo que deseja inconscientemente. Ele sabe, racionalmente, que, se termina a relação com sua mulher, nada acontecerá de tão trágico. Não consegue fazê-lo, porque está ameaçado por um fantasmagórico temor que o ataca justo na hora em que vai concretizar seu projeto. De que tem tanto medo?

Na sua história relata que não é a primeira vez que isto lhe ocorre. É algo simples e antiquado: ama a uma nova mulher e se sente prisioneiro no seu casamento. Com sua mulher não pode permanecer – a relação é insuportável, mas não consegue deixá-la. Na verdade, está deixando sua amante, a quem teoricamente ama. Encontra-se entre duas mulheres, sofre e a separação lhe dá pânico; se deixa uma pela outra, pode se arrepender e repetir a humilhação do retorno.

OS JUÍZOS DO REI SALOMÃO

É disputado por duas mulheres, nos evocando o juízo salomônico. Sem saber, está instalado num ângulo especial desta cena. Não é difícil vê-lo puxado por duas mulheres. Imaginemos, como assinala a lenda, duas mães: uma verdadeira e outra falsa, cada uma disputando sua "propriedade". Desconhecemos se, na realidade, suas mulheres são possessivas e exigentes; o certo é que ele se sente exigido por ambas: uma aparece como o amor verdadeiro, a outra como o falso, porém imprescindível. Quando duas pessoas disputam uma corda esticando as pontas, basta que uma delas solte-a bruscamente para que a outra perca o equilíbrio e caia. Nosso homem também necessita, no mínimo, de duas mulheres para manter seu tenso equilíbrio interno. Deve assegurar-se de que ambas estejam sempre disponíveis, subjugando-o e cada uma impedindo que a outra o tome. Se fica só com uma, isso o parte ao meio, como verificou durante dezessete dias. Voltando ao seu relato podemos reconstruir esses momentos: ficou ansioso e arrependido, seguramente viveu angústias, culpas e teve que voltar o mais rápido possível à situação anterior. Então, sobre essa problemática inconsciente, não poderá abandonar a nenhuma das duas sem sentir-se ameaçado pela outra, que a partir desse momento PASSARIA A TE-LO POR INTEIRO. Por isso está numa situação dramática, asfíxiante, que o paralisa e nada altera. Para ter UMA mulher, necessita de duas; uma o ameaça, duas o excedem. Mas, felizmente, sendo mais de uma, sempre se pode recorrer à outra. Por alguma razão teme A MULHER, não a sua; mesmo lhe produzindo tédio, falta de interesse, etc., não tem medo de estar junto dela: seu medo é de perdê-la. Neste caso sente o risco de cair num abismo. Mas onde cairia? É fácil imaginar: no único lugar possível, o lugar em que sempre esteve, ou seja, nas mãos firmes da outra

mulher. Sua esposa funciona para ele do mesmo modo que o indivíduo que, temendo ser atacado por cães ferozes, compra um para defendê-lo. Todas as relações que estabelece com as mulheres são barradas pelo "escudo protetor" de sua própria mulher, motivo pelo qual diríamos que nosso valente herói que teme A UMA MULHER se defende com duas.

Agatha Christie nos ensinou a maneira de se evitar a morte por envenenamento com arsênico. É só tomá-lo em pequenas doses durante um tempo prolongado, isto é, o Veneno e o remédio são a mesma coisa; mudam apenas a dose e o tempo. Por isso nosso herói necessita de tempo, muito tempo, para acostumar-se ao veneno e, desse modo, neutralizá-lo. Todos seus objetivos conscientes giram em torno do desejo de libertar-se de sua mulher, mas erra o alvo e acaba conseguindo perder a outra, aquela que racionalmente quer conservar.

Diríamos que seus sinais internos estão invertidos; o desconcertam e o deixam em posição embaraçosa porque quanto mais se esforça para libertar-se – como no judô –, mais preso fica. Por esse motivo, quando saiu por dezessete dias, seu retorno foi pior, ou seja, sua esposa, com quem tanto sofre, lhe garante uma eterna cruzada pela libertação, como já verificou durante o breve e glorioso período de ausência. Comprovou que, quando realiza o que deseja, sua nova realidade não corresponde às suas fantasias. Em troca, se preserva e NÃO realiza seus desejos que estarão ali, perpétuos e renovados. Finalmente poderá continuar lutando; já conhece a sua oponente tão bem como a um antigo companheiro de xadrez de quem, por intuição, pode antecipar as jogadas. Com a próxima, futura carcereira, não tem essa certeza. Disporá, por acaso, de liberdade para realizar suas modestas porém honrosas saídas?

POR QUE TEM MEDO DE UMA MULHER?

Se tiver autorização, o Rei Salomão corta a criança ao meio. A mãe verdadeira se opõe e prefere deixá-la inteira, cedendo-a à outra. Esta é a dinâmica inconsciente do nascimento humano. Há mães que não aceitam distanciar-se de seu filho; são protagonistas de uma dupla atração: tanto a mãe deseja secretamente continuar unida ao bebê, quanto ele aspira estar sempre junto a ela. Um bisturi nas mãos de um parteiro separa dois corpos cortando uma corda a que chamamos de cordão umbilical. Se não se corta a tempo, a criança morre asfixiada, já que não consegue ativar seus mecanismos autônomos da respiração e da circulação; a placenta fica como resto de uma relação prazerosa. O que o parteiro faz, com relação aos corpos, o pai fará em relação à alma. Aproveitará que o dedo está em riste para mostrar o caminho da porta ao filho. Todo filho deverá um dia abandonar os pais e achar seu próprio caminho e seus próprios amores, como afirma a Bíblia (para quem tenha dúvidas a esse respeito). Toda mãe deveria – por imposição do juiz que é quem interpreta a lei – deixar nascer

seu filho. Esse juiz salomônico é o pai, que deve intervir para separá-los. Não é absolutamente imprescindível que o pai, marido ou companheiro da mãe faça algo para que tudo isto ocorra; é uma função que pode realizar-se perfeitamente na ausência de um homem concreto. Mães que educam seus filhos sem intervenção de um homem podem permitir o desenvolvimento do filho sem dificuldades afetivas. Do mesmo modo, um pai pode ser uma presença constante na casa e, no entanto, não penetrar na relação entre mãe e filho. É uma função que se opera dentro da mãe e requer que ela aceite a autoridade simbólica do pai. Trata-se de conceber e aceitar a independência do filho, de poder considerá-lo um ser autônomo.

O que acontece quando mãe e filho conseguem seus objetivos e permanecem juntos? O resultado não é uma ridícula relação sexual entre ela e o bebê, como se poderia

pensar. O que ocorre é que o jovem jamais encontrará a mulher adequada. O casamento edípico que se realiza inconscientemente entre mãe e filho só é notado por seus efeitos na neurose. Todo neurótico em maior ou menor medida está impedido de AMAR ou de TRABALHAR que são, justamente, as duas atividades que articulam a autonomia humana. Quando o indivíduo não se separa de sua mãe, não se constitui como sujeito. Portanto, de algum modo, ele não conseguiu nascer e fracassou no seu projeto humano. Necessita, por isso, de uma relativa independência que possibilita uma vida plena.

PRISIONEIRO DO AMOR

Aparentemente, o nosso marido ama em excesso: duas mulheres testemunham sua potência. Sua vida, no entanto, está torturada por dúvidas e por um angustiante sentimento de prisão. Podemos chamar a este sintoma de claustrofobia, semelhante ao que padecem algumas pessoas no interior de um elevador ou de um avião. Ele se sente sufocado na sua relação com a mulher e é por esse motivo que tem que achar uma saída.

A única encontrada, por ora, foi a outra mulher. De certo ângulo a vida é um intervalo entre duas prisões: uma que o nascimento interrompe e a outra que a morte inicia. Nossa liberdade se exerce entre esses dois momentos, sendo a claustrofobia um retardo na abertura do nascimento ou uma antecipação no fechamento da morte. Dizemos que na morte retorna-se à mãe terra. Quem já sofreu uma falta de luz dentro de um elevador reconhece facilmente esta sensação, o sintoma da raiz materna: trata-se de sair de uma prisão, que é fonte de uma angústia insuportável.

É verdade, portanto, que uma pessoa pode ser aparentemente normal e adulta, mas ter dentro de si o

estigma de um nascimento incompleto gerando a impossibilidade de romper a relação com uma mulher.

DE QUEM É A CULPA?

A comédia desenhou a figura da mãe judia como aquela que espera a fidelidade eterna do filho; uma mulher que odeia a nora e tiraniza o filho com seu amor. A contrapartida desta mãe é um pai que a mesma dramaturgia descreve como submisso, dominado, incapaz de se impor a esta figura materna. Por este motivo, nosso herói – covarde e patético – é filho de uma mãe que o deixa, desta forma, cortado ao meio. Por isso, na sua ignorância, ele se manifesta: quer nascer e ficar inteiro.

Nem sempre a culpa é da mãe. Quem sabe seu pai fosse um Salomão sem juízo, que não o ameaçou com a opção cirúrgica que lhe permitiria afastar-se de sua mãe e unir-se a outra mulher. Desta forma, ele parece ser uma vítima inocente de uma mãe seguramente também inocente, vítima de um pai que involuntariamente se omitiu e não fez o juízo a tempo. Todos são culpados por ele levar uma vida dramática entre duas mulheres. Ele joga desesperadamente, nesta relação, sua última possibilidade de sair inteiro para a vida, de ser alguma coisa e não duas metades de alguma coisa. Mas o único recurso de que

dispõe, na falta de um pai, é uma mãe – ou melhor – outra mãe. Nosso jovem é, neste sentido, órfão de pai, ainda que o pai viva; tem, por isso, duas mães que, somadas, dão um pai alternativo, já que, sempre, uma estará vigiando a outra para que não se entusiasme excessivamente com o bebê.

A mãe que ama de verdade, como sabemos, está casada com um homem de juízo, que pode lembrá-la – caso se esqueça – que meio filho não vale a pena. É melhor inteiro, embora de outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, SIGMUND – Obras Completas – Rio de Janeiro, Editora Imago

1- Totem e tabu. (1912)

2 - Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (1909)

3 - Alguns tipos característicos encontrados no trabalho psicanalítico. (1916)

POR QUE TENHO MEDO DE SER HOMOSSEXUAL?

Pressenti que alguma revelação surpreendente alteraria o curso dos acontecimentos.

Sobre mim mesmo? Tenho uma forte tendência a passar horas me observando no espelho. Olhei-me de todos os ângulos possíveis até finalmente concluir que toda tragédia de minha vida se vinculava ao irrefutável fato de ser baixo. Não pensem por isso que sou anão. "Normal mínimo", diria. Meu aspecto não tem, objetivamente, nada de desagradável ou defeituoso. Não... não é precisamente isso. É uma preocupação exagerada com minha aparência, talvez algo não se encaixe bem, embora não saiba precisar o que é. É como um desencontro entre o que vejo no espelho e o que acho que deveria ser. Imagino que as pessoas em geral, ao enfrentar sua imagem, pensam: isto é exatamente o que seu! Eu, em troca, sinto que, por algum motivo desconhecido, não me pareço comigo mesmo. Se alguém estiver andando atrás de mim a alguns passos de distância, vai ver uma imagem na qual prefiro não pensar. Vejo-me feio, horrível; apesar de minha mãe me assegurar que são idéias absurdas, sem fundamento, não confio muito na sua palavra, porque alguém que assumiu o trabalho de ter um filho é lógico que queira vê-lo normal. O certo

é que, quando sou observado, sinto que me derreto como um boneco de cera. A verdade é que, como já começam a perceber, sou um sujeito triste, complexado e que carrega um peso descomunal na sua existência. Mas - perguntarão de imediato - que tem isso a ver com homossexualidade? Até agora só mostrei um aspecto, talvez o que me dê menos vergonha, mas, na verdade, há algo muito pior... Faz exatamente duas semanas, não recordo exatamente o dia, estava no meu quarto conversando com um amigo - possivelmente o meu melhor amigo - quando, em meio a um diálogo, me invadiu um pensamento que tenho vergonha de lembrar. Talvez tenha sido mais uma imagem que um pensamento, onde me vi abraçando-o com força, beijando-o, mais precisamente beijava-o na boca. Na realidade, nada aconteceu; só fiquei tão perturbado com esta imagem que esqueci do que estávamos falando, ruborizei-me e saí rapidamente do quarto sem dar maiores explicações. Mais tarde lhe pedi desculpas e disse-lhe ter tido um repentino mal-estar digestivo. Não sei se esta foi a primeira vez que ocorreu algo semelhante na minha vida, mas sinceramente não lembro de nada parecido.

Suponho que agora já sabe do que se trata. Apesar de eu ter levado demasiado tempo para percebê-lo, naquele instante tudo se esclareceu. Agora entendia o motivo do meu mal-estar, a razão da minha timidez.

Faltam-me força e coragem para falar dessas questões como para continuar minha vida sob esta nova perspectiva. Confirmado o diagnóstico de homossexual, talvez minha solução - se consigo dinheiro - seja viajar para um lugar distante, me afastar para sempre, ou talvez achar uma solução ainda mais definitiva. Positivamente não tenho coragem para enfrentar o inundo com uma nova identidade. Já vi na televisão esses travestis que, simplesmente, à primeira pergunta, sem muita insistência, contam sorridentes que mudaram de sexo, como quem mudou de

time de futebol. Para alguns poderá parecer moderno ou romântico... NÃO ! ! ! ! ! Jamais me verão assim; corpo de homem e desejos de mulher!!

Antes de chegar a conclusões precipitadas, quero deixar claro que, às vezes, por algumas horas, me esqueço do problema. Até consigo passar uma tarde inteira sem me preocupar mas, como uma inexorável sentença, tudo volta, tudo recomeça. Minha antiga timidez, minha falta de harmonia, repentinamente, se converteram num único pensamento: sou homossexual.

Embora tenha havido alguns momentos melhores, foram curtos; como no verão passado em que me enamorei Foi um sonho delicioso, mas pouco tempo depois ela viajou e tudo terminou com a mesma e surpreendente rapidez com que começou. Nunca tive muita sorte e habilidade com as mulheres, possivelmente devido a uma razão que agora é óbvia: secretamente não as desejo.

Será que todos homossexuais começaram assim?

O curioso é que, apesar de tudo e ao menos por agora, não posso afirmar que goste dos homens; há algo de ridículo numa relação sexual entre dois homens. Racionalmente prefiro as mulheres, mas meus pensamentos e temores denunciam minha preferência. Então pergunto, simplesmente: SOU OU NÃO HOMOSSEXUAL? Por favor, responda-me; poderei adaptar-me às circunstâncias. Sou suficientemente homem para isso.

A PERGUNTA SOBRE O DESEJO

O homossexual sabe que se sente atraído por pessoas de seu próprio sexo e reconhece que essa atração sempre existiu. É homossexual, realize ou não seus desejos. E um indivíduo que não precisará perguntar a ninguém: "Qual é o meu sexo?" Nosso angustiado personagem, no entanto

pergunta, dramaticamente, sobre seu SER, nos interroga se E OU NÃO homossexual. Esta pergunta nos coloca violentamente na questão; porque ele, honestamente, NÃO SABE o que É.

Poderíamos argumentar que o medo da homossexualidade não o transforma em homossexual, do mesmo modo que o medo da hepatite não o torna icterício, nem o medo da morte o mata. Ao tratar-se de sexualidade, perdemos a objetividade. É muito difícil convencer alguém de que tem bom aspecto se ele não o sente; ou que o tamanho do pênis, ou dos seios, é normal se a pessoa tem dúvidas a esse respeito. Qualquer argumento que apele para a lógica não é suficiente para convencer quem está preocupado com estas questões. Identidade, sexo, esquema corporal não podem ser debatidos com argumentos lógicos porque os fundamentos destas dúvidas provêm do inconsciente e é lá que é preciso operar para removê-las.

Voltando ao nosso protagonista: seu sistema lógico perdeu estabilidade quando imaginou abraçar e beijar seu amigo. Nesse relato assistimos, ao vivo e a cores, ao trânsito de uma idéia, desde o inconsciente até a consciência. Trata-se de um desejo mudando de domicílio. Deixou de estar reprimido e ingressou na consciência. Ao dizer reprimido, queremos dizer que estava submetido à pressão (repressão) e que, por algum motivo, não podia ou não devia estar na consciência. A razão dessa exclusão, não devemos buscá-la no fato de lhe terem ensinado desde pequeno que a homossexualidade era algo feio. A razão mais essencial é que, para ele, que ERA UM HOMEM até esse instante, esse pensamento anula seu SER. Deixa de SER HOMEM para ser outra coisa, talvez um homossexual, talvez uma mulher, e a questão de ser uma ou outra coisa é mais fundamental que o simples preconceito contra a homossexualidade. Nosso jovem estava enfrentando uma contradição essencial na sua vida. SER OU NÃO SER, eis a questão que, parafraseando

Shakespeare, nos mostra que este pequeno Hamlet se encontra sem recursos: não ser nada, impossível; e no caso de ser, ser O QUÊ?

A MULHER OCULTA

O desejo feminino, quando se apresenta num homem, é um desejo homossexual. Neste caso estava reprimido, ignorado, até o instante em que desejou beijar seu amigo. Aqui deixa de estar reprimido, invade a consciência, se dá a conhecer e produz angústia. Assim como numa nação submetida a uma ditadura, um delinqüente comum é perseguido, a oposição política também é reprimida. Ambas são discriminadas, mas a oposição ao regime, além de perseguida e castigada, é reprimida porque ameaça o regime na sua totalidade. Nossa consciência também atua como uma ditadura que não aceita contradições que a afetem na sua essência. Desta forma, a repressão é um método para resolver aquilo que não se pode integrar por ser paradoxal. Não se pode ser homem e mulher simultaneamente, como não se pode ser bondoso e assassino ao mesmo tempo. Não porque isso seja inadequado para um ser civilizado, mas porque esses desejos são contraditórios ao princípio elementar da lógica, aquele que diz que não é possível estar em dois lugares ao mesmo tempo ou ser duas coisas opostas simultaneamente. Neste sentido, a contradição ameaça o SER a nível da própria plataforma existencial. De qualquer modo, no nosso jovem um desejo feminino penetrou na sua consciência masculina. Ignoramos por que precisamente nesse momento; talvez tenha sido incrementado por algum motivo ocasional, ou porque simplesmente relaxou por um instante o rígido controle que normalmente exercia sobre seus impulsos inconscientes. Segundo seu relato, vive em estado de alerta e carrega um peso descomunal em sua existência. Agora entendemos a razão pela qual lhe pesa tanto viver; esse desejo homossexual (e talvez outros,

também contraditórios) está ameaçando-o de forma permanente. Esta é a razão mais freqüente do cansaço, da fadiga no cotidiano das pessoas neuróticas, em qualquer idade. Cansam-se porque precisam de uma vigilância constante, dia e noite, para defender-se dos desejos contraditórios que, quando atacam, invalidam o ser. Ocorre também o curioso fenômeno de – quando um desejo rompe o cerco e invade a consciência – não haver maneira de eliminá-lo: esse caminho não é reversível. Agora está instalado no meio da consciência, como uma visita irritante a quem não se pode expulsar. Por isso, nosso amigo, convertido agora num filósofo doméstico, passa seus dias numa interminável discussão sobre o ser, pensando se É OU NÃO É.

O INCONSCIENTE BATE À SUA PORTA

Onde estavam as idéias homossexuais antes do trágico pensamento? Dormiam silenciosas no subsolo da consciência, ocultas, subterrâneas, sem provocar transtornos.

São sentimentos normais, universais; todos temos desejos contraditórios no inconsciente, que é constituído precisamente por eles. Nosso herói é tímido, não quer ser o centro de atenções e se desgasta numa luta feroz contra seus fantasmas, que o pressionam de diversas formas. Está ansioso porque estes desejos o inquietam, desejam entrar na consciência, até que um deles aparece em pleno dia e ali recebe, ao ser batizado, um nome vergonhoso: DESEJO HOMOSSEXUAL, suficientemente potente para ter nome, mas sem força para converter um homem em mulher.

DEFENDENDO-SE DO INTRUSO

Os desejos que invadem a consciência têm algumas qualidades que denunciam sua origem. Observemos que o

desejo de beijar seu amigo é tão estranho que o próprio jovem não o "deseja". Do mesmo modo que no verdadeiro homossexual o desejo é evidente, claro, como desejo ERÓTICO, no jovem tímido o desejo está visível, mas impossibilitado de ser exercido. Aparece antes como desejo NEURÓTICO e, como tal, produz um mal-estar que tem mais possibilidades de levá-lo ao suicídio do que a um ato homossexual. A imagem está consciente, reconhecida, mas perdeu seu caráter de "desejo" para ser agora uma idéia, uma preocupação e, essencialmente, uma sensação que dá mais medo que prazer. Fala-nos de algo que se lhe apareceu como uma ocorrência louca, estranha, o que é muito diferente de um desejo sexual. É sexual no seu argumento, mas assexuado e angustiante na sua sensação. Quando uma homossexualidade não é evidente e se necessita de um aparelho especial para detectá-la, é porque já deixou de ser homossexual para ser outra coisa; mais precisamente se constitui como sintoma neurótico, definido como um desejo que escapou do inconsciente acompanhado de sua correspondente punição. A punição consiste em transformar prazer em desprazer. Quanto maior o prazer prometido pelo desejo, maior a angústia que se vai sofrer. Nosso jovem, então, não abraçou seu amigo à força e o beijou na boca: empalideceu, perdeu o discurso e saiu do quarto, desesperado. E a repressão atuando sobre ele, cortando o possível gozo homossexual e transformando-o em angústia, sofrimento. A angústia será uma constante, já que é produto da soma do impulso e seu castigo; sua intensidade dependerá da força relativa de seus componentes. Quando a angústia é muito intensa, significa que o sujeito está evitando desejos igualmente intensos.

VOCÊ NÃO É HOMOSSEXUAL

Poderíamos aventurar a seguinte regra: aquele que tem medo, que se angustia com a possibilidade de ser

homossexual, é precisamente porque não é. Quem realmente é não só não teme, mas tampouco tem dúvidas a respeito. Temer ou duvidar da própria sexualidade é indicativo de que o conflito está deslocado de seu centro. Todo sujeito, homossexual ou não, sabe perfeitamente o que quer em termos eróticos. Pode você mesmo verificá-lo; basta fechar os olhos e imaginar o que mais lhe satisfaria a esse respeito. O indivíduo CONHECE PERFEITAMENTE O QUE DESEJA, o que não significa que, necessariamente, aceite todas as conseqüências, os custos sociais de sua "eleição erótica". Inclusive o protagonista da nossa história que se mostra tão confuso e angustiado. Admite, com aparente sinceridade, que gosta de mulheres e não dos homens, pelo que, seguindo esta regra, concluiríamos que ele, apesar dos seus temores, não é homossexual.

A DÚVIDA METÓDICA

Assistimos a uma estratégia de defesa ante o contraditório: A DÚVIDA . O homem, a mulher e o homossexual sabem: o neurótico duvida. "Será que agora, por causa desse maldito pensamento, deverei vestir roupas de mulher, pintar as unhas ou os lábios?" Com uma cruz na mão nos manda retroceder: "Jamais me verão deste jeito", nos adverte. Sua tática defensiva está armada; E A DÚVIDA É A PRÓPRIA DEFESA .

Num processo criminal, quando um suspeito é acusado, a melhor saída para o promotor é demonstrar sua culpa e encarcerá-lo. Outra opção, menos radical, é dar ao acusado, ante insuficiência de provas, o benefício da dúvida. Este é um estado de suspensão do juízo, seja racional ou jurídico, que permite postergar a sentença por um tempo maior ou menor, mas por certo, enquanto a dúvida circula, poderão conviver masculino e feminino, bondosos e assassinos, todos sob o mesmo teto.

Agora podemos responder com mais elementos quando nos interrogam: "Sou ou não sou homossexual?" Diremos que um desejo inconsciente escapou da repressão e como não pode permanecer na consciência sem desmoroná-la, SE SUSTENTA NA PRÓPRIA DÚVIDA, pois, ao duvidar, achou um novo e incômodo lugar para o impulso feminino reprimido que DEVERIA ESTAR SUBMERSO NO INCONSCIENTE. E ao escapar desse lugar que necessita encontrar um novo espaço: nem o perdão do céu nem o castigo do inferno, mas a suspensão, o limbo da dúvida.

A MODERNIDADE DO DESEJO

Quando uma jovem intelectual de óculos e livro teórico embaixo do braço acende um cigarro e diz a sua amiga que gostaria de viver com ela uma experiência homossexual, o mesmo desejo que produziu tantos problemas no jovem torturado nesta nova circunstância deixa de ser ameaçador. Mais parece uma aventura intelectual do que uma neurose. Por esse motivo, se nosso jovem fosse um pouco mais atualizado, mais culto, possivelmente também poderia aceitar esse pensamento sem transtornos. Não o levaria necessariamente à prática mas o admitiria, dando de ombros. Sua consciência compreenderia que os pensamentos que representam os desejos não forçam ninguém a fazer o que não quer. Nosso jovem não tem cultura suficiente para admitir um desejo dessa ordem e, então, essa curiosidade ou desejo, que poderia integrar qualquer folclore cultural avançado, se transforma num agudo conflito, uma espécie de incêndio interior que a repressão quer apagar e a dúvida contém.

DESEJOS OU PROJETOS?

A história que estamos relatando não é excepcional porque os desejos são a marca registrada dos seres

humanos. Temos uma infinidade deles e, em geral, sua realização traria lamentáveis confusões para a convivência social. Quando nos referimos ao desejo humano, faz-se necessário um esclarecimento. Os desejos conscientes são aqueles que transitam livremente no nosso aparelho psíquico. Podem ser sexuais ou assexuados. Não apresentam nenhuma dificuldade para sua localização, porque aparecem de forma clara. Quando são desejos sexuais, se acompanham de ereção ou lubrificação, segundo se trate de homem ou mulher. Os desejos assexuados são todos aqueles que, com conteúdos diversos, encham nossa vida psíquica.

Outra categoria está constituída pelos desejos inconscientes que são objeto de uma repressão e, quando aparecem na consciência, perturbam-na, como foi o caso do desejo ou pensamento homossexual do nosso jovem. Quando um desejo inconsciente penetra na consciência, produz ruidosas defesas. O neurótico se defende de seus desejos tratando-os como se fossem projetos, planos a serem concretizados, enquanto que

um indivíduo mais sadio lhe daria o tratamento de um simples e inofensivo pensamento. Quem tem desejos de matar não chega a ser notícia de jornal, a não ser quando realmente mata. O desejo de beijar um homem não obriga ninguém a realizá-lo, sobretudo quando não lhe dá prazer. Se estamos tranqüilamente numa sala e alguém grita "FOGO!" e um dos presentes se joga pela janela e morre, vemos que a defesa foi maior que o perigo; o alarme poderá ser real ou não, mas a defesa foi real e grave. Do mesmo modo a neurose se defende verdadeiramente de fantasmas de opereta; sua gravidade não está no desejo inconsciente e sim nas defesas que se estabelecem contra ele. O que configura a neurose é ACREDITAR REALMENTE que um pensamento é um projeto que deve realizar-se. Foi o caso do beijo na boca, o qual o jovem não consegue ver como um simples pensamento; faz esforços para deixar de pensá-lo, para eliminá-lo, o que o

desgasta. Essa é a razão pela qual a neurose diminui a capacidade intelectual já que limita a liberdade de pensamento. Pensar não é imoral, qualquer que seja o conteúdo, aparentemente horrível ou perverso. O imoral poderia ser a realização do pensamento. Mas quando um desejo entra na consciência, sempre se vê submetido a algo similar a um plebiscito no qual, como em qualquer democracia, se vota SIM ou NÃO à sua realização. Neste caso, o plebiscito votou NÃO, ou seja, não quis saber de nada a respeito de seus desejos homossexuais. Não obstante a negativa não o tranqüilizou; o desejo continuou presente no seu interior e o jovem se angustiou. Em outro indivíduo menos perturbado o pensamento poderia surpreendê-lo mas, negando-se a realizá-lo, poderia perfeitamente esquecer sua existência. Nas ocasiões em que o plebiscito opta pelo SIM ante um desejo feminino, o protagonista realizará uma opção homossexual. O desejo feminino terá, então, livre acesso à consciência e à ação. O novo cenário onde isto se manifestará será agora o mundo social que, como todos sabemos, também realiza todo tipo de juízos e plebiscitos, com maior ou menor justiça.

A sociedade reprime suas minorias ou lhes dá o benefício da dúvida, ou então cria modas que permitem que honestos convivam com delinqüentes. Algumas sociedades são mais elegantes do que outras, mas elegância e democracia humanas são outra questão.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESEJO E A SEXUALIDADE

CORPOS NATURAIS E DESEJOS ARTIFICIAIS

Se me pedem que responda rapidamente qual é a razão do desejo sexual, direi que parece algo ligado à natureza. Todos os seres vivos se desejam com o caminho para a procriação, sendo esta a causa da sobrevivência da espécie

até a atualidade. Respondemos, assim, influenciados pelo que acontece no mundo animal onde macho e fêmea se complementam para procriar com absoluta simetria. Pressupomos o mesmo no universo humano. Este também exibe exemplares masculinos e femininos e, normalmente, um deseja o outro, conservando a aparência harmônica do universo.

O corpo com o qual nascemos tende a desejar de forma adequada. Ao corpo do homem falta, para que se satisfaça sexualmente, um de mulher e vice-versa. Paradoxalmente, o homossexual deseja um corpo exatamente igual' ao seu. Tem um pênis e também deseja o pênis de outro homem. Em circunstâncias iguais uma mulher homossexual se excita com o corpo de outra que tem suas mesmas características anatômicas. Nesses casos possuir um sexo e, simultaneamente, desejá-lo ameaça o princípio lógico que postula que só se deseja o que não se tem, colocando-nos assim frente a uma incógnita; da mesma forma denuncia que, no humano, desejo e corpo são independentes.

Nos animais os comandos sexuais respondem a ciclos instintivos e herdados. Nos seres humanos é diferente: apenas o corpo se herda; o desejo que este vai exercer não é herdado, mas sim resultado de um processo, de uma construção. Isto é

difícil de admitir e explicar porque, apesar de termos sido os protagonistas, perdemos todas as lembranças que nos levaram a este processo. Nossa memória não guardou absolutamente nada da nossa origem sexual e tende a pensar que corpo e desejo vieram juntos, como se fossem uma moderna máquina de lavar com seu correspondente manual de instruções.

POR QUE DESEJO AS MULHERES?

A sensação é estranhamente deliciosa. Algo desconhecido me invade; só sei que se refere a meu sexo. Espero, impaciente, a hora de dormir, a obscuridade do meu quarto, o silêncio máximo que se produz quando a respiração dos meus irmãos se torna regular... Poderei abrir meu palco de teatro e imaginar a cena. Vejo seu corpo com todos os detalhes; curioso, porque demorei tanto tempo para reparar na sua beleza? Esse corpo que, ao desenhá-lo em minha mente, acelera minhas batidas, altera minha expressão e causa estranheza a quem o percebe. Não é amor, é diferente; é algo ameaçador e absolutamente irresistível. O amor é outra coisa. Isto é desejo. Tal é sua potência que dou graças por não encontrá-la, não tocá-la, para evitar a vergonha de descarregar-me como um raio em dia de tempestade. Pouco corpo para tanto desejo... Convidei-a para dançar na festa de fim de ano; creio que jamais estive tão tenso porque todo o meu eu estava alerta para não denunciar-se. Não poderia exibir meu desejo, de jeito nenhum; se alguém o descobrisse, eu negaria até a morte. Pergunto-me: por que tão proibido? Creio entendê-lo, porque foi sem aviso prévio. Essa sensação que me converte numa fera presa por um fio muito delgado... Essa energia que não cabe no meu interior e que não consigo imaginar que alguém possa receber sem destruir-se... A masturbação muda tudo; me envergonho até frente ao espelho. Juro, pode me acreditar; jamais voltarei a fazê-lo.

A ORIGEM DA IDENTIDADE SEXUAL

O ser humano nasce um pouco imbecil: necessita de quase cinco anos para se ajeitar sozinho e o faz de forma precária. Por outro lado, os animais, que também se alimentam na mãe, logo imitam os adultos. Em pouco tempo são exemplares completos da espécie, inclusive sexualmente maduros. E verdade que não vão muito além de seus predecessores nesta evolução. O humano, por ser integrante de uma espécie que nasce fraca e indefesa, tem como

necessidade essencial contar com um meio social, com adultos que o sustentem tanto em nível biológico como afetivo.

Supõe-se que, há muitos séculos, quando a humanidade atravessava a Era Glacial, os homens, para poder sobreviver, tiveram que compartilhar as cavernas existentes porque, obviamente, fazia muito frio. Eram meio brutos: estavam mais próximos do reino animal do que do humano. Sua sobrevivência dependeu de sua capacidade de organizar-se. A família surge desta fase, tendo evitado, desta forma, o possível desaparecimento da espécie.

"Falando a gente se entende", ou melhor, é falando que o homem se faz gente. O homem só pode falar quando conseguir renunciar a algumas coisas, porque sempre se fala do que não se tem. O que os pré-humanos não fizeram foi matarem-se por qualquer insignificância, bem como renunciaram a ter relações sexuais com qualquer um, sobretudo com membros de sua própria família. Organizar-se implica comunicar-se, utilizar um discurso. O falar fabricou para o homem categorias tais como MÃE ou PAI que, embora procedam da natureza – todos os animais têm pai e mãe –, no mundo humano existem como categoria social e não como meros fatos biológicos.

O complexo de Édipo, que proíbe sexualmente a mãe, só pode funcionar se previamente existirem os conceitos de pai ou mãe. Recordemos que Édipo cometeu incesto quando lhe disseram que Jocasta era sua mãe: até esse momento tinha uma vida sexual normal com sua mulher, ou seja, incesto é uma informação, um conceito, não um simples ato sexual com uma pessoa inadequada.

Ao socializarem-se, os homens criaram leis que organizaram duas questões básicas: a agressividade e o sexo. Em relação a este último, parece que o chefe da tribo tinha direitos sexuais sobre todas as mulheres, como se vê em qualquer fato de cabras. Posteriormente, isso se

democratizou e a sexualidade só seria praticada por pai e mãe, excluindo o resto da família. Desse modo os filhos não puderam ter relações sexuais entre eles nem com os pais. Esta Lei do Incesto conseguiu seu objetivo de manter a ordem dentro da comunidade humana, embora no inconsciente, tanto de filhos como de pais, estes desejos continuem vivos, compondo os temas prediletos dos psicanalistas. Todos os problemas sexuais humanos relacionam-se com esta proibição. É muito importante: antes deste momento mítico da proibição do incesto não havia inconsciente, porque não havia nada para reprimir e esquecer. Depois de ter inconsciente é que as pessoas conseguem ser conscientes e responsáveis. Devemos ressaltar que esta proibição, que se originou no grupo social humano, na cultura, MARCOU O SER HUMANO NA SUA CARNE e modificou os tempos de maturação biológica da espécie. Assim o humano, que poderia ascender à maturidade sexual aos cinco anos, só a alcança aos dez ou onze anos. Entre os cinco e os dez anos se instala uma fase chamada "latência" porque o sujeito não é criança nem adulto, nem homem nem mulher. Essa clausura temporária da sexualidade infantil que dá início à latência se conhece como NAUFRÁGIO DO COMPLEXO DE ÉDIPO e se chama assim porque os desejos infantis – entre eles o desejo erótico por pai ou mãe – submergem, naufragam no inconsciente.

Essa é a evolução de quase todos os seres humanos, embora alguns consigam evitar esse naufrágio de sua sexualidade.

AS RAZÕES DO NAUFRÁGIO

A sexualidade infantil se vê interrompida por pressão da cultura. Atuam sobre o ser humano dois famosos complexos: o de Édipo, mais conhecido, e o de Castração.

A MENTIRA DA CASTRAÇÃO

Duas crianças, Joanelha e Paulinho, de aproximadamente quatro anos de idade, brincam nus na piscina. Paulinho (pensando enquanto observava atentamente a genitália de sua amiguinha): – Que estranho! Parece que falta alguma coisa nessa garota; será que foi porque ela ficava mexendo muito ali? Isso também pode acontecer comigo? Joanelha (pensando): – Que coisa esquisita esse garoto tem entre as pernas!... (observando-se) Eu não tenho nada parecido; será que perdi ou caiu? Vou perguntar a mamãe.

Não é imprescindível que realmente ocorra esta cena para que funcione o complexo de castração. O inevitável é que um dia toda criatura humana se defronte com a existência do outro sexo, independentemente de como obteve esta informação.

EFEITOS DA CASTRAÇÃO NO HOMEM

Nesse momento da sua vida Paulinho, criança normal, descobriu a masturbação. Está excitado e curioso. Possivelmente algum adulto, ao perceber sua prática, repreendeu-o dizendo que não era correto mexer nos genitais. Paulinho, observando a menina, crê erroneamente que a castração existe e foi praticada na sua amiga, o que significa que a anatomia de Joanelha – normal e perfeita em si mesma – é interpretada como resultado de uma mutilação, exercida como castigo, seja pelo pai, por um médico ou qualquer figura de autoridade.

Prazer e castigo ficam reunidos para sempre. A observação de uma genitália feminina gera reflexões totalmente distantes do fato em si, entrando em jogo um argumento jurídico: um castigo praticado num corpo. Essa é a interferência que cria a ameaça de castração no ser humano, com efeitos definitivos sobre o sujeito e sobre a

espécie. Um objeto da natureza – um corpo de mulher – se apresenta como um castigo já executado, sendo percebido como consequência do prazer sexual infantil que, em função desta visão, cessa abruptamente. A oração que começa dizendo "eu, pecador" compreende que essa lei, que humaniza a espécie, também converte em culpados todos os seus membros, já que todos gozamos na infância, embora mais tarde vamos descobrir que era delito. Paulinho usará a imagem da genitália de Joaninha como argumento que enclausura e condena sua sexualidade infantil. Confundiu uma vagina com uma ferida e, crendo que lhe ocorrera algo similar, sentiu-a como ameaça. Acreditou que a castração era verdade e se submeteu a seus efeitos, ou seja, antecipou-se a essa possibilidade e, preventivamente, reprimiu-se. Ao fazê-lo, apagou todo o processo, que passou então a ser inconsciente. O único indício visível exteriormente dessa passagem da vida de Paulinho é que, possivelmente, vá passar um bom tempo com medo – da escuridão da noite, de cachorro, da morte, ou então de personagens ameaçadores da televisão, etc., surpreendendo a família que, até então, não via nele estas atitudes. São freqüentes essas manifestações nesta idade e habitualmente são passageiras; se devem aos efeitos da ansiedade de castração sobre sua pessoa, mostrando que está entrando em latência. O certo é que deixou de lado momentaneamente seus interesses sexuais, congelando-os durante a latência, para retomá-los ao iniciar a adolescência. Paulinho fez como quase todos os seres humanos: castrou-se ao renunciar ao seu erotismo infantil para escapar de uma inexistente ameaça de castração exterior. Interiorizou um castigo que ninguém praticara sobre ele. Essa ameaça interna de castigo, que se antecipa aos delitos e que os impede, chama-se superego. Por sua causa não avançamos o sinal vermelho de trânsito, mesmo que não haja guarda para nos multar: o superego já é um guarda interno que vigia constantemente nossa conduta.

TUDO SE ESQUECE

Se anos depois mostrarmos a Paulinho e Joaninha um retrato de ambos brincando nus, na piscina, apesar do enorme efeito que isso produziu naquela época, posteriormente não significará absolutamente nada. Sobre uma cena real que Paulinho viveu com Joaninha e que lhe mostrou a diferença entre os sexos, gerou-se um equívoco, um mal-entendido que o precipitou por vias erradas no seu sexo, o masculino. Ele é um homem porque, como expoente de seu gênero, não quis perder seu pênis, ao qual renunciou temporariamente para preservá-lo. Na puberdade voltará a gostar de mulheres e essa pequena ferida que elas têm entre as pernas não será mais uma ameaça, mas, sim, o lugar mais cobiçado por seu desejo masculino.

EFEITOS DA CASTRAÇÃO NA MULHER — POR QUE DESEJO OS HOMENS?

Não agüento mais. Só ouço: "Agora você não é mais criança", "Sente-se com cuidado", "Você vai sair sem sutiã?" Talvez o fato de que seja algo tímido me fez perder o medo.

Todos querem o mesmo, não sei exatamente o que é mas parece que o importante é a gente dizer não. Ufa... ainda tenho rosto de criança. Algo melhorou com o sol; eu imaginava que quando chegasse a menstruação, tudo ia se arranjar e até agora nada. Gosto quando me toca; parece um pouco nervoso, e quando começo a excitar-me, fica todo vermelho e me afasta. Alguma vez será diferente? Disse que íamos viajar, um dia. Imagino como será dormir na mesma cama – tenho que comprar outra calcinha, esta é uma vergonha. Possivelmente vão me dar outra no aniversário. Ensinou-me como excitar-me. Será que faz mal? Todos

fingem que sabem, mas não acredito que saibam muito, pela maneira com que ficam sem jeito. Ainda bem que minha irmã já passou por isto. O curioso é que me excito nos momentos mais inoportunos e não sei o que fazer. Um mecânico todo sujo me deixa molhada. Eu me faço de boba: a gente tem que se comportar. Ainda não sei como se goza; ou sou uma burra ou tenho algum problema. Ele parece encantado quando me beija, mas melhor dizer que não. Ufa! Estou perdendo a paciência. Se continuar assim, fico sem as unhas e sem o aparelho dos dentes.

A partir da observação que Joaninha fez do seu amiguinho, concluiu que lhe faltava algo entre as suas pernas. Também a sexualidade da mulher se inicia na sua anatomia. Seu corpo, tão elogiado por poetas e romancistas, inicialmente padece de um pecado original – falta-lhe algo. Posteriormente compreende que essa é uma falsa impressão; mas para tornar-se feminina, ela deve percorrer esse caminho. Ao crer que lhe falta um órgão, que é incompleta, sai à procura – em função desse juízo equivocado – do pênis que lhe falta. É precisamente essa busca que caracteriza a feminilidade. De modo similar ao homem, que parte da falsa premissa de que poderia ser castrado perdendo seu pênis, a mulher parte da premissa igualmente falsa de que está desprovida de um pênis e deve procurá-lo. No homem o processo de naufrágio se precipitou por uma AMEAÇA, uma possível punição, que não corta o pênis mas a sexualidade infantil. Na mulher é uma frustração que a impulsiona a procurar aquilo de que está privada. Anos depois essa falta se recompensará ao ser amada por um homem que terá um pênis com o qual ela poderá gozar durante o ato sexual. Ou, melhor ainda: terá um filho com esse homem e terá assim uma compensação, um prêmio adequado à sua imaginária e esquecida carência infantil. O pênis que viu no seu amiguinho, que a deixou, no passado, tão frustrada, na idade adulta será objeto de desejo e admiração, essencial para a feminilidade. O ato sexual, por sua vez, visto do ângulo do

complexo de castração, é democrático e reparador. Nele a mulher recupera um pênis justamente entre suas pernas e o orgasmo marca o momento culminante dessa propriedade. Da perspectiva masculina estar penetrando uma mulher equilibra a aparente superioridade de ser o possuidor do pênis ao oferecê-lo ao gozo feminino. Por outro lado, se houve um sofrimento ao separar-se de sua mãe no nascimento, no ato sexual ele se reintroduz nela. Por esse motivo alguns homens não conseguem ser potentes, pois não se libertaram do primitivo medo da castração que a vagina lhes produziu e, em função disso, não chegam a configurá-la como lugar de gozo. Também algumas mulheres sentem dor durante o ato sexual, pois acreditam na ferida ou na mutilação.

O POPULAR COMPLEXO DE ÉDIPPO

Assim como o complexo de castração tem como tema central a mutilação do pênis, o de Édipo tem como tema principal a mãe. Infinitude de vezes escutamos que o "Édipo" é o amor que o bebê tem pela mamãe e que o papai fica chateado, o que é parcialmente verdade. A criança já vem ligada à mãe e agora trata de separar-se dela. Quanto ao papai, não lhe tem assim tanto medo mas, às vezes, ele não vem salvá-lo dos excessos amorosos que mamãe exerce. Em certa medida, é tudo ao revés. O menino recebe todo tipo de provas de amor materno; no famoso dia em que, bem alimentado e sorridente, se aproxima dela com intenções eróticas, podem lhe ocorrer duas coisas: mamãe o rechace em nome de que é uma mulher casada, etc.; ou que a mãe aceite seus galanteios e então ele fique para sempre com essa mãe, seja como solteirão, impotente ou homossexual. Nas três opções se conservará fiel à mãe. Fica evidente que o Édipo masculino, mais que uma paixão irrefreável pela mãe, é a luta para sair da relação com ela. Por esse motivo, contrariamente ao que se diz, é necessário que o pai intervenha na relação. Sua presença vai tranquilizar tanto a

mãe como o filho. Se sua aparição é oportuna e pertinente, o filho terá uma boa imagem masculina para imitar e será um homem normal. Se, ao contrário, o pai fracassa na sua função, o indivíduo ficará prisioneiro na relação materna e seu desenvolvimento será freado. Todos lembram a ameaça que o pai faz ao filho: se não se afasta da mamãe, ele vai castrá-lo. Essa ameaça só produz efeito se o menino está atravessando o complexo de castração

que vimos anteriormente; caso contrário, não acreditará na ameaça e continuará unido à mãe.

Se Paulinho crê que Joaninha está castrada, vai se assustar com a ameaça do pai; se não crê, a ameaça não vai ter resultado. Conclusão: o complexo de Édipo só funciona se o complexo de castração lhe dá credibilidade.

AS MULHERES TAMBÉM TÊM COMPLEXO DE ÉDIPO

A mulher vem, assim como o homem, ligada à mãe, que é seu primeiro amor. Seu Édipo também consiste em separar-se dela para unir-se ao pai, que é seu segundo amor, ao qual também deverá renunciar para encontrar um terceiro e definitivo com um homem qualquer. Também neste caso é imperioso que se combine a marcha deste complexo com o de castração. Assim como o garoto se aproxima da mãe eroticamente – e isso faz com que o pai intervenha –, no caso da mulher, como Joaninha que se descobriu mutilada na piscina, ela se dirige à mãe e reclama, aborrecida, tal carência. Deve existir uma separação entre mãe e filha para que o pai ingresse na história; senão ela fica para sempre satisfeita com esse primeiro amor materno e, então, jamais se interessará por um homem. Do mesmo modo que, para o homem, a figura do pai é uma ameaça, para a mulher esta figura é sedutora, já que agora é o pai que recebe a filha que ficou com raiva da mãe e frustrada por aquela questão de se

acreditar incompleta. Mais tarde a filha também deve esquecer que amou o pai (esse é propriamente o Édipo feminino que deve reprimir, já que nenhuma mulher pode se casar com papai), sair de casa e buscar outro homem.

O complexo de Édipo reprime homens e mulheres: é preciso reprimir para desejar. O garoto reprimiu a mãe e continua desejando-a em outras mulheres; a mulher reprimiu o pai e o deseja em outros homens. Se não houve repressão, tampouco haverá desejo, porque, nesse caso, homem e mulher continuariam fixados em seus respectivos pais ou mães e não poderiam realizar novas relações aceitas pelo meio social.

Quando dizemos que o pai deve intervir, seja como ameaça para o homem, seja como sedução para mulher, não estamos sugerindo que ele, de forma concreta, ameace ou seduza; tampouco que a mãe deva realizar alguma ação concreta para gerar esses processos. Simplesmente assinalamos que uma mãe que ama seu marido, que tem com ele uma relação de desejo e respeito, que a atração interna deste casal seja suficiente, tudo isso faz com que o filho possa utilizar figuras de ambos para cristalizar corretamente esse processo. Pelo contrário, quando o pai não significa nada para a mãe, quando não há sexualidade na relação, quando a mãe controla e governa os movimentos do pai, será mais provável que o filho se coloque dentro do casal, junto à mãe. Nesse caso os desejos do filho encontrarão receptividade na carência que a mãe tem do pai. Às vezes a mãe, por suas características de personalidade, erotiza o filho em excesso e, desta forma, inibe os movimentos que levariam à ruptura de sua relação com ele. Outras vezes, nenhuma destas coisas acontece e, entre vários irmãos que atravessam sem problemas essas fases evolutivas, um deles fica prisioneiro na mãe, sem que se possa determinar qual foi a razão.

Estes acontecimentos – incríveis – que relatamos são uma reconstrução dos fatos; cabe, pois, perguntar como é possível que, de uma história tão complicada, não se recorde de nada. Acontece que, quando tudo transcorre bem, esses complexos são invisíveis; a pessoa saudável que passou por eles não lhes dá crédito, e não tem motivo algum para fazê-lo. Por outro lado, quando há algum problema na sexualidade ou no amor, esta história fantástica se verificará quantas vezes a ponhamos à prova.

Nesse sentido diremos, abusivamente, que somente o neurótico tem complexo de Édipo e de castração. Os sádios tiveram, mas deles não restou nada visível; todo seu material consumiu-se em constituir-se homem ou mulher, e desejar "burocrática" e normalmente homens e mulheres.

SURPREENDA-SE: SOU UM HOMOSSEXUAL

Lembro-me nitidamente, embora alguma sombra obscureça os contornos. Enquanto brincava no jardim na parte dos fundos, um som inconfundível chamou minha atenção. O jardineiro estava de pé, urinando distraído, sem perceber minha presença. Quando terminou, sacudiu seu membro durante mais tempo que o normal. Fiquei observando a cena; um estremecimento me invadiu.. Seu membro era enorme e me fez sentir pela primeira vez uma sensação que nunca me abandonou. Nos dias seguintes me dediquei a esperá-lo; passei muitas e muitas horas em cima de uma árvore numa espera tão ou mais excitante que seu resultado. A simples possibilidade de que se repetisse a cena me produzia um intenso prazer e suspeito que ele o adivinhava.

Eu o desejava. Pouco depois saiu de casa mas não de minha cabeça. Não sei exatamente se me sinto um homem ou uma mulher; sei que o que quero é vê-lo novamente,

manuseá-lo, sentir-me como uma menina em suas mãos. Desde então, vivo procurando-o.

Sei que este desejo me coloca para sempre num lugar diferente do resto do mundo. Sei que é uma passagem direta para o inferno, mas ficar sem isso é o próprio inferno. Estou sozinho mas apenas por um curto tempo; comecei a descobrir que esse mundo de mulheres e homens oculta uma verdadeira sinfonia de olhares, sorrisos e gestos. Os homens se comunicam entre si e se dizem, em códigos imperceptíveis, com gestos, que se amam e se desejam. Isso acontece com as figuras mais inesperadas. O mundo oficial, com os olhos oficialmente fechados, me diverte pela arrogante sensação de propriedade que os normais" ostentam em relação a esse mundo que não entendem. Não sabem, e nunca saberão, que vivem na superfície. Percebem apenas uma pequena parte que deixamos intencionalmente visível. Basta prestar atenção, saber sorrir, colocar uma isca por esporte. Um detalhe qualquer, um olhar, a cor harmônica num lenço – e se entra na rede; infinita, multifacética, de homens que se entendem nesse universo subterrâneo; verdadeiro continente de iniciados e profissionais, de tímidos, reprimidos, aproveitadores... Reconhecemo-nos a distância e nos damos a contra-senha. É suficiente: não sei se é uma vingança ou uma tática de sobrevivência, tampouco me interessa. Sei que vocês jamais vão entrar. Nem sequer estão convidados.

OS HOMOSSEXUAIS NÃO TÊM COMPLEXOS

"Escravo do espelho meu. Existe alguém mais belo do que eu?" Se o espelho me responde que o mais bonito sou eu, fico tranqüilo e vou passear, muito feliz. Se me diz que há outro mais bonito que eu, fico com muita raiva e, neste caso, posso ficar muito triste pela decepção de ser feio. Outra possibilidade é quebrar o espelho, não lhe perguntar mais nada e pensar que é um idiota porque não sabe mais o que diz.

Joaninha e Paulinho se viram num espelho, um em frente ao outro, e ficaram tristes porque descobriram que eram diferentes. Como ficaram tristes, tiveram que trabalhar, o que, em compensação, na juventude, lhes permitiu sentirem-se mulher ou homem, em harmonia com seus corpos. Se tivessem reagido com raiva e quebrado o espelho, teriam sido homossexuais.

FRACASSO DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

Retornemos à cena da piscina. Ambas as crianças ainda estão brincando. A cena se repete de forma idêntica; só que agora os protagonistas não aceitam esta diferença nas suas anatomias, de modo que fazem como todo mundo ao não suportar um fato: negam. Quebram o espelho, deixam de ver as diferenças e, doravante, verão somente espelhos mentirosos que lhes assegurem que todos os seres são iguais.

O homossexual não tem complexos, porque não sofreu o mal-entendido da diferença dos sexos. Por isso não vive nenhuma ameaça de castração e nem acredita nela. Tampouco o afeta o complexo de Édipo, já que o pai não tem com que ameaçar. Assim não entra na latência. Sua sexualidade será uma continuação da sexualidade infantil que, neste caso, não naufragou. Por isso o homossexual tem uma memória privilegiada de suas experiências infantis, já que não sofreu com a mesma intensidade a repressão do complexo de Édipo. Ao não aceitar a diferença entre os sexos, a única forma de continuar vivendo normalmente é negar a existência do outro sexo, evitando-o para sempre. É óbvio que não se trata de não saber, intelectualmente, que há homens e mulheres; trata-se de negá-lo ao nível do desejo. Se perguntamos a um homossexual homem o que significa para ele uma mulher, dirá: nada.

Esta é precisamente sua atitude: só se relacionará com representantes de seu próprio sexo. Se a missão é negar que

a mulher existe –já que, por carecer de pênis, parece castrada –, deve então criar-se uma mulher que não seja castrada na sua aparência. Para reafirmá-lo, alguns homossexuais deixam crescer o cabelo, aplicam-se hormônios e, travestidos, convertem-se em mulheres com pênis. O travesti é um monumento dedicado a esta missão: seu sexo é definido com um patético pênis entre as pernas, estandarte desta curiosa guerra. Por seu lado, a mulher homossexual organizará sua vida erótica prescindindo do pênis, o qual poderá substituir por outras partes do corpo. Sua vida sexual demonstrará que o pênis não é necessário; por isso, obviamente, não aceitará relacionar-se sexualmente com homens, os quais, em geral, despreza. A homossexualidade feminina pode imitar, caricaturalmente, o homem, porém um homem sem pênis, castrado, apesar de que com suas roupas ou gestos tentará demonstrar que é muito viril.

O HOMOSSEXUAL E SUA MÃE — O ÉDIPO FRACASSADO

O fracasso do complexo de Édipo

A homossexualidade é expressão do reinado materno. No caso masculino não renunciar à mãe supõe que o pai não se apresentou para separá-los. Ficar unido a ela é compartilhar do seu ponto de vista, ou seja, ver o mundo com seus olhos que, como são femininos, fazem ver os homens com desejo, apesar de ele mesmo ser homem. No caso da mulher homossexual, também fica presa à mãe. Manifestará esta união ao buscar mulheres semelhantes a sua mãe em suas relações amorosas.

As relações homossexuais freqüentemente não reproduzem uma relação homem-mulher, mas sim uma relação mãe-filho; em geral um deles é o protetor e o outro

protegido; um é mãe (ou pai) e o outro, complementarmente, filho.

Altera-se, assim, a figura geométrica chamada triângulo edípico; este triângulo se caracteriza por três ângulos: pai, mãe e filho. Ao faltar um ângulo – o que corresponde ao pai – fica então convertido a uma reta, linha direta entre mãe e filho, seja homem ou mulher.

SOBRE A BISSEXUALIDADE

Sabemos que alguns artistas ilustres se declaram bissexuais, ou seja, podem, de acordo com a fase que atravessam, enamorar-se por um homem ou por uma mulher. Sua posição, sem dúvida real e honesta, desconcerta nossas reflexões. Desta perspectiva, ser de um sexo ou outro é produto de uma eleição que pode mudar de uma semana para outra. Se pensarmos com cuidado, a maioria dos humanos é monossexual, seja na opção homo ou heterossexual. A bissexualidade oferece uma segunda opção, o que, sem dúvida, é um privilégio de poucos. Ou se trata de um homossexual que, além de sê-lo, possui atração por pessoas do sexo oposto, ou então se trata de um heterossexual que eroticamente aceita os representantes do próprio sexo.

Nosso conhecimento sobre esta matéria nos mostra que o gozo sexual se produz apenas quando se cumprem determinadas condições. Quando se pressiona um homem homossexual para que se relacione com uma mulher, reage com angústia ou, às vezes, com pânico. Identicamente quando um homem heterossexual se vê forçado a uma relação homossexual, seja ativa ou passiva, sua reação poderá ir de simples repulsa à repugnância extrema ou intensa angústia. O gozo sexual sempre está relacionado com determinadas condições que o objeto produz, seja a beleza da mulher, a virilidade do homem ou outra infinidade de fatores

que variam para cada ser humano. Há quem se apaixone por um sorriso, outros pela cor dos olhos do seu parceiro. Há quem atinja o orgasmo com um sapato ou uma roupa de mulher. Nada é tão aleatório como o fator que dispara o gozo humano. Mas, uma vez instalado, este fator tende a permanecer no sujeito com extraordinária estabilidade. Um homossexual terá a tendência de satisfazer-se homossexualmente; um heterossexual, a fazê-lo heterossexualmente. Em ambos os casos, embora possam variar os companheiros, estes serão do mesmo gênero, seja este masculino ou feminino.

Se consideramos a sexualidade como uma estrada, diremos que, para a maior parte dos seres humanos, é DE MÃO ÚNICA e, se por algum motivo entra na contramão, reage com angústia. Para o bissexual esta estrada daria mão em duas direções e em ambas teria prazer; por isso diremos que na bissexualidade, na hipótese de se tratar de um caso puro, NÃO HAVERIA A ANGÚSTIA POR TRANSITAR NA CONTRAMÃO. Essa angústia é expressão da repressão que afeta a todos os seres humanos e que aparece quando se contradiz a tendência erótica do sujeito. Dispor de idênticas reações frente a um ou outro sexo é duvidoso, pelo que podemos nos questionar se, na verdade, existem casos puros de bissexualidade. Como a cultura ainda marginaliza a homossexualidade, é provável que a bissexualidade seja um artifício que permite integrar a homossexualidade, já que não apareceria como tendência única do indivíduo. Enquanto a homossexualidade é freqüentemente atacada, a bissexualidade é considerada em alguns meios como uma verdadeira proeza. Existem também outros tipos de gozo que não dependem do sexo do objeto; refiro-me ao sadismo ou ao masoquismo. No masoquismo o que importa é sofrer; no sadismo, fazer sofrer, ambos com independência do sexo do companheiro. Deixemos bem claro que as possibilidades eróticas humanas são infinitas e, em algumas condições, se pode reverter a forma do gozo, como se comprova com

grandes doses de álcool ou drogas, em situações em que o indivíduo está momentaneamente fora de suas restrições habituais; do mesmo modo quando atua pressionado por fatores de extremo perigo ou necessidade. Simplesmente ressaltamos que o desejo está sempre polarizado e, se um heterossexual deseja plenamente ter relações sexuais com um homem, se trata de um homossexual; se um homossexual se excita com uma mulher, é heterossexual. É verdade que, às vezes, se ama a beleza que, como sabemos, não tem sexo; ou como referimos anteriormente, se ama sádica ou masoquistamente, independente do sexo do companheiro. Pode-se assim configurar aparências bissexuais, que não deixam de ser reais, mas cuja verdade precisa ser esclarecida.

DOUTOR: QUERO MUDAR DE SEXO

É freqüente que algumas pessoas creiam, de boa fé, que poderão, a qualquer momento, alterar seu sexo; escolher ser homossexual ou deixar de sê-lo na hora em que o desejem. Consultam um psicanalista ou um cirurgião para pedir-lhes que modifiquem o desejo ou então lhes transformem o corpo a fim de adequá-lo a seus interesses. É evidente que poderemos praticar cirurgias, inocular hormônios que modifiquem por inteiro a aparência do corpo, mas este, embora mutilado ou disfarçado, continuará ali, com outra aparência, mas sendo o que sempre foi. Outro tanto se dá com o desejo, ao qual podemos censurar ou cortar de todas as formas possíveis, que seriam inúteis: também ele continuará ali.

É verdade -, fui eu em pessoa quem o fez. Sempre me disseram, quando era criança, que era intrometido e que acabaria mal.

Apesar de possuir um aspecto saudável, algum talento e uma extraordinária capacidade para contar histórias, sou

decepcionante. Consegui convencer os poucos que me respeitam, com meus truques.

As pessoas são mais simples, também mais consistentes; pertencem à classe dos vertebrados, enquanto eu me inscrevo entre os moluscos: solidez aparente, exterior e interior flácidos e transparentes. Já viu uma ostra por dentro?

Jamais terei a determinação e o entusiasmo do suicida; só a demorada condição do medo e a tristeza onde nada importa e ao mesmo tempo tudo é fundamental. Desânimo não é a palavra exata. Talvez seja mais adequado falar de timidez, vergonha, falta de unidade nas decisões. Algo localizado na garganta, como um filtro que faz as palavras saírem com dificuldade. Sou visto, com certeza, como um medroso, que vive pedindo desculpas por falta de energia, de convicção.

O universo fica escuro, desfocado. Tento encontrar a luz que, ao se acender, dá a impressão irrefutável de que existe algo de natural na vida. Isto é depressão?

Um detalhe importante: este estado surge, quase sempre, após uma intervenção inadequada, que me deixou sem jeito. Em qualquer evento social, perto de alguém que valorizo, fiquei eufórico, em demasia, quis me fazer de sábio, inteligente. Falei ou bebi em excesso, fiquei imprudente criticando ou elogiando. Em algum detalhe me equivoquei e não me perdôo. Em situações realmente dolorosas, como quando descobri que minha mulher já não me amava e ia me abandonar - o que foi de repente -, permaneci por muito tempo preso à minha tragédia, quase quatro anos de lamentos. Quando meus amigos começaram a estranhar, mudei de tema. Foi um problema real que poderia acontecer a qualquer um mas, voltando ao passado, vejo que organizou minha tristeza, trazendo-lhe uma motivação. Preciso da fatalidade no meu estranho vício, tanto que, quando tudo corre bem, me aparece o mau humor. Em certas ocasiões,

quando tenho problemas graves, surge, dentro de mim, uma energia inesperada. Já me disseram: "Quando há tragédias, você é insuperável." Mas sei perfeitamente que minha generosidade e meu aparente altruísmo são simples reconhecimento de que a desgraça do outro é maior. Utilizo, então, a teoria do eclipse, já que minha tristeza foi transitoriamente obscurecida pela do outro, e não o tolero. Por isso virei "especialista em definitivos": separações, morte, doenças incuráveis que, positivamente, me fascinam. O certo é que só penso em mim mesmo, reavaliando meu comportamento sem parar, como uma empresa que se desgasta realizando uma permanente auditoria de si mesma e consome sua produtividade: controle excessivo, fiscais vigiando-se constantemente, todos desconfiando.

Vou parar com esse meu discurso aqui; se lhe interessa, posso continuar. Já lhe disse que acho ótimo falar de mim?

PERSONALIDADE DEPRESSIVA

Qualquer abordagem sobre depressão corre o risco de simplificar um campo complexo e muito próximo à normalidade. Não rir numa festa é quase tão perigoso quanto não poder chorar por uma morte.

Quando dizemos que uma pessoa é depressiva, estamos nos referindo à maneira como freqüentemente se comporta, a um estilo de personalidade, ao cenário habitual da sua existência; nele permanecendo durante anos sem grandes modificações. Às vezes, o equilíbrio se perde e aparece a depressão tal como geralmente a imaginamos: tristeza, desânimo, insônia, desvalorização, temor de enfrentar as obrigações cotidianas. O deprimido não consegue receber gratificações ou elogios - que produzem o paradoxal efeito de deixá-lo se sentindo mais exigido e ansioso.

Como a depressão obriga a um trabalho permanente de elaboração, trata-se de pessoas que vivem fatigadas, com pouco

entusiasmo e iniciativa. O curioso é que, na maior parte dos casos, o mal-estar de que padecem não tem um motivo externo justificável. A própria condição depressiva, às vezes, produz excelentes desenvolvimentos intelectuais, elaborações transcendentais, em razão de uma busca constante de sentido para sua vida.

A DEPRESSÃO: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA

Se estou dirigindo um automóvel e outro motorista me obriga a uma manobra arriscada, posso descer do carro na próxima esquina e discutir com o imprudente. Também posso insultá-lo. Outra reação possível será irritar-me de forma tão intensa, que poderei sofrer um ataque de angústia pela simples impotência ante a dificuldade de descarregar meu ódio.

Uma segunda opção será esquecer imediatamente minhas intenções homicidas e ser invadido por um sentimento de tristeza e desânimo perdendo, a partir deste instante, o bem-estar de que dispunha anteriormente. Revisemos ambas as opções: aquele que sofreu a crise de ódio e angústia reconhece a relação entre angústia e ódio. Por essa razão, embora não consiga evitar a crise, irá aos poucos se acalmando. Não ficará surpreso ao constatar que a angústia o atingiu, já que não pôde agredir seu ocasional inimigo. Na segunda opção, o outro, que reagiu com depressão, também exerceu uma forma de auto-agressão mas, diferente do primeiro, desconhece a relação que se criou entre depressão e raiva.

Com isto, queremos dizer que a tristeza do depressivo É, UM MODO DE DEFESA OU DE ATAQUE desconectado do seu motivo. Assim como o primeiro ele também ficou ferido

por sua raiva e, da mesma forma, o verdadeiro destinatário do ódio continuou impassível no seu automóvel, fora do circuito. Estas circunstâncias mostram que a agressão exterior precipita uma segunda que o sujeito realiza sobre si mesmo, tanto na forma de angústia como de tristeza. Podemos pensá-lo como uma granada de mão que não foi lançada a tempo; no deprimido, a violência não toca no seu ocasional destinatário: explode na mão e o mutila. Estas observações contrariam a aparência tímida e retraída que freqüentemente vemos no deprimido, porque o essencial do quadro é esse modo invisível de explosão, ou melhor, implosão da hostilidade. São pessoas que reconhecemos facilmente porque, sendo esperada uma justa reação violenta para se defender, ficam confusas, paralisadas, como se esperando instruções sobre como proceder.

Os candidatos possíveis a depressão desconhecem os sinais da hostilidade, própria e alheia, assim como os daltônicos confundem o vermelho com o verde. Uma complicação adicional é que, por vezes, não é necessário que exista uma agressão exterior; a depressão também pode ser desencadeada por algum movimento interno: um pensamento, uma fantasia, um simples desejo, como, por exemplo, que outra pessoa resolva um problema que ele próprio não conseguiu. Aqui a depressão está no lugar de um acesso de inveja.

O que estas situações têm em comum é que o motivo da tristeza passa despercebido para o próprio indivíduo. A hostilidade foi bloqueada por um mecanismo de repressão mais complexo que o simples preceito social que condena a violência. Um indivíduo incapacitado de se defender deverá encontrar estratégias para conviver com essa dificuldade. A mais prática de que dispõe - já que não pode objetivamente evitar ser atacado - lhe será razoavelmente simples conseguir: ser amado, se possível POR TODAS AS PESSOAS. Por essa razão, o depressivo faz verdadeiros malabarismos

para conseguir o apreço e simpatia do seu meio, seja familiar ou social. Mas cada vez que fracassa, sofre e tenta revertê-lo a qualquer custo. Quem não pode ser atacado ou atacar vive de maneira semelhante a uma nação sem exército, indefesa, sempre imaginando uma possível invasão. O depressivo sente, por isto, uma constante ameaça exterior. Entendemos agora sua obsessiva preocupação em saber se foi ou não adequado a cada circunstância, se as pessoas o acharam agradável, inteligente, bem vestido, etc.: quando deixam de amá-lo e respeitá-lo,

DESMORONA-SE O AMOR-PRÓPRIO E O RESPEITO QUE TEM POR SI.

Esta é a curiosa sistemática do indivíduo deprimido: quando odeia alguém, ataca a si mesmo, ao passo que quando é atacado, se odeia. Seu sistema de equilíbrio interno só funciona com a aprovação do exterior. Por isso não tem paz e qualquer descuido em suas relações humanas é sinal de uma possível catástrofe.

Ao transformar ódio em tristeza, o deprimido se converte em agressor e agredido simultaneamente e quando conquista o apreço dos outros, gosta de si mesmo; por isso é bom lembrar que, no deprimido, O AMOR-PRÓPRIO É ALHEIO.

O DEPRIMIDO E SUAS QUEIXAS

Um poderoso motivo para queixas do depressivo é que, sendo a vítima, tem a absolvição em qualquer processo. Só no suicídio o assassino e o morto são a mesma pessoa. Qualquer homicídio tem um responsável e, na depressão, mesmo que se ignore o crime, tem-se a sensação de havê-lo cometido, de ser culpado de alguma coisa; por isso padece de uma incessante busca de absolvição. Apesar de que, na realidade, não cometeu crime algum, desejou cometê-lo, o que, para o inconsciente, é exatamente o mesmo. O motorista que desejou matar por sentir-se agredido é um exemplo da

falta de relação entre ação e reação. Existiu a fantasia homicida, não o ato correspondente.

A queixa diminui a culpa porque, indiretamente, é uma declaração de inocência, um certificado de que se está do lado dos prejudicados e não dos agressores. A verdade é que quem se lamenta aparentemente leva a pior parte. Está automaticamente excluído do campo dos culpados. Embora nos possa surpreender, há pessoas que têm orgulho de ser vítimas da fatalidade. Exibem-na com prazer. Por certo se trata de uma satisfação um pouco estranha: ser o campeão de um imaginário concurso de tragédias.

PROFISSÃO E DEPRESSÃO

Freud, no início do século, afirmou que os humanos desenvolvem disposições ativas e passivas, sendo que o ativo é característico do masculino enquanto que o passivo é expressão do feminino. Sabemos que atualmente as condutas, ativas ou passivas, se distribuem sem distinção e em diferentes proporções entre homens e mulheres. Mas há uma forma de depressão que vincula a condição ativa e passiva em relação à profissão.

Uma mulher; dona-de-casa, começou a sentir uma intensa depressão. Sentia-se escravizada por seu marido e pelas atividades do lar, consideradas por ela excessivamente simples, sobretudo depois que seus dois filhos cresceram e se tornaram independentes. Outro caso, também de depressão, foi o de um arquiteto que, após o falecimento de seu pai, recebeu de herança uma empresa de considerável porte, a qual foi obrigado a dirigir. A depressão, que chegou a paralisá-lo, se intensificava toda vez que devia admitir ou demitir funcionários na empresa. A mulher, tempos depois, demonstrou extraordinária capacidade no ramo de imóveis e sua antiga depressão desapareceu. O arquiteto chegou a ser um pintor de renome e sua "doença" ficou vinculada somente

a situações que lhe exigiam uma agressividade para a qual não se sentia capaz. Em casos como estes uma circunstância da vida profissional opera permitindo a satisfação desta disposição inconsciente, ativa ou passiva, aliviando ou gerando a depressão.

É bom frisar que todos nós temos ambas as disposições. Em algumas pessoas, uma é mais aparente e a outra reprimida. O arquiteto não dispõe de sua agressividade, apesar de ser este um atributo teoricamente masculino; por isso se deprime ao se ver forçado a utilizá-la. A mulher não pode exercer suas tarefas em casa, classicamente femininas, sem sentir-se submetida à violência interna e deprimir-se. Como a sociedade exigiu durante séculos que os homens fossem ativos e as mulheres se submetessem a seus pais ou maridos, vemos que os protagonistas destes exemplos se colocam de maneira inversa ao que seriam as expectativas convencionais. Desta forma, quando um ser humano, homem ou mulher, é obrigado a contrariar suas disposições, isto gera efeitos e um deles é a depressão.

As profissões têm sexo, no sentido de que podem ou não harmonizar com as disposições inconscientes do indivíduo. Quando a equação sexo-profissão se inverte, o resultado mais provável é depressão. O curioso, nestes casos, é que, embora não tenha nenhum fator objetivamente homossexual no sentido estrito, o próprio sujeito interpreta sua incapacidade de satisfazer as expectativas sociais com igual rigor com que trataria um traço de homossexualidade. Sua forma de protestar, diante destas alternativas, tanto pode ser deprimindo como negando sua própria sexualidade. Por isso não é difícil que o homem sem agressividade seja sexualmente impotente ou a mulher muito ativa seja frígida como forma de resistência às imposições que a sociedade lhes faz por serem homens ou mulheres. Não escolhemos o sexo com que nascemos, porém podemos escolher nossas ocupações. Fazer o que não se deseja é uma forma de

violência e o indivíduo violentado não pode estar feliz. Não escutar as razões do inconsciente gera depressão, que é um dos modos de viver na contramão.

DEPRESSÃO ANTE A PERDA DE UM SER AMADO

Simplemente morreu. Esta vez sou o protagonista da história, a quem dão pêsames e observam como se fosse uma pessoa diferente. É verdade que não sou o mesmo de ontem, embora não possa explicar bem por quê. As coisas em casa são as mesmas, mas mudou, talvez, a luminosidade. Ou talvez meus olhos não percebam da mesma forma. Não me perguntem os detalhes, toda essa gente andando na ponta dos pés, falando entre eles sem saber bem o que dizer... Não sei o que fazem aqui. Tenho uma sensação estranha. Admito que mereço cuidados especiais; certamente que qualquer um em meu lugar estaria desolado, embora não seja precisamente o que sinto. Falta alguma coisa para que as frases adquiram sentido, mas essa coisa insiste em não aparecer.

Observo dentro de mim e ainda não registro sua ausência; me parece vê-la sorridente como sempre. Surpreendo-me falando com ela, comentando alguma coisa, irônico como sempre fui. Perplexo. É esta a palavra – perplexo – apesar de que dita assim, solta, fica um pouco estranha. Passivelmente deveria me acostumar a essa coisa que sinto no estômago. Acho que devia tomar um banho.

Desculpe, de que era que estávamos falando?

ELABORAÇÃO DA PERDA

No romance de Shakespeare, Romeu morre junto a Julieta. É esta a tendência de quem fica vivo. No cotidiano, perder o que amamos nos entristece, o que é natural, porque

a função da pena é representar dentro de nós o vazio que a pessoa amada deixou.

É preciso, como no teatro, representar o perdido, em razão de uma característica humana que consiste em desenhar no seu interior uma réplica do mundo que o cerca. É neste cenário que verdadeiramente transcorre a vida, apesar de que, olhando para os lados de forma ingênua, creiamos na exterioridade do mundo. Para formarmos uma idéia mais precisa desta questão, recordemo-nos dos velhos filmes da segunda guerra onde os generais comandavam seu exército frente a uma enorme mesa com soldadinhos, ferrovias e cidades. Com um bastão tomavam edifícios, destruíam pontes, enfim, faziam tudo como numa guerra, que na verdade eram duas: a de fora, onde realmente disparavam bombas, e a outra, situada sobre a mesa, dentro do Estado-Maior, onde havia sua representação. Em certos momentos as tropas não podem realizar o que o quartel ordena e, em outros, é o quartel que não quer tomar conhecimento de algum desastre bélico. Ambas as situações ameaçam o resultado, mas mostram bem a curiosa interação entre os desejos e os acontecimentos. Quando vivenciamos uma experiência dolorosa, uma perda importante de qualquer espécie, de imediato devemos comunicar ao quartel-general; representá-la para poder adequar desta forma a realidade operacional de nossa vida que, em função dessa informação, se modificou. Se contra toda evidência não o fazemos, persiste a ilusão de que tal perda não ocorreu, passando, assim, a operar com uma idéia errada de nossa posição. A causa desta negativa é que este dado é contrário ao nosso desejo.

Não é suficiente a morte real de alguém querido; este fato requer, para ser internalizado, dispor de seu registro simbólico, sua representação. Há acontecimentos que ocorrem meses ou anos depois de sucedidos, pois este foi o tempo que levou para reconhecê-los, registrá-los e,

obviamente, adequar a maquete a essa situação. A censura à imprensa atua da mesma forma: quando um fato não convém, se oculta ou se transforma para atenuar seus efeitos contrários a seus interesses. Necessitamos registrar e representar tanto o que ganhamos como o que perdemos; do contrário, a maquete interna e a realidade externa não coincidem. Os fatos ocorridos na realidade e ignorados por força do desejo perambulam como fantasmas, como mortos sem sepultura em busca de repouso. Sabemos que os mortos necessitam da materialidade do seu enterro para poder "registrar-se" no céu. Na realidade exterior, os acontecimentos ocorrem sem aviso prévio; na realidade interna, burocraticamente lhes concedemos ou negamos autorização para que sucedam. Por isso a realidade está dentro desse quartel onde produzimos, dirigimos e representamos a versão pessoal de nossa vida.

Mediante este recurso, algumas pessoas perderam a guerra há muito tempo, mas a ignoram até hoje. Quando o que ocorre é muito diferente do que desejamos, a guerra muda de frente e a batalha se situa entre o fato e seu conhecimento. Neste conflito, quando o que predomina é a realidade, a aceitamos porque se tornou inapelável, impossível de censurar. É o que ocorre num luto normal onde se reconhece o perdido e se pode, então, elaborar. Em troca, quando os desejos conseguem transformar a realidade, ou corrompê-la, é possível que um fato ocorra e possamos negá-lo descaradamente ou, como uma variante da negação, tirar-lhe toda a significação.

ELABORAÇÃO NORMAL DA PERDA DO SER AMADO

"Diz-lhe sua mãe:

– Filha, por meu amor, que se acabe o pranto, ou me acabe eu.

Ela responde:

- Não, não poderá ser não. As causas são muitas, os olhos são dois." (Gongora, 1590)

Apesar de Gongora, quando alguém querido morre, os anciãos recomendam chorar, pois é a eles que perguntamos o que se deve fazer. No começo respiramos fundo para confirmar que estamos vivos. Então nos comunicamos com as pessoas: é melhor saber se não morreu todo mundo... Por outro lado, a divulgação do fato evita o impacto enlouquecedor que tem a morte sobre os mais íntimos. A possibilidade de morte do ser querido nunca é novidade; pelo contrário, é uma presença constante e inevitável em todo vínculo humano. O temor desta eventualidade é tanto maior quanto mais importante a relação que está em jogo. Vemos, por exemplo, a obsessiva preocupação da mãe pelo filho quando teme que ele sofra um acidente. Esta preocupação tem dois motivos: um racional, de preservar a vida; outro inconsciente, no qual a morte é admitida e, eventualmente, desejada. Segundo se pode verificar nos sonhos ou em diversos sintomas, todo amor intenso tem um correlato inconsciente de ódio que se evidencia quando o ser amado nos frustra, nos abandona ou, inclusive, quando morre.

Quando dizemos que este ódio é reprimido, queremos dizer que está disponível para produzir diversos efeitos, tais como pensamentos trágicos, pesadelos que nos informam que esta pessoa faleceu e dos quais despertamos aliviados. O mais freqüente e incômodo destes efeitos é, sem dúvida, o temor constante de que algo possa ocorrer à pessoa que se ama. Deixa de ser uma preocupação normal para transformar-se numa antecipação permanente da tragédia. Nesse caso, o temor não se baseia numa real possibilidade estatística, mas advém da pressão exercida pela hostilidade inconsciente. Mas quando a vida real confirma este temor, se produz um efeito conhecido como "sinistro", porque nos provoca sensações de irrealidade, de loucura, já que se misturaram dois territórios, consciente e inconsciente, que

em circunstâncias normais estão bem definidos e separados. Este é o primeiro e desesperador impacto de uma tragédia que nós, por havê-la esperado secretamente sob forma de temor, recebemos como um fato que pode nos enlouquecer; isto basicamente porque a idéia de morte que estava no inconsciente agora está materializada. Essa é a mescla sinistra, com ingredientes similares aos que operam na loucura, onde também se perdem os limites precisos entre o inconsciente e a realidade. Por esse motivo uma morte prevista por motivos de doença não produz a mesma reação que aquela imprevista e surpreendente. Neste caso houve uma elaboração prévia capaz de gerar sofrimento ou dor, mas não loucura.

Passado o primeiro impacto, a segunda reação ante a morte é pensar constantemente na pessoa amada. Preocupamos o que deve estar pensando, apesar de sabermos que ela não está pensando em nada. É verdade que morremos um pouco, por solidariedade; assim lhe fazemos um pouco de companhia, supondo que a solidão é o que mais incomoda na morte. Na realidade estamos projetando um sentimento próprio: quem ficou sozinho fomos nós mesmos (admitindo que nessas horas fica difícil diferenciar quem é quem). Estamos propensos a aceitar que não somos nada; mas alguma coisa devemos ser, se consideramos a tremenda repercussão que a perda nos produz.

Tudo isso ocorre porque estamos reorganizando a maquete na qual representamos a relação com essa pessoa. Ao perceber o vazio que deixou, o pensamento pretende cicatrizá-lo, da mesma forma que uma ferida deve curar-se.

A perda de alguém muito próximo é como a dissolução de uma empresa com dois sócios que trabalharam juntos durante anos e possuem objetos em comum; esta divisão é complicada e, às vezes, discutível. Não há certeza de quem é o verdadeiro proprietário de cada objeto e com quem deve ficar. Nisso consiste o trabalho do luto. É por isso que

frequentemente se verificam modificações na personalidade de quem sofreu a perda, ou melhor: efeitos de re-acomodação de aspectos da personalidade, em particular, aqueles que funcionaram nesta relação. Também é freqüente que o sobrevivente se sinta culpado como "vencedor involuntário de um torneio" com a pessoa amada. Quando esta sensação de triunfo é intensa, além de ignorada, pode prejudicar e estender excessivamente o luto. Mas o normal é que tudo desapareça lentamente; o tempo faz com que as coisas sejam algo menores dia a dia. Como cicatriz definitiva do processo, reconhecemos haver aprendido algumas coisas que, por motivos diversos, não se ensinam nos colégios.

ELABORAÇÃO PERTURBADA ANTE UMA PERDA

Todos se compadeceram quando aconteceu. Ele pareceu encarar o fato com resignação e um ânimo notáveis. Durante todo esse ano trabalhou normalmente, mas alguma coisa rompeu-se por dentro, embora não se pudesse precisar o quê. Começou a beber e foi visto nas madrugadas, barbado e desalinhado, justamente ele que se antecipava à moda de cada temporada. Afastou-se dos amigos e foi aos poucos perdendo não só sua elegância mas seu trabalho. Raramente temos notícias suas. Dizem que dorme de dia e à noite sai sozinho. Parece que nunca mais se interessou por outra mulher. Será que a amava tanto?

NEGAÇÃO DO LUTO E SEUS EFEITOS

Quando não se é possível realizar o luto, a outra opção é viver baseado num mundo falso, onde a perda não ocorre, por força do desejo. O amor justifica essa negação mas, lamentavelmente, não restitui a vida, apenas lhe rende uma homenagem. Paga um preço alto pois, ao manipular dados

falsos, exige um enorme esforço para conservar o equilíbrio interno, com o agravante de que, se o engano persiste por muito tempo, se eterniza, condenando seu protagonista a uma prisão eterna. O único procedimento que pode dar vida a outra pessoa é matar uma parte da sua própria.

De uma ou de outra forma a perda modificou a realidade, impondo seus efeitos. É evidente que toda morte supõe necessariamente o desaparecimento de um corpo e o que fica vivo tende a oferecer o próprio; o "incorpora" num sentido forte, dando-lhe espaço no seu interior, com o objetivo ilusório de mantê-lo com vida. Como a gestante leva seu filho na barriga, no outro extremo, o da morte, se faz o mesmo, colocando o ente querido dentro de si. Esta estratégia permite que quem desaparece está presente em algum lugar, de preferência no nosso coração. Porém, se obsessivamente ocupa um lugar no nosso pensamento, acaba invadindo nosso tempo e nosso trabalho. Se não nos permite amar novamente, então, carregar esse corpo se torna muito pesado. Talvez possamos dizer que o morto está um pouco vivo em nós, e nós algo mortos por sua presença.

O escorregadio tema do limite entre vida e morte se vê bem representado em figuras da mitologia popular; refiro-me aos vampiros, considerados mortos-vivos. É possível aproveitar esta figura como modelo para compreender este tipo particular de depressão, produto da negação da morte de um ser querido.

HISTÓRIAS DE VAMPIROS

Sabe-se que os vampiros não conseguem levar uma vida muito agradável e são reconhecidamente complicados para morrer, isto por dois motivos básicos: primeiro porque já estão mortos; segundo porque, se pretendemos matá-los e eles vivem em nós, possivelmente sairemos machucados. Alimentam-se de sangue fresco, embora não de qualquer ser

vivo; só daqueles que, em vida, os amaram. Parece que o procedimento mais seguro é cravar-lhes uma estaca no coração, durante o dia, aproveitando que estão dormindo. Seus horários são inversos aos nossos porque, de dia, quando estamos em atividade, eles dormem; à noite, quando nos vence o sono, saem por aí e, de vez em quando, nos chupam o sangue. Devemos, na medida do possível, matar nossos mortos para que tenham paz e nos deixem tranquilos. Ao negar a morte, é que construímos um vampiro em nossa vida.

Um requisito indispensável, nessa trágica decisão, é admitir a morte de quem amamos, porque quando alguém nos tiraniza depois da morte é provável que, de alguma forma, também nos tenha tiranizado durante a vida e, por esse motivo, se nega a desaparecer. Isto justifica que, em tais circunstâncias, o luto jamais acabe e que a relação que se mantém com o morto seja algo similar à que existia com ele em vida. Se houve uma relação de possessividade e egoísmo em vida, estes sentimentos persistirão na morte. Aqueles que amamos de verdade e nos amaram sempre participaram da nossa felicidade, portanto, não necessitam da pseudovida eterna dos vampiros. Morrem e deixam viver.

Sintetizando, e com o apoio didático dos vampiros, registramos que os sintomas visíveis da negação de um luto são: falta de vitalidade, pelo peso do morto; insônia, para evitar ser surpreendido pelo vampiro; desinteresse, desânimo, falta de perspectivas – sintomas óbvios de quem está parcialmente morto. Não ficar em frente ao espelho, para não se ver elegante e porque os vampiros não conseguem ver-se no espelho.

Quem se nega a elaborar um luto se converte num "peso morto" para as pessoas que o rodeiam; numa companhia pouco divertida; e, ocasionalmente, pode transformar-se também em vampiro e absorver a vitalidade dos amigos vivos que ainda o acompanham.

MAIS SOBRE VAMPIROS

Ao introduzirmos estes delicados temas, verificamos algumas coincidências que serão da maior utilidade para os estudiosos desta questão. A primeira é que a cruz, símbolo do cristianismo, possui um poder deletério sobre tais seres, que escapam, horrorizados, de sua presença. Isto determina que onde há cruz, não há vampiro. Onde está Cristo, de quem se bebe o sangue no ritual da missa, não há vampiro que tenha o hábito inverso, isto é, beber o sangue do crente. O morto sob a terra, no aposento do vampiro, e a cruz está acima, marcando seu lugar, como se vê em todo cemitério. Uma estaca mata o vampiro quando cravada no seu coração: Cristo morre cravado numa estaca, maior mas do mesmo tipo que se usa nos vampiros. O coração de Cristo está visível em todas as figuras alegóricas e também Ele vive logo após ser morto. Um é luz; o outro, obscuridade. Um é dia; o outro, noite.

Levando-se adiante esta lógica, baseando-nos em Superman e Clark Kent, concluímos ser possível que ambos digam o mesmo de uma maneira diferente e por isso não possam ser vistos juntos. Possivelmente seu recado seja que a morte é iniludível e que só se pode evitar gerando um Deus ou um monstro mas, considerando a modesta posição humana, esta simplesmente morre.

PSICOSE DEPRESSIVA: A MELANCOLIA

Outro amanhecer. Meu interior reclama, invadido por uma obstinada e teimosa vontade de acabar. Ainda um pouco de medo que, no entanto, vou consumindo lentamente. Apago uma a uma as lâmpadas que iluminaram a festa até perder a diferença que existe entre ter os olhos abertos ou fechados. Minhas forças caem e, como o naufrago que bebeu a última gota de água potável, começo a sentir o bem-estar

relaxado do esquecimento. Esquecer-me de mim, porque do resto já me esqueci há tempos. E um peso e uma dor insuportáveis; por que o ignorei até hoje? Onde estive estes anos, acreditando que as coisas me agradavam? Ria indiferente, esperava, dispunha de paciência e tempo. Que estranha energia me impulsionava? Onde ficou tudo isso agora? Só resta o cansaço. Percebo que evitam falar de tudo isto comigo; concluo que há algo de obsceno na morte; algo da mais secreta intimidade que não permite que se fale em voz alta, só em sussurros, com gestos, como se dissessem que há algo vergonhoso em querer morrer.

Já desisti de esperar que a morte venha por si mesma, espontânea; isso só ocorre com aquele que quer viver. Devo estar louco, é o mais provável; ou será que esses loucos querem me convencer de um absurdo? Acabemos de uma vez! Por favor, soltem-me que senão me mato!

OBSERVANDO A MELANCOLIA

Basta uma olhada para diagnosticar a melancolia que é, sem dúvidas, a mais grave das depressões. Se a pessoa afetada é um homem, vemos que há dias não faz a barba nem toma banho. Seu olhar aquoso, o corpo flácido e alguma ironia na expressão geram em outra pessoa o sentimento de um salva-vidas que deseja salvar alguém que pretende afogar-se. Durante todo o dia olha para o teto, não tem vontade de fazer nada, a não ser morrer.

Quando é uma mulher, está descuidada, sem maquiagem, os cabelos oleosos; desvia o olhar, pois sabe que é impossível chegar aonde ela está.

Os melancólicos se negam a comer, a beber, a defecar e só é possível cada batida do coração porque seu automatismo é inviolável.

RAZÕES DA MELANCOLIA

Na origem da melancolia encontra-se um ódio intenso. Como na depressão existe a impossibilidade de externá-lo, essa doença é a intoxicação que o indivíduo sofre com sua própria hostilidade; como o escorpião que, ao ver-se perdido, se mata com o próprio veneno. Ao fazer isso, o escorpião assume o lugar de seu inimigo e se mata, o que também acontece na melancolia. Mas o efeito talvez mais surpreendente e paradoxal é que, quando manifesta o desejo de matar-se, na verdade está realizando uma desesperada tentativa de matar a outra pessoa a quem odeia. Por isso todo suicídio é um homicídio, como nos ensina a psicanálise. Na melancolia o corpo se transforma numa casca vazia. Abandona-se porque deixou de ser SUJEITO de suas ações para ser, inconscientemente, OBJETO de um criminoso, que é ele mesmo. A realidade deste ângulo perde o sentido do interno e do externo. Por isso a gravidade do quadro melancólico é tanto maior quanto menos se percebam os indícios da realidade.

A inversão melancólica faz com que também a pele troque de lugar. Fica por dentro, enquanto as vísceras se externam. Sofre por sentir-se em carne viva, como costuma dizer. Como uma luva de lã retirada rapidamente, ele se vê pelo avesso: tudo igual, mas ao contrário. Por essa razão, quando abre os olhos, o melancólico olha para dentro de si, embora a paisagem que aparentemente observa seja exterior. Por isso nos olha sem interesse quando o interpelamos; por isso não move um músculo quando lhe damos uma ordem ou uma notícia. Dizemos que nele se produziu uma regressão; progredimos quando saímos de dentro e descobrimos o mundo, regredimos quando renunciamos a ele e afundamos na nossa subjetividade. Não se trata de um ato de introspecção nem de reflexão, mas sim da inversão da polaridade da existência. Olhamos para dentro acreditando

que olhamos para fora. Ficamos imersos num universo sem janelas, nessa única paisagem que um cego pode desenhar.

Este mundo louco, que chamamos de narcisista, se converte então numa entidade tão subjetiva que, ao escutar o canto de um pássaro, pensa que chora ou que anuncia o juízo final. Ocupa o espaço exterior com sua tragédia pessoal, ficando a realidade vazia e carente de sentido. O melancólico, fortemente subjetivo, é irreflexivo, resiste à lógica, porque nenhum argumento conseguirá convencê-lo de que este estado é imaginário ou transitório.

Enquanto que a vida nos conduz para algum lugar sem nos consultar, ao operar-se a transformação melancólica, toda vontade é mortífera. A existência - esta que nos faz acordar de manhã com a ilusão de que a vida transcorre, e que vale por si mesma -, ao ter sua polaridade invertida, produz um efeito contrário: todo entusiasmo, desânimo; toda energia, fragilidade. A força de viver, melancolizada, se converte em determinação suicida. A natural aspiração à simpatia, às carícias e cuidados dos outros, ao transformar-se em melancólica, cria a busca incansável de castigo, de punição.

A fome que alimenta se converte em autofágica, canibal, razão por que ele perde o apetite. A presença dos outros se transforma em ausência, em buracos, como as revistas que as crianças recortam quando precisam de figuras para colar nos cadernos.

PERVERSÃO MASOQUISTA: O CASTIGO EROTIZADO

Todo ser humano, para poder introduzir-se no mundo social, deve aprender normas de comportamento, aceitar os direitos alheios, hábitos e cuidados de alimentação, de higiene, etc. Por isto algumas pessoas são melhor educadas que outras. Esta é uma responsabilidade dos pais, ou, em condições habituais, do pai, que eventualmente utiliza

castigos corporais como forma de persuasão quando outros métodos são inúteis. Com raras exceções todos fomos alguma vez protagonistas desse modelo educativo. Algumas crianças reagem ao castigo de um modo especial. Longe de evitá-lo, como é lógico e convencional, buscam ser castigadas. Parece que esta é uma atitude que, por um curto período da vida, é normal, e que rapidamente se sai dela sem produzir maiores transtornos. Em referência a esta fase recordamos os comentários das mães em conversa com as vizinhas: "– Não sei o que há com esse menino, mas parece que faz o possível para ser castigado...". Esta vocação para o castigo, que chamamos de masoquismo, num determinado momento de nossas vidas desaparece e não deixa nenhuma lembrança consciente, embora perdure como uma marca persistente em todo ser humano: por exemplo, a figura de Deus, para os crentes, e as atitudes de respeito ou temor pela Lei ou autoridades herdam uma parte do vínculo masoquista que se viveu na infância. Por isto somos temerosos de Deus ou respeitosos com a lei. Ao estabelecer-se uma relação de temor ou excessivo respeito por essas figuras, o ser humano pratica uma forma relativamente normal de SUBMISSÃO. Mas também pode ser origem de problemas de comportamento.

EVOLUÇÃO MASOQUISTA

Em outras circunstâncias, nas quais há um desenvolvimento anormal, observamos que o indivíduo se fixa no desejo de castigo. Se este desejo se expressa na vida sexual, ele se configurará como um indivíduo com práticas eróticas masoquistas, ou seja, aquele que goza sexualmente com a condição de ser maltratado durante o ato sexual. Mas nem sempre o corpo é o destinatário do castigo; às vezes a própria vida é uma tortura, um castigo perpétuo. Um exemplo ilustrativo extraído da literatura foi o do genial Fedor Dostoiewsky. Segundo seus biógrafos, era um incorrigível jogador e inúmeras vezes chegou a perder toda sua fortuna.

Ao entrar em bancarrota, chegava para sua mulher, implorando perdão, e era nesses momentos que, para recuperar-se financeiramente, se tornava produtivo e escrevia de maneira genial. Foi neste clima que produziu Os irmãos Karamazov. Necessitava cometer uma imprudência no jogo, ficar na miséria, enlouquecer de culpa, para poder produzir literariamente. E um modelo de masoquismo, de vocação para o sofrimento e um modo de conseguir ser castigado por sua própria mulher que, ao entender o mecanismo, assumia o papel de verdugo. Essa modalidade de masoquismo é uma variedade de depressão, com comportamentos que aspiram ao castigo, embora o sujeito ignore conscientemente o intenso prazer presente no seu sofrimento.

O masoquista que se faz castigar para ter um orgasmo tem um gozo visível, enquanto o depressivo goza subterraneamente, de uma maneira que passa despercebido, para ele e para quem o rodeia. Seu gozo não é o convencional, mas recordemos que o que satisfaz o masoquista é o sofrimento.

Esta leitura nos permite entender que na medida em que o depressivo goza quando sofre, é normal que queira proteger seu sofrimento psíquico como seu dom mais precioso. Por esta razão toda boa notícia é má e toda tragédia uma boa nova.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD SIGMUND – Obras Completas, Rio de Janeiro – Editora Imago

- 1- Luto e melancolia. (1917)
- 2 - Uma criança é espancada. (1919)
- 3 - O problema econômico do masoquismo. (1924)

4 - O sobrenatural. (1919)

5 - Dostoiewsky e o parricídio. (1916)